



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CARLA PEREIRA DE CASTRO

**A ESCRITA FEMININA CEARENSE DO SÉCULO XIX: UMA PERSPECTIVA DE
ANÁLISE DA POESIA DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTILDE**

FORTALEZA

2021

CARLA PEREIRA DE CASTRO

A ESCRITA FEMININA CEARENSE DO SÉCULO XIX: UMA PERSPECTIVA DE
ANÁLISE DA POESIA DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTILDE

Dissertação apresentada a Coordenação
do Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do Ceará
como requisito para a obtenção do grau
de Mestre em Letras. Área de
concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Stélio Torquato Lima

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C35e Castro, Carla Pereira de.
A escrita feminina cearense do século XIX : uma perspectiva de análise da poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde / Carla Pereira de Castro. – 2021.
154 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Stélio Torquato Lima.
1. Escrita de autoria feminina. 2. Crítica literária gendrada. 3. Literatura cearense. 4. Ana Nogueira Batista. 5. Francisca Clotilde Barbosa Lima. I. Título.

CDD 400

CARLA PEREIRA DE CASTRO

A ESCRITA FEMININA CEARENSE DO SÉCULO XIX: UMA PERSPECTIVA DE
ANÁLISE DA POESIA DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTILDE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito para o grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovado em: 20/ 01/ 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Stélio Torquato Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Mary Nascimento da Silva Leitão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Gildenia Moura de Araújo Almeida
Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC)

A minha mãe, a Senhora Tereza Pereira de Castro, pelo incentivo e apoio à dedicação aos estudos;

Ao meu irmão Carlos e a minha irmã Carmem, pela companhia fraterna de todos os dias;

Em memória da professora Edilene Ribeiro Batista, que foi minha orientadora no início do mestrado e que se dedicava a pesquisar as escritoras oitocentistas relegadas ao esquecimento;

A todas as mulheres pesquisadoras que se dedicam ao resgate da escrita de autoria feminina, a qual por tanto tempo ficou silenciada e ainda hoje permanece ausente dos cânones literários.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Stélio Torquato Lima, por ter me recebido como orientanda e por ter me guiado no caminho do desenvolvimento da escrita desta dissertação.

Às professoras Gildênia Moura de Araujo Almeida e Mary Nascimento da Silva Leitão, por terem sido minhas professoras no mestrado e por aceitarem participar da banca de defesa.

A todos os professores do mestrado em Literatura Comparada da UFC.

A todos os profissionais da secretaria do PPGLetras e a todos os profissionais da biblioteca do Centro de Humanidades.

A todas as pessoas e instituições que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

“Sim, cada morto deixa um pequeno bem,
sua memória, e pede que cuidemos dele.”
(Jules Michelet).

RESUMO

Este estudo analisa como as marcas que singularizam a escrita de autoria feminina aparecem na poesia de Ana Nogueira Batista (1870-1967) e de Francisca Clotilde Barbosa Lima (1862-1935) publicadas no século XIX e que se encontram dispersas em jornais, revistas e almanaques da época. Como referência de análise, recorreremos às características da escrita feminina apontadas por Lúcia Castello Branco na obra *A Mulher Escrita*, publicada originalmente em 1989 em parceria com Ruth Silviano Brandão. A pesquisa também se orienta por estudos teóricos sobre a literatura cearense e, principalmente, sobre a trajetória e afirmação da mulher no mundo das letras, seja em escala mundial, seja no plano nacional/local. Nessa perspectiva, importa dar destaque aqui aos seguintes autores: Sânzio de Azevedo (1976), Mozart Soriano Aderaldo (1987), Antônio Sales (1922), Cecília Maria Cunha (2008), Heloísa Buarque de Hollanda e Lucia Nascimento Araújo (1993), Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1985), Greicy Pinto Bellin (2011), Hélène Cixous (1976), Constância Lima Duarte (1990; 2003) e June Edith Hahner (1981). Através do resgate e da análise dos poemas selecionados, colocamos em evidência duas autoras cearenses que não aceitaram se manter à margem da sociedade, tendo as duas participado ativamente dos movimentos intelectuais e sociais como o Clube Literário, Padaria Espiritual e luta pela libertação dos escravos. O resgate das duas poetisas, assim, revela-se importante, uma vez que contribui para preencher uma lacuna causada pelo número ainda escasso de estudos sobre grandes escritoras brasileiras silenciadas pela tradição androcêntrica das letras nacionais.

Palavras-chave: Escrita de autoria feminina. Crítica literária gendrada. Literatura cearense. Ana Nogueira Batista. Francisca Clotilde Barbosa Lima.

ABSTRACT

This study analyses how the marks that singularize the writing of female authorship appear in the poetry of Ana Nogueira Batista (1870-1967) and Francisca Clotilde Barbosa Lima (1862-1935) published in the 19th century and that are scattered in newspapers, magazines and almanacs of that time. As a reference for analysis, we resorted to the characteristics of female writing pointed out by Lúcia Castello Branco in the work *A Mulher Escrita*, originally published in 1989 in partnership with Ruth Silviano Brandão. The research also is guided by theoretical studies on Ceará literature and, mainly, on the trajectory and affirmation of women in the world of letters, whether on a world scale or at the national/local level. In this perspective, the following authors should be highlighted: Sânzio de Azevedo (1976), Mozart Soriano Aderaldo (1987), Antônio Sales (1922), Cecília Maria Cunha (2008), Heloísa Buarque de Hollanda and Lucia Nascimento Araújo (1993), Branca Moreira Alves and Jacqueline Pitanguy (1985), Greicy Pinto Bellin (2011), Hélène Cixous (1976), Constância Lima Duarte (1990; 2003) and June Edith Hahner (1981). Through the rescue and analysis of the selected poems, we highlighted two female writers from Ceará who did not accept to remain on the margins of society, since both participated actively in the intellectual and social movements such as Clube Literário (Literary Club), Padaria Espiritual (Spiritual Bakery) and the struggles for the freedom of slaves. So, the rescue of the two poets proves to be important since it contributes to fill a gap caused by the still scarce number of studies on great Brazilian female writers silenced by the androcentric tradition of our national letters.

Keywords: Writing by women. Gendered literary criticism. Literature from Ceará. Ana Nogueira Batista. Francisca Clotilde Barbosa Lima.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MARCAS DA ESCRITA FEMININA	17
2.1	Pioneiras da Luta e da Escrita Feminista	17
2.2	Crítica Feminista no Questionamento do Cânone	23
2.3	Crítica Feminista e Escrita Feminina	28
3	A ESCRITA LIBERTÁRIA DE ANA NOGUEIRA BATISTA E FRANCISCA CLOTILDE BARBOSA LIMA	39
3.1	A Mulher nas Letras Cearenses	39
3.2	Ana Nogueira Batista: uma Poética de Dores e Amores	49
3.3	Francisca Clotilde Barbosa Lima: entre o Lirismo e o Engajamento	59
4	MARCAS DA ESCRITA FEMININA: MANIFESTAÇÕES NA POESIA DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTILDE	67
	Uma Escrita Erotizada	67
4.1	A Total Indissociabilidade do Sujeito do Poema e seu Texto	72
4.2	Uma Percepção Lírico-Romântica do Universo	75
4.3	Uma Poética “Uterina”, gerada e gerida nas Entranhas	78
4.4	A Presença de uma Atmosfera de Mistério e Obscuridade	82
4.5	A Constante Recorrência à Infância	84
4.6	MARCAS DA ESCRITA FEMININA: AUSÊNCIAS NA POESIA DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTILDE	89
5	O Lugar de Fala de Ana Nogueira e Francisca Clotilde	89
5.1	As Marcas da Escrita Feminina Ausentes em Ana Nogueira e Francisca Clotilde	92
5.2	O Trânsito entre a Santidade e o Desvario	92
5.2.1	O Texto como Fruto de uma Paixão Insaciável	94
5.2.2	A Busca da Identidade, a qual se revela Erigida pela Teia da Ausência	97
5.2.3	O Girar em Círculos, resultante da Tentativa de dizer o Indizível	103
5.2.4	A Ligação com a Oralidade	104
5.2.5	O manter-se ao Lado do Psicótico em nossa Cultura	105
5.2.6	Uma Linguagem Pré-Discursiva, Ambígua, Caótica	107

5.2.7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
6	REFERÊNCIAS	110
	ANEXO A: ÍNTEGRA DOS POEMAS DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTIDE CITADOS NA PESQUISA	119

1 INTRODUÇÃO

Os nomes das mulheres foram sistematicamente excluídos da História, embora tenham participado dos movimentos sociais desde tempos remotos. Por essa razão, a historiografia que aborda a participação da mulher na sociedade ao longo dos tempos está sendo atualmente revista com o fim de corrigir esse silenciamento das vozes femininas.

No plano da literatura de ficção, a exclusão das mulheres evidencia-se com clareza, a julgar pelo reduzido número de nomes femininos no cânone literário ocidental até pelo menos o século XIX. Em palestra proferida em 14 de agosto de 2019, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), *campus* de São Cristóvão, Constância Lima Duarte descreveu esse apagamento como *memoricídio*, termo que a pesquisadora associa à invisibilidade das escritoras da história e da literatura com o intuito de silenciá-las e ocultar suas produções intelectuais. (Cf. DUARTE, 2020, p. 13)

Por séculos, realmente, foi reservado à mulher apenas o papel de musas ou, no outro extremo, de inimigas do homem, quer fossem estas bruxas, quer fossem estas instrumentos da ação diabólica com o fim de atiçar a cupidez do homem, desviando-o do caminho da retidão. Não é demais destacar que essa representação da mulher como sedutora e defletora do bom caminho já aparece no livro do Gênesis, no trecho em que Adão procura justificar sua desobediência a Deus:

E chamou o SENHOR Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás?
 Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e porque estava nu, tive medo e me escondi.
 Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?
 Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 9 – Gên. 3: 9-12).

A referência ao mito edênico, a propósito, é emblemático para mostrar como a sociedade patriarcal recorreu a esta e outras passagens da Bíblia para tentar justificar uma suposta inferioridade do “sexo frágil”, como destaca Maria Ângela de Faria Grillo:

Alguns santos da Igreja Católica condenam a mulher como se ela representasse um poderoso instrumento do diabo. Como exemplo, podemos citar que, segundo Santo Ambrósio, “Adão foi levado ao pecado

original por Eva e não Eva por Adão. É justo que a mulher aceite como senhor aquele a quem ela transviou”. Para São João Crisóstomo: “Entre todas as feras selvagens nenhuma é tão nociva como a mulher”. E, de acordo com Santo Tomás de Aquino: “O homem está acima da mulher, como Cristo está acima do homem. É um estado de coisas imutáveis que a mulher esteja destinada a viver sob a influência do homem”. (GRILLO, 2007, p. 125).

Em estreita sintonia com o pensamento dos autores citados pela pesquisadora, estão as seguintes palavras de Tertuliano, que viveu entre os anos de 160 e 220 e que foi um dos mais respeitados pensadores das primeiras fases do Cristianismo:

Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano. Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocaste a árvore de satã e que, em primeiro lugar, violaste a lei divina.” (*Apud* DELUMEAU, 1989, p. 316).

Em função dessa visão misógina que orientou o pensamento europeu durante tantos séculos, não surpreende que tenha sido vedado o acesso da mulher aos palcos das letras. Para além do fato de terem permanecido fechadas as portas das instituições de ensino às mulheres, havia um entendimento de que a criação literária seria uma:

prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição. Tal qual um Deus Pai que criou o mundo e nomeou as coisas, o artista torna-se o progenitor e procriador de seu texto. À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação. (TELLES, 2002, p. 403).

No Brasil, não foi diferente o tratamento dispensado às mulheres pela Europa anterior à Modernidade, na qual predominou o patriarcado, regime que, como explica Heleieth Saffioti (2011, p. 44), tem como marca a dominação-exploração das mulheres pelos homens. Esse regime está presente em nosso país desde a chegada das primeiras caravelas, como informa Charles Expilly na obra *Mulheres e costumes do Brasil*:

Uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar. Desse provérbio, nasceu um hábito odioso, conscienciosamente praticado em Portugal e introduzido por Cabral e seus companheiros no Brasil, hábito esse que dominou por três séculos. (EXPILLY, 1977, p. 269).

Nesse contexto claramente misógino, não surpreende que as primeiras mulheres que ousaram se transformar em sujeitos da escrita, tenham sofrido grande carga de preconceito. Exemplifica isso as seguintes palavras com as quais Gilberto Freire descreve o incômodo causado pela chegada de Nísia Floresta aos palcos das letras:

Nísia Floresta surgiu – repita-se – como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio de homens a dominarem sozinhos todas as atividades extradomésticas, as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase histórias do Troncoso, causa pasmo ver uma figura como a de Nísia. (FREIRE, 1985, p. 109).

Destarte, tal como ocorreu Nísia Floresta, o cânone literário brasileiro negou espaço a outras pioneiras da escrita feminina/feminista. Tanto é assim, que Rachel de Queiroz costuma ser a primeira mulher a aparecer em livros nacionais de historiografia literária, ficando no esquecimento autoras como Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), Maria Firmina dos Reis (1825-1917) e Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913).¹

Em um recorte ainda mais específico, a literatura cearense espelha a dificuldade do acesso das mulheres ao universo das letras, como comprova o pouco número de autoras mencionado em obras de historiografia literária do Estado. Por exemplo: em *Literatura cearense*, publicada em 1976 pelo professor Sânzio de Azevedo, apenas cinco mulheres são citadas, todas do século XX, ao passo que se mencionam não menos que duzentos escritores. São elas: Cândida Galeno, Lúcia Fernandes Martins, Margarida Sabóia de Carvalho, Marly Vasconcelos e Rachel de Queiroz.

Como na obra do professor Sânzio, outras obras da historiografia literária cearense trazem um número ínfimo de autoras em relação ao número de homens: em *Ceará Intelectual* (1910), de Joaquim da Costa Nogueira, são citadas seis escritoras e 18 escritores; em *Poetas esquecidos* (1938), de Mario Linhares, temos mais de vinte poetas e apenas três poetisas; do mesmo autor é *História literária do Ceará* (1948), obra na qual estão retratados quase duzentos escritores e apenas 12

¹ Visando dar maior visibilidade à obra dessas e outras autoras brasileiras não contempladas na historiografia literária nacional, lançamos em 2019 a obra *Resquício de memórias: dicionário biobibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século dezenove*, a qual apresenta o registro da vida e da obra de escritoras que nasceram no período compreendido entre 1801 e 1900.

mulheres; por fim, Augusto Linhares, em sua *Coletânea de poetas cearenses* (1952) destaca mais de 80 autores homens e apenas 8 escritoras.

Bastante sintomático do quanto as escritoras pioneiras cearenses não se sentiam à vontade em adentrar um território marcadamente masculino (e machista) à época é a forma como Francisca Clotilde Barbosa Lima se coloca em seu poema “Horas de delírio”, publicado no jornal *Cearense*, edição de 1º de fevereiro de 1877, quando a autora contava com apenas quinze anos e ainda era aluna do Colégio Imaculada Conceição: o poema composto de onze quadras traz uma voz poética masculina, como se observa nos seguintes trechos, abertura e fecho da obra:

Sozinho não posso viver descuidado
Sem que minha lira não esteja a cantar,
Embora sozinho, nas horas noturnas
Sentado ao terreiro no branco luar.

(...)

Sabei que o poeta cismando deleia
Ao espaço infinito se vai arrojar;
E sua lira de arcanjo com som mavioso.
Procura aos viventes mistério abafar. (LIMA, 1877, p. 4)²

Para além da opção de um *eu* poético masculino, cabe destacar que a escritora assinou seu poema apenas com as iniciais, confirmando claramente sua intenção de ocultar sua condição feminina. Por evidências como essa, e em função do pouco interesse pelas escritoras por parte da historiografia literária, seja aqui ou em outros países, a crítica literária de orientação feminista tem buscado fazer esse resgate de autoras não contempladas no cânone. Essa linha de pesquisa e análise literária, que começou nos anos 60 do século passado com a intenção de “desmascarar a misoginia da prática literária” (FUNCK, 1994, p. 18), investigando como a mulher era representada em obras de autores homens, foi deixando aos poucos de “ênfatisar o texto masculino como objeto de estudo para se concentrar na redescoberta e na investigação de uma literatura feita por mulheres” (FUNCK, 1994, p. 18). Por fim, entrando em uma terceira fase, essa corrente crítica começou nos anos 80 a avaliar criticamente “uma tradição tematicamente coerente e de inestimável valor artístico, que havia sido apagada – ou marginalizada – pelos

² As fontes de onde foram extraídos os poemas de Ana Nogueira Batista e Francisca Clotilde Barbosa Lima citados nesta pesquisa, os quais tiveram a linguagem atualizada, são informadas em seção específica das Referências. Nos anexos, está disponível a íntegra dos referidos poemas.

valores dominantes. Descobriram-se [assim] novas obras, valorizaram-se novos gêneros literários, criou-se uma nova tradição.” (FUNCK, 1994, p. 18). Intimamente integrada nessa orientação de análise do literário, Lúcia Castello Branco afirma que:

Quando penso na escrita feminina, penso numa construção discursiva que obedece a uma outra lógica, a uma outra configuração. Essa lógica, que alguns preferem entender como barroca, outros como uma nostalgia de um antes do tempo e da linguagem, é preciso ser pensada não dicotomicamente, não antinomicamente com relação ao masculino, não como alguma coisa que seria o seu complemento, mas o seu suplemento. Entendida, portanto, como suplementar, em relação ao que se pode chamar de um discurso literário tradicional ou oficial, essa escrita trará sempre elementos que, ao invés de se oporem aos elementos do paradigma, algumas vezes configuram-se como um a mais com relação ao paradigma. Mas é preciso que se entenda que esse a mais não compreende um juízo valorativo, que distingue a escrita feminina como excessiva em virtude de sua plenitude ou totalidade, em virtude de sua capacidade de tudo conter. (BRANCO, 1994, p. 50-51).

Guiada por esse entendimento, aliás, a pesquisadora defende em *A mulher escrita* (1989) que, como reação ao androcentrismo³ que tradicionalmente caracterizou a historiografia literária ocidental, as obras escritas por mulheres passaram a apresentar marcas muito características:

Antes de chegar a Florbela Espanca e a Gilka Machado, antes de rastrear as incríveis semelhanças poéticas dessas “desvairadas” de seu tempo, minha determinação era a de definir e analisar a escrita feminina em distinção ao paradigma literário masculino que tem lugar nas histórias literárias oficiais. Alguma coisa me dizia (e ainda me diz) que umas tantas poetisas brasileiras de que nunca ouvimos falar mantiveram, ao longo de suas vidas obscuras, um diálogo de surdas, repetindo, incessantemente, as mesmas indagações, os mesmos desejos reprimidos ou incontroláveis, a mesma batida sufocada ou desenfreada – mas sempre insaciável – dos corações. (BRANCO, 1989, p. 87).

Partindo dessa premissa, esta pesquisa se desenvolve a partir do resgate em vários jornais do século XIX e XX, tanto cearenses quanto de outros estados, da poesia das escritoras cearenses Ana Nogueira Batista (1870-1967) e Francisca Clotilde Barbosa Lima (1862-1935). Nesse processo, a análises dos poemas das referidas autoras terá como objetivo central analisar em que pontos essas marcas de

³O termo androcentrismo foi criado pelo sociólogo americano Lester F. Ward em 1903. Está intimamente ligado à noção de patriarcado. Entretanto, não se refere apenas ao privilégio dos homens em relação às mulheres, mas também à forma com a qual as experiências masculinas são consideradas como as experiências de todos os seres humanos e tidas como uma norma universal, tanto para homens quanto para mulheres, sem dar o reconhecimento completo e igualitário à sabedoria e experiência feminina.

uma suposta escrita feminina apontadas por Lúcia Castello Branco são ora ratificadas, ora negadas na obra poética das duas autoras cearenses. Para tanto, iremos demonstrar como o contexto sócio-histórico vivido pelas autoras explica a presença e/ou ausência de determinados traços característicos da escrita feminina em suas obras.

Em termos estruturais, convém destacar que esta pesquisa se acha dividida em quatro seções.

Na primeira, intitulada “Marcas da Escrita Feminina”, apresenta-se uma discussão sobre a difícil trajetória das escritoras pioneiras, ao que se segue uma análise dos pressupostos centrais da crítica literária de orientação feminista. A seção se encerra com uma abordagem da contribuição de Lúcia Castello Branco para os estudos feministas brasileiros, principalmente no tocante às marcas que a pesquisadora identifica no tocante à criação literária produzida por mulheres.

Na segunda seção, intitulada “A Escrita Libertária de Ana Batista Nogueira e Francisca Clotilde Barbosa Lima”, descreve-se como as referidas autoras dialogaram com o contexto sócio-histórico que marcou a produção de suas obras, principalmente no sentido de imprimirem aos seus textos um viés libertário. A seção se abre, no entanto, com destaque para outras pioneiras da escrita feminina/feminista na literatura cearense, enfatizando os nomes de Alba Valdez (1874-1962), Emília de Freitas (1855-1908), Ana Facó (1855-1926) e Júlia Galeno (1890-1978).

Na terceira seção, intitulada “Marcas da Escrita Feminina: Manifestações na Poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde”, mostramos como as marcas caracterizadoras da literatura feminina/feminista apontadas por Lúcia Castello Branco em *A Mulher Escrita* (1989) estão presentes na poesia das duas autoras.

Na quarta e última seção, intitulada “Marcas da Escrita Feminina: Ausências na Poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde”, após uma breve consideração sobre o espaço de fala de Ana Nogueira e Francisca Clotilde, são apresentadas as marcas da escrita feminina apontadas por Lúcia Castello Branco que, por condicionantes sociais que são por nós enfatizadas, não vieram a caracterizar os textos poéticos das duas cearenses.

2 MARCAS DA ESCRITA FEMININA

O enfrentamento da mentalidade patriarcal deu-se por avanços e recuos sucessivos, exigindo das pioneiras desse embate grande cota de ousadia e resiliência. Como fruto dessa luta, como defendem alguns analistas, as obras produzidas pelas mulheres ganharam formatações que traduzem os sentimentos de quem esteve sempre à margem, mas que soube manter suas convicções e sua coragem de seguir resistindo.

Trazendo essas discussões a lume, a presente seção resgata algumas das mulheres pioneiras que ousaram enfrentar a visão misógina, seja no plano mundial, seja no cenário brasileiro. Como desdobramento dessa discussão, discute-se sobre alguns dos pressupostos centrais da crítica literária feminista, incluindo a percepção que a pesquisadora Lúcia Castello Branco defende acerca das marcas que caracterizam as obras escritas por mulheres.

2.1 Pioneiras da Luta e da Escrita Feminista

As diferenças entre os sexos remontam a tempos muito longínquos. Na Grécia antiga, por exemplo, como destaca Moisés Romanazzi Tôrres (2001), os trabalhos manuais, que eram extremamente desvalorizados pelo homem livre, destinavam-se aos escravos e às mulheres. Os escravos podiam ser alforriados ou comprar sua própria liberdade; já as mulheres não tinham essa possibilidade e viviam eternamente submissas. Nesse contexto, em Atenas ser livre era ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo. Todos os trabalhos que eram ligados à subsistência do homem eram desenvolvidos pela mulher que tinha como função primordial a reprodução da espécie humana. A mulher gerava, amamentava, criava os filhos, trabalhava com a fiação, a tecelagem e a alimentação, também exercia trabalhos pesados como a extração de minerais e o trabalho agrícola. Enquanto o homem desenvolvia trabalhos mais nobres relacionados aos estudos da Filosofia, à política e às artes. O único registro da participação feminina desse período foi a escola fundada por Safo no ano de 625 A.C.

Refletindo sobre a condição da mulher na Roma antiga, Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1985) dão registro às reivindicações das mulheres pelo

direito à utilização do transporte público no ano de 195 da nossa era. Como explicam as pesquisadoras, as mulheres protestavam no senado romano contra a sua exclusão do uso dos transportes públicos, um direito concedido exclusivamente aos homens. Diante desse protesto, assim se manifestou o senador Marco Pórcio Catão:

Lembrem-se do grande trabalho que temos tido para manter nossas mulheres tranquilas e para refrear-lhes a licenciosidade, o que foi possível enquanto as leis nos ajudaram. Imaginem o que sucederá, daqui por diante, se tais leis forem revogadas e se as mulheres se puserem, legalmente considerando, em pé de igualdade com os homens! Os senhores sabem como são as mulheres: façam-nas suas iguais, e imediatamente elas quererão subir às suas costas para governá-los”.

Estas palavras expressam com clareza a relação de poder entre os sexos. Não é de complementaridade e sim de domínio e submissão, de coerção e resistência, que Catão fala. O Direito aparece, assim, nitidamente, como um instrumento de perpetuação desta assimetria, legitimando a inferioridade da posição social da mulher romana. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 14-15)

A desvalorização da mulher perpetuou-se durante o Renascimento, tendo em vista que, durante esse período, determinadas atividades vão gradativamente tornando-se do domínio masculino, ao mesmo tempo em que as corporações de ofício se fecham à participação feminina. Todavia, em contraposição a essa situação, as primeiras vozes de contestação feminina que a história moderna registra se dirigem justamente contra a desigualdade sexual no acesso à educação e ao trabalho.

É na resistência à mentalidade misógina que Cristiane de Pisan (1363-1430), escritora e filósofa italiana radicada na França, onde se tornou a primeira mulher a assumir a função de poeta oficial da corte, veio a ser considerada a primeira feminista. Seu discurso consciente e articulado em defesa dos direitos da mulher defendia a igualdade entre os sexos. Nessa perspectiva, seu texto *A cidade das mulheres* seria o primeiro tratado feminista. Nele, a escritora rejeita as generalizações que imputam inferioridade ao sexo feminino e condena a dupla moral, pelo qual o mesmo ato é crime quando praticado pela mulher e apenas pequeno defeito quando pelo homem.

Nos Estados Unidos, a luta pela libertação culminou na Declaração de Independência, documento que expressa em seu princípio básico a igualdade entre os homens. “Todos os homens foram criados iguais”. Todavia, temendo que o conceito “homem” contido na Declaração abarcasse tão-somente o sexo masculino, Abigail Smith Adams, esposa de John Adams, segundo presidente dos Estados

Unidos, recorreu ao marido para que os princípios fossem também estendidos às mulheres. Entretanto, a resposta que ela recebeu não apenas confirmava como ratificava o desejo de exclusão das mulheres ao que tange a busca pela igualdade de direitos.

Quanto ao seu extraordinário Código de Leis, eu só posso rir. Nossa luta, na verdade, afrouxou os laços de autoridade em todo o país. Crianças e aprendizes desobedecem, escolas e universidades se rebelam, índios afrontam seus guardiães e negros se tornam insolentes com seus senhores. Mas a sua carta é a primeira intimação de uma outra tribo, mais numerosa e poderosa do que todos estes descontentes (...). Esteja certa: nós somos suficientemente lúcidos para não abrir mão do nosso sistema masculino. (*Apud* ALVES, 1985, p. 31)

No mesmo período, na França, quando eclodiam revoluções, a mulher que participava ativamente ao lado do homem no processo revolucionário também não via as conquistas políticas se estenderem ao seu sexo. É nesse momento que o feminismo adquire características de um movimento com um discurso próprio em defesa da mulher, pois Olympe de Gouges publica, em 1791, um texto intitulado *Os direitos da mulher e da cidadã*, no qual afirma:

Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir o meu sexo? (...) Ele quer comandar como déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais. (...) Esta Revolução só se realizará quando todas as mulheres tiverem consciência do seu destino deplorável e dos direitos que elas perderam na sociedade. (*Apud* ALVES; PITANGUY, 1985, p. 34)

A ousadia de Olympe de Gouges, no entanto, seria brutalmente punida, sendo a escritora francesa silenciada em 3 de novembro de 1793 em uma guilhotina. Reações como estas contra quem questionava os direitos da mulher, porém, não impediram que novas vozes libertárias fossem se multiplicando. Na Inglaterra, por exemplo, Mary Wollstonecraft escreveu em 1792 *Defesa dos direitos da mulher*. Nessa obra, opondo-se às ideias de Rousseau com relação à mulher, a autora contestou a existência de diferenças “naturais” no caráter ou na inteligência de meninos e meninas.

Ainda na Inglaterra, é importante destacar o papel que Virginia Woolf, celebrizada por obras como *Mrs. Dalloway* (1925), *Passeio ao Farol* (1927) e *Orlando* (1928), teve no cenário da emancipação da mulher como escritora. A autora, após constatar a presença quase insignificante de obras escritas por mulheres nas bibliotecas que visitou, defendeu no clássico estudo *Um teto todo seu*,

de 1929, que isso se devia a uma visão misógina que equivocadamente associava o gênero feminino a uma suposta inferioridade mental, moral e física. Daí, a pouco número de obras produzidas por mulheres.

Insurgindo-se contra essa ideia, Woolf mostra que a indiferença do mundo, que Keats e Flaubert e outros homens de gênio tiveram tanta dificuldade de suportar, não era, no caso da mulher, indiferença, mas, sim, hostilidade. O mundo não lhe dizia, como a eles: “Escreva, se quiser; não faz nenhuma diferença para mim”. O mundo dizia numa gargalhada: “Escrever? E que há de bom no fato de você escrever?” (WOOLF, 1985, p. 66). Foi com esse entendimento que a autora advogou que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção”. (WOOLF, 1985, p. 7-8)

A despeito de irem se ampliando essas vozes que se levantavam contra as diferenças de tratamento entre os sexos, essas vozes libertárias viram, com a consolidação do sistema capitalista no séc. XIX, uma nova trincheira a ser ocupada: embora as mulheres trabalhassem em extensas jornadas de trabalho, ganhavam bem menos do que os homens. Vitórias, no entanto, iam sendo conquistadas. Nos Estados Unidos, por exemplo, iniciava-se em 1848 o sufrágio feminino, um movimento social, político e econômico que denunciava a exclusão da mulher na esfera pública e buscava garantir a mulher o direito ao voto.

No Brasil, a luta pelo voto feminino não teve as características de movimento de massas, como ocorreu nos Estados Unidos e na Inglaterra. Iniciou-se bem mais tarde, em 1910, quando a professora Leolinda Daltro fundou no Rio de Janeiro o partido Republicano Feminino. Outro nome importante da luta pelo direito das mulheres ao voto foi Bertha Maria Júlia Lutz, a qual fundou, em 1919, a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, posteriormente denominada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que levou adiante a luta pelo sufrágio.

Fruto da luta destas e de outras ativistas feministas brasileiras, Juvenal Lamartine de Faria, governador do Rio Grande do Norte, autorizou em 1927 o voto das mulheres, o que não era permitido no Brasil, ainda que este impedimento não estivesse constando na Constituição Federal. Nesse contexto, a professora potiguar Celina Guimarães Vieira veio a ser a primeira mulher brasileira a votar, o que ocorreu em 5 de abril de 1928. Sendo o gesto repetido por outras eleitoras, ocorreu que, quando Getúlio Vargas promulgou em 1932 o decreto-lei que conferia o direito

de sufrágio às mulheres, este já era exercido em 10 estados do país. Convém destacar, no entanto, que muito antes de Leolinda Daltro, Bertha Lutz e Celina Guimarães, já a potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta enfrentava a sociedade patriarcal brasileira, constituindo-se como uma pioneira da luta que visava o empoderamento das mulheres.

Nísia Floresta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em 1810 no interior do Rio Grande do Norte, residiu em diversas cidades do Brasil antes de se mudar para a Europa e morar na França, na Itália e em Portugal. Foi uma das primeiras no Brasil a romper os limites que nossa sociedade patriarcal estabelecia para as mulheres, vindo a publicar textos em jornais que defendiam não só o direito das mulheres, como também o dos índios e dos escravos. Mas, apesar de ter sido pioneira ao defender essas bandeiras por meio de obras literárias, seu nome não figura no cânone da Literatura Brasileira.

Em 1832, Nísia Floresta publicou seu primeiro livro em Recife com o sugestivo título de *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, uma tradução livre da obra já citada de Mary Wollstonecraft. Nísia Floresta também buscou inspiração em outras feministas e, valendo-se da leitura dessas obras, escreveu textos sobre o direito das mulheres brasileiras, apontando o preconceito existente no Brasil contra as mulheres, identificando suas origens e desmistificando a ideia dominante da superioridade masculina. Nessa perspectiva, a autora

identifica no *costume*, no *interesse* e no *preconceito* o cerne da inferioridade feminina no Brasil. Segundo ela, os homens estariam tão acostumados a verem as mulheres submissas e recolhidas em sua ignorância, ocupadas exclusivamente em agradá-los, que não eram capazes nem mesmo de imaginá-las numa situação diferente. (DUARTE, 2005, p.20)

Apesar desse pioneirismo de Nísia Floresta, outras mulheres brasileiras têm sido destacadas por pesquisadores descontentes com a exclusão das intelectuais que ousaram enfrentar a mentalidade misógina. Nessa honrosa lista, figuram nomes como Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), Maria Firmina dos Reis (1825-1917) e Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913), tendo em vista que elas:

abriram caminho para o surgimento de uma nova geração de grandes escritoras, como Gilka Machado, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Hilda Hest, Marina Colasanti e Lya Luft. Todas elas, a seu modo, souberam dar expressão aos anseios das mulheres de sua época, compondo, juntas, um grande mosaico de aspirações e de lutas

heroicas das mulheres brasileiras em sua trajetória de empoderamento. (SILVA, 2013, p. 144)

Assim, cada vez mais vêm a público obras que se voltam para o resgate de autoras que foram excluídas da historiografia androcêntrica. Exemplo é a obra *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*, da historiadora June Edith Hahner, que assim descreve o valor de pesquisas como a sua:

Sinto, como historiadora e como mulher, que esta história perdida precisa ser recobrada. As mulheres devem ter sua história. As corajosas pioneiras feministas do Brasil do século XIX e suas sucessoras precisam ser conhecidas por esta geração. Era meu dever, e uma tarefa excitante, escrever este livro.....

Uma vez que qualquer estudo das obras de história em qualquer parte do mundo indica claramente que, de modo geral, as mulheres estiveram ou ausentes ou mal interpretadas nesses estudos históricos, cabe-nos perguntar por quê. Por que os historiadores não deram à mulher o crédito devido aos papéis por elas desempenhados no desenvolvimento de seus países? Afinal, sem a mulher, a história, como tem sido escrita em seu sentido mais amplo, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta. A mulher é essencial para o alcance de uma visão equilibrada e multidimensional da realidade, passada e presente. (HAHNER, 1981, p. 10-12)

Hanner esclarece que as dificuldades são muitas na realização de trabalhos como o seu, principalmente porque, enquanto os historiadores se esforçavam nas investigações para exaltarem os feitos dos homens, a mulher continuava a ser basicamente ignorada. A pesquisadora também esclarece que comparar as mulheres aos grupos minoritários gera quase sempre uma insatisfação. Isso decorre do fato de que, tendo em vista que, mesmo sendo esposas de presidentes, banqueiros e outras pessoas de elevado *status* social, as mulheres tendiam a ser relegadas ao isolamento e ao esquecimento:

As mulheres formaram geralmente a maioria da população, não uma pequena minoria, e não eram uma minoria oprimida uniformemente e não integrada. Embora por séculos a maioria das mulheres fosse excluída das posições de poder, algumas mulheres, como membros de famílias, como irmãs ou esposas, estavam mais próximas do poder real do que muitos homens. (HAHNER, 1981, p. 18)

Não à toa, o acesso à educação por parte das mulheres era a principal reivindicação feita pelas nossas escritoras. Pois, enquanto os homens tinham acesso a um modelo de educação que os preparava para uma profissão e para a vida, nas grandes capitais ou em cidades da Europa as mulheres deveriam aprender

apenas as orações e as receitas culinárias. Essa diferenciação na educação dos meninos e das meninas promovia a exclusão da mulher nas esferas sociais.

A educação das meninas permanecia atrasada em relação à dos meninos. Até a leitura das mulheres, de acordo com Luccock, “não devia ir além dos livros de orações, porque seria inútil para uma mulher, nem tampouco deveriam elas escrever, como era sabiamente ressaltado, a fim de que não fizessem um mau uso da arte”. Mas lentamente a ideia de escolarização para meninas foi-se acrescentando à ideia mais antiga de educação doméstica, embora não uma educação idêntica àquela ministrada aos meninos. Com o tempo, as meninas ricas não só aprendiam a fazer bolos e doces e a costurar e a bordar mas também podiam estudar francês e piano, de modo que proporcionassem companhia mais agradável e atraente em ocasiões sociais. (HAHNER, 1981, p. 32)

Foi em função desse entendimento, a propósito, que, para além de sua ação como escritora, convém lembrar que Nísia Floresta também se preocupou com a educação das mulheres, vindo a fundar um colégio no Rio de Janeiro que oferecia às meninas o mesmo leque de disciplinas que eram ofertados pelas escolas brasileiras aos meninos. Essa iniciativa tinha como base seu entendimento de que o progresso de uma sociedade depende da educação que é oferecida à mulher e que só a instrução, aliada à educação moral, dariam maior dignidade e fariam dela uma melhor esposa e melhor mãe. Portanto, se Mary Wollstonecraft foi a primeira na Grã-Bretanha a defender os direitos da mulher, e Olympe de Gouges a primeira em terras francesas, coube a Nísia Floresta o pioneirismo de deflagrar entre nós a formação de uma consciência feminista.

2.2 Crítica Feminista no Questionamento do Cânone

A ação das mulheres que se insurgiram contra o patriarcalismo foi gradual, sendo marcada por objetivos muito demarcados em cada passo dessa trajetória com vistas ao empoderamento. Refletindo sobre essa questão no contexto brasileiro, Constância Lima Duarte (2003), identifica quatro “ondas” do feminismo no Brasil. A primeira, que se deu na década de 1830, teria como principal alvo a conquista pelas mulheres do acesso à alfabetização. Alcançado esse primeiro objetivo, a segunda onda (década de 1870) teve como meta a conquista da prerrogativa do voto. Na terceira onda (década de 1920), as mulheres buscaram o acesso ao ensino superior e a ampliação do mercado de trabalho. Por fim, na quarta onda (década de 1970),

as feministas brasileiras discutiram temas ligados à sexualidade, que incluía a discussão em torno do direito ao prazer e ao controle da natalidade.

No plano especificamente literário, Beth Miller identifica pelo menos três fases da luta pelo empoderamento feminino, denominadas por ela de fase andrógina, fase feminina e fase feminista. Segundo a autora, as mulheres tentaram inicialmente escrever como os homens, sendo esta a marca da fase andrógina. Em segundo momento, na fase feminina, a mulher buscou uma identidade discursiva. Por fim, na chamada fase feminista, marcada pelo Ano Internacional da Mulher, “as escritoras já expressariam conscientemente “coisas de mulher” em seus textos e pressupõe a existência de uma geração de escritoras feministas.” (Cf. DUARTE, 1990, p. 22)

Em estreita sintonia com os embates enfrentados pelas ativistas do movimento em prol do empoderamento feminino, foi se desenvolvendo uma linha de crítica literária que, como explica Greicy Pinto Bellin (2011), passou a levar em consideração, na análise de uma obra,

o gênero do autor, o gênero do leitor e as configurações sociais que permeiam a vida de homens e mulheres, o que não quer dizer que o texto literário seja uma “cópia” ou um mero reflexo da realidade, pelo contrário: ele é um amálgama de dados ficcionais e reais, de forma que a realidade nunca é refletida na estrutura ficcional, e sim filtrada por fatores estéticos. Isso se torna ainda mais evidente quando concebemos o gênero como uma representação, e esta representação como sua construção, que se dá de várias maneiras nas instâncias da sociedade, de forma que não podemos dissociar uma análise de gênero das condições de vida em um dado ambiente social. Sendo assim, as representações literárias do gênero são também construções, marcadas por fatores culturais e, ao mesmo tempo, estéticos, uma vez que, mesmo fazendo uma análise sociológica, não podemos negligenciar as convenções estéticas na interpretação de uma obra.

[Assim,] O uso da categoria gênero na análise de um texto ficcional (...) faz com que ele tenha um significado político, pois, ao lê-lo dentro de uma perspectiva feminista, estamos interpretando-o à luz de ações políticas, que estão estritamente relacionadas com a ideologia e com as relações de poder na sociedade. (BELLIN, 2011, p. 84)

Portanto, como fica claro pelas palavras de Greicy Bellin, os estudos literários de natureza gendrada, ao incluírem o gênero enquanto categoria analítica, abrem-se para a reflexão que não dissocia o estético do político, questionando assim a própria forma como são avaliadas (e até hierarquizadas) as obras. Ou seja, na perspectiva gendrada, o gênero passa a ser visto como

uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para reivindicar o poder político,

a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro. (SCOTT, 1995, p. 97)

A crítica literária de orientação feminista, portanto, se distingue fundamentalmente de outras abordagens das obras de ficção por incluir o gênero como uma representação que, por sua vez, está ligada tanto a fatores culturais, como estéticos e até políticos. Nessa perspectiva, segundo Judith Fetterley,

A crítica feminina é um ato político cuja finalidade não é apenas interpretar o mundo, mas modificá-lo por meio da transformação da consciência dos leitores e de suas relações com o texto lido. O primeiro ato de uma crítica feminista é tornar-se uma crítica de resistência e não de concordância e, mediante a recusa, exorcizar a mente masculina que foi implantada em nossa mente. (*Apud* WANDERLEY, 1996, p. 20)

Levando-se em conta o que defende Judith Fetterley, cabe perguntar como, na prática, as críticas feministas desenvolvem suas análises, ou seja, que aspectos privilegiam em suas leituras críticas dos textos. Sobre isso, Cecil Jeanine Albert Zinani (2011-b), após destacar que a crítica feminista se desenvolveu-se, mais precisamente, na segunda metade do século XX, aponta duas modalidades principais de desenvolvimento dessa corrente analítica:

uma visa ao resgate de obras escritas por mulheres e que, no decorrer do tempo, foram relegadas ao ostracismo; a outra tem por meta fazer uma releitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando a experiência da mulher ou seja, procura detectar, através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a relevância da voz feminina e os traços de patriarcalismo que perpassam a obra. (ZINANI, 2011-b, p. 407)

Existem, portanto, diferenças importantes na forma como os pesquisadores ligados à crítica feminista orientam suas análises. E para que se compreenda melhor essas diferenças de abordagens, é importante lembrar que existem pelo menos três vertentes dessa linha crítica, a norte-americana, a inglesa e a francesa:

[Há] diferenças significativas entre a crítica norte-americana e a inglesa. A orientação norte-americana vincula-se às questões textuais, valorizando o aspecto empírico. A crítica inglesa é filiada, predominantemente, ao marxismo, muito embora utilize, também, conceitos da psicanálise e da desconstrução. Em relação à crítica anglo-americana, Queiroz aponta a “contextualização político-pragmática”, ocupando-se com “os problemas ligados à formação dos cânones, às ideologias de gênero, à legitimidade

das políticas acadêmicas e de suas práticas interpretativas, às implicações das experiências culturais e intersubjetivas de leitoras e/ou autoras reais nos discursos de representação” (1997, p. 14). A crítica francesa está alinhada à psicanálise, apropriando-se de conceitos de Freud e, especialmente, de Lacan, além de utilizar noções da desconstrução, de Derrida, associando estatuto do sujeito à formação da subjetividade e à produção da escritura (QUEIROZ, 1997). Também desenvolveu o conceito de *écriture féminine*, relacionada à análise da *différance* (termo criado por Derrida com base em *différence*). (ZINANI, 2011-a, p. 73)

Para um exame mais detido de uma entre tantas ações da crítica feminista, pode-se dar destaque ao questionamento do cânone ocidental, levando-se em conta que A crítica literária feminista, após ter questionado as “imagens estereotipadas da mulher como anjo ou monstro, o abuso literário da mulher na tradição masculina e a exclusão da mulher escritora das histórias literárias e dos cânones acadêmicos.” (FUNCK, 1994, p. 18)

De início, convém destacar que as feministas, ainda na década de 1970, começaram a se sentir incomodadas por não se verem representadas nas obras do cânone, que invariavelmente traziam um retrato distorcido em relação às mulheres. É nessa perspectiva, que Judith Fetterley veio a afirmar em seu livro *The Resisting Reader*, de 1977, que “ler o cânone do que é considerado literatura clássica americana é identificar-se com o masculino. A leitora feminina é forçada a identificar-se contra si mesma.” (Apud BELLIN, 2011, p. 77)

Para que fosse possível questionar a autoridade, considerando que a instituição e legitimação do cânone se faz a partir de instituições acadêmicas respeitáveis, tanto os estudos culturais quanto o pós-modernismo tiveram papel de relevo: trazendo o frescor de novas vozes, posto que tradicionalmente marginalizadas e excluídas do debate, esses dois movimentos serviram de referências para as feministas passarem a questionar critérios e trazer novos paradigmas de apreciação e valoração das obras literárias:

Na medida em que foi atribuído valor a obras que não pertenciam ao cânone, suas normas foram questionadas, validando-se novas abordagens, o que destituiu a unicidade do cânone e da própria história da literatura, ambos, agora, caracterizando-se pela pluralidade. Os estudos de gênero passaram a se desenvolver sob a égide dos estudos culturais. Atualmente, como se admite escrita de história da literatura a partir de determinado signo, os estudos culturais de gênero possibilitam a construção de uma nova história da literatura sob o signo do gênero. (ZINANI, 2011-b, p. 410)

Essa ação ousada de pesquisadores contra o legado androcêntrico da historiografia literária ocidental terminou fazendo com que, desde a década de 70 do século passado, o feminismo e os estudos de gênero abalassem “o cânone da crítica tradicional ao propor um modelo de análise literária que leva em consideração o gênero de autoria das obras, o gênero do leitor e as questões relativas ao papel da mulher como leitora e como escritora. (BELLIN, 2011, p. 76). No âmbito dessa discussão, é importante não perdermos de vista que, tal como se deu na Europa, também no Brasil foi se consolidando um cânone que, para além do aspecto estético, também se formulou a partir de uma diretriz logofalocêntrica:

Na composição educacional no Brasil do século XIX é significativa a influência europeia burguesa, principalmente francesa, que é determinante na formação da nossa estrutura literária. Essa influência europeia formou aqui um discurso literário de grande influência crítica e favoreceu a formação dos cânones junto a todo o sistema patriarcal aqui existente. Cabe destacar que toda cultura é apropriada de maneira diversa, sendo organizada de forma característica por determinadas sociedades, jamais se configurando como uma cópia fiel à origem. E o caso brasileiro não foi exceção. (GOMES, 2003, p. 65)

As marcas da misoginia na constituição do cânone brasileiro se evidenciam com ainda maior clareza quando se leva em conta que, até o final do século XIX, era irrisório o número de mulheres que tinha acesso à escola:

A exclusão das mulheres nesse sistema educacional foi muito grande. Quase a totalidade das mulheres brasileiras, ao final do século XIX, eram analfabetas, sendo difícil o acesso a textos escritos característicos desta época. São encontrados, em sua maioria, apenas discursos patriarcais e referências ao papel da mulher na nossa sociedade. (GOMES, 2003, p. 65-66)

Levando-se em conta essa circunstância, observa-se que as escritoras brasileiras que pouco a pouco vão surgindo mercê do esforço de denodadas pesquisadoras constitui um trabalho não apenas de resgate de vozes silenciadas, mas um lídimo exercício de reparação e reconhecimento de mulheres que, contra todos os empecilhos, conseguiram ter acesso a um espaço que lhes era absolutamente estranho e ameaçador – o palco das letras.

2.3 Crítica Feminista e Escrita Feminina

Como já destacado nesta seção, as linhas francesa, norte-americana e inglesa da crítica feminista divergem quanto aos propósitos centrais a serem alcançados. O questionamento do cânone de que tratamos há pouco, por exemplo, constitui uma preocupação principalmente da linha norte-americana. Já a francesa, ocupa-se principalmente em definir o que seria uma literatura feminina/feminista.

É importante, todavia, ressaltar que essas duas ações – questionar o cânone e traçar as marcas de uma escrita feminina – não são ações que se opõem, mas que se complementam: como discutir a validade de critérios que legitimam o cânone sem propor novos paradigmas de escrita que igualmente têm o seu valor? Ademais, investigar os traços delineadores de uma escrita feminina possibilita reconhecer as marcas de como se processou a resistência e reação das mulheres ao patriarcalismo espelhado no plano literário. Ou seja: perceber no âmago da escrita feminina a inscrição do discurso que a oprimiu:

A maneira de se opor à violência simbólica de gênero em tal sistema autoritário inclui necessariamente a retomada do poder pela mulher como sujeito de ação, a partir de estratégias que promovam a inserção dessa categoria na esfera política das sociedades, movimento que pode ser exemplificado pela leitura crítica da representação feminina na literatura produzida pelas próprias mulheres, que possibilite o reconhecimento de traços indicativos da reprodução do discurso do opressor na letra do próprio contradiscurso. (BALTAZAR, 2011. p. 113)

Portanto, o conceito de escrita feminina, tradução literal da expressão francesa *écriture féminine*, precisa ser enfrentado, visto proporcionar uma percepção da própria trajetória de resiliência feminina. Nessa perspectiva, cabe levantar de pronto algumas questões acerca desse construto teórico: a escrita feminina é feita somente por mulheres, ou é toda aquela que se desenvolve a partir de uma perspectiva feminina, independente do gênero do autor? É feita apenas para mulheres? Trata tão somente sobre as mulheres? Defende necessariamente ideologias feministas?

Detendo-se na análise dessas questões, Patrícia Machado (2009) define a escrita feminina como sendo a produção literária essencial e caracteristicamente feminina, constituindo-se como uma resposta às realidades socioculturais. Nessa perspectiva, a pesquisadora destaca o contexto que deu origem à escrita feminina:

Com raízes no século XIX e ao longo do século XX, iniciou-se a quebra com a tradição patriarcal de uma entidade única masculina. Partiu-se do reconhecimento da existência diferenciada de um eu feminino perante um eu masculino. (MACHADO, *on-line*, 2009)

A escrita feminina, portanto, marca a passagem da mulher de uma condição de objeto da escrita a uma nova realidade, a de sujeito da escrita. No entanto, Patrícia Machado lembra que o silenciamento das mulheres ao longo dos séculos tornou bastante complexa a tarefa de definir a escrita feminina, posto ser esta um reflexo de vivências e posturas femininas que, ao contrário das masculinas, são de difícil rastreamento.

Seguindo com seus argumentos, Patrícia Machado apoia-se em um trabalho de Isabel Allegro de Magalhães para mostrar que a escrita feminina não é marca das obras de todas as mulheres, havendo autoras cujas marcas de estilo seriam marcadamente masculinas. Ilustrando essa ideia, a pesquisadora dá destaque ao cotejo que Isabel Allegro realiza entre os estilos de Simone de Beauvoir e Virginia Woolf: enquanto a escrita da primeira seria masculina, posto Beauvoir desenvolver “uma escrita repleta de fatos e datas”, o estilo da segunda seria claramente feminino, uma vez que “se caracteriza pela fragmentação, por uma escrita em harmonia com a vida”.

Todavia, apesar de aceitar a ideia de que as diferenciações estilísticas ou estruturais do discurso feminino independem do sexo do autor, considerando que “quem escreve não condiciona a sua escrita unicamente pelo facto de pertencer a este ou àquele sexo”, Patrícia Machado, sustentada pelas ideias de Anne Eisenberg e Hélène Cixous, mantém o entendimento de que “a escrita feminina é uma construção subversiva que se desenvolve no seio do discurso patriarcal e que, progressivamente, o modifica, deixando em aberto a possibilidade de uma linguagem diferente”. Essa ideia, a propósito, tem sido defendida por vários pesquisadores. É o que se observa, por exemplo, em relação a Maria Irene Ramalho de Sousa Santos e Ana Luísa Amaral, que afirmam o seguinte:

Sem dúvida que a experiência concreta dos homens e das mulheres em sociedade tem sido, em termos gerais, muito diferente, e que nos últimos duzentos anos o sentido dessa diferença se tem imposto de forma especial à consciência sobretudo das mulheres. Sem dúvida também que essa diferença (tal como a de classe ou raça, de identidade nacional ou étnica)

há-de transparecer na tecitura simbólica da escrita. (SANTOS; AMARAL, 1997, p. 2-3)

O argumento das duas autoras, assim, acha-se em estreita sintonia com o que defende Dina Maria Martins Ferreira, para quem “a configuração do sujeito resulta de sua própria formação discursiva” (FERREIRA, 2009, p. 110). Semelhantemente, Antônio de Pádua Dias da Silva identifica na experiência semelhante vivenciada pelas mulheres, principalmente no que tange à forma como tendem a ser vistas da mesma forma pela cultura, as bases de uma escrita que guarda vários pontos em comum:

Há toda uma produção literária de autoria feminina publicada, sendo produzida e prometendo outras visadas sobre o fenômeno. É preciso se apoderar daquilo que já temos – as obras e o conceito – para ampliar os estudos sobre o assunto, procurando sempre observar o que é comum aos textos literários, principalmente aos escritos por mulheres na contemporaneidade: os motivos literários, aquilo que teoricamente vem a ser chamado de *leitmotiv*. São esses motivos que ajudam na construção do conceito de escrita feminina porque, percebo, há uma constância de motivos atualizados nas escritas das mulheres, dando a entender que, por fazerem parte de uma mesma subjetividade, por sentirem as mesmas crises existenciais ou tensões sócio-culturais, por serem vistas de uma mesma forma, no plano geral da cultura, inconscientemente são detentoras dessa escrita particular, fundada num dado gênero, o feminino (por mais que sejamos sabedores que condição social, nível de escolaridade, grupo étnico de pertença, sexualidade pretendida ou manifestada, por exemplo, implicam em outras formas de interpretar culturalmente os sujeitos). (SILVA, 2010-a, p. 41-42)

É preciso destacar, todavia, que há pesquisadores que, mesmo não negando a existência de uma escrita feminina, põem em questão a dificuldade (ou quase impossibilidade) de definir com precisão o que seja uma prática feminina de escrita, como se observa pelas seguintes afirmações de Hélène Cixous:

É impossível definir uma prática feminina de escrita, e isso é uma impossibilidade que permanecerá, porque esta prática nunca poderá ser teorizada, fixada, codificada – o que não significa que ela não exista. Mas ela sempre irá superar o discurso que regula o sistema falocêntrico; ela tem e terá lugar em áreas outras além daquelas subordinadas à dominação filosófico-teórica. Ela vai ser concebida apenas por sujeitos que são ruptores dos automatismos, por figuras periféricas que nenhuma autoridade poderá um dia subjugar (CIXOUS, 1976. p. 883) ⁴.

⁴ Tradução da autora desta dissertação a partir da tradução do texto original para o inglês realizada por Keith Cohen e Paula Cohen.

Por outro lado, não é demais lembrar que toda essa discussão nos leva de volta à questão fundamental: que traços seriam caracterizadores de uma escrita feminina? Ou seja, pensar a escrita feminina exige, sobretudo, traçar suas marcas:

A ideia de uma escrita feminina levanta determinadas questões sobre o próprio conceito de feminino. Partindo do pressuposto de que há uma escrita feminina e uma escrita masculina distintas, quais os traços de cada uma? Vários investigadores e teóricos, majoritariamente mulheres, têm vindo a debruçar-se sobre estas questões, na tentativa de encontrar um denominador comum para a escrita feminina, tanto a nível temático como a nível formal. (MACHADO, *on-line*, 2009)

Abordando a questão de uma outra perspectiva, Ria Lemaire justifica que o conceito de escrita feminina revela-se importante principalmente por gerar discussões que contribuem para a revisão da forma como tem sido escrita e ensinada a história literária no Ocidente, a qual

constitui um fenómeno estranho e anacrónico. Um fenómeno que pode ser comparada com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: o primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heroicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres "normais". Tanto a genealogia quanto a história literária revelam a tendência masculina de justificar seu poder atual por meio do recuo às origens e do mapeamento de uma evolução, factual ou hipotética, até ao presente. (LEMAIRE, 1994, p. 58)

No artigo *A diferença na autoria feminina contemporânea*, o pesquisador Antônio de Pádua Dias da Silva explica:

Podemos dizer que temos, nesse momento, o princípio de uma escrita feminina, elementar e rude em suas bases, no sentido do não aperfeiçoamento da tecnologia da escrita literária, fato que percebemos hoje com as discussões ficcionais em torno das subjetividades femininas (antes havia uma espécie de busca por uma identidade universal). Essas subjetividades, naquele momento, final do século XIX e meados do século XX, não podiam ser pensadas, construídas, nem nas imagens nem através de uma linguagem particularizada, uma vez que estávamos vivendo os primeiros passos das mulheres que se lançavam como escritoras, bastante criticadas, reprimidas, motivos de pilhérias e piadas; daí um recuo e um resultado não sistemático na produção e, também na respectiva representação e desenvolvimento de um estilo e linguagem próprias. (*Apud* GOMES;ZOLIN, 2011, p. 235)

No Brasil, a primeira a se dedicar a essa tarefa de fazer o elenco de características da chamada escrita feminina foi a professora, escritora e ensaísta

Lúcia Castello Branco. Em textos como *A (im)possibilidade da escrita feminina* (1987, conferência) e *O que é escrita feminina* (Brasiliense, 1991), a pesquisadora contribui de forma indiscutível para a discussão acadêmica sobre o tema. Em 1989, associando-se a Ruth Silviano Brandão, lançou *A mulher escrita*, cabendo a cada uma delas um capítulo: enquanto a primeira escreveu “A escrita mulher”, ficou a cargo da segunda a redação do capítulo “A mulher escrita”.

Antes de apresentar aqui as marcas da escrita feminina segundo Lúcia Castello Branco, importa destacar que a autora faz uma dissociação entre a escrita feminina e aquela que é produzida por mulheres, ou seja, defende que a definição desse tipo de escrita independe do sexo do autor:

Quando penso na escrita feminina, penso numa construção discursiva que obedece a uma outra lógica, a uma outra configuração. Essa lógica, que alguns preferem entender como barroca, outros como uma nostalgia de um antes do tempo e da linguagem, é preciso ser pensada não dicotomicamente, não antinomicamente com relação ao masculino, não como alguma coisa que seria o seu complemento, mas o seu suplemento. Entendida, portanto, como suplementar, em relação ao que se pode chamar de um discurso literário tradicional ou oficial, essa escrita trará sempre elementos que, ao invés de se oporem aos elementos do paradigma, algumas vezes configuram-se como um a mais com relação ao paradigma. Mas é preciso que se entenda que esse a mais não compreende um juízo valorativo, que distingue a escrita feminina como excessiva em virtude de sua plenitude ou totalidade, em virtude de sua capacidade de tudo conter. (BRANCO, 1994, p. 50-51)

Ratificando esse entendimento, a autora identifica traços da escrita feminina em autores como Guimarães Rosa, Raduan Nassar, Marcel Proust e James Joyce, entre outros. E nessa perspectiva que a autora mostra em *A mulher escrita* (1989) como a reação/proposição das escritoras no tocante ao sistema literário marcadamente androcêntrico foi moldando a literatura escrita por mulheres com traços recorrentes.

Em sua argumentação sobre as marcas da escrita feminina, Lúcia Castello Branco cita inicialmente uma questão que tem sido levantada por pesquisadores que têm se dedicado à questão: a presença na obra produzida pelas mulheres de uma **linguagem essencialmente erotizada**, em distinção à aparente frivolidade da linguagem masculina. A autora, no entanto, dá início a sua reflexão esclarecendo qual o significado do termo erotismo no tocante a essa característica:

Entendido, como Bataille, como a tensão entre os impulsos para a continuidade, para fusão com o cosmos *versus* a impossibilidade dessa completude, o erotismo é sempre esta pulsão angustiante e corajosa em direção ao desconhecido, essa viagem possivelmente sem retorno, esse espaço negro em que nos lançamos em busca do que não sabemos. (BRANCO, 1989, p. 90-91)

O erotismo de que trata a autora, portanto, não se limita à mera sexualidade, ao prazer sexual. Trata-se, sobretudo, de uma ânsia pelo absoluto, entendimento que permite a Lúcia Castello Branco apontar como expressões desse erotismo tanto a insaciabilidade do eu lírico das poesias de Florbela Espanca quanto o êxtase erótico-místico de Santa Tereza de Ávila. Nessa perspectiva, Castello Branco afirma que engloba uma forma de amor que “não busca apenas sua consumação através do sexo”, mas que “deve funcionar como canal de ascese ao infinito” (BRANCO, 1989, p. 91)

Outra marca que a autora destaca como traço da escrita feminina é o que ela denomina de **total indissociabilidade do sujeito do poema e seu texto**. A partir desse entendimento, a autora advoga que, na escrita feminina, há uma tendência para a redução das distâncias entre a arte e a vida:

É curioso que os críticos, em seu julgamento, não tenham conseguido separar os “domínios da arte” dos “domínios da vida”. Esse comportamento parece ter sido, até pouco tempo generalizado com relação à produção literária feminina. São poucos os que conseguiram distinguir esses dois terrenos. Muitas vezes, eles foram movidos por razões evidentemente preconceituosas: a produção poética da escritora é imoral, porque mulheres não devem falar nesse tom. Outras vezes, além dos preconceitos dos analistas, há um elemento fundamental que impossibilita a nítida separação entre a vida e a obra das autoras: o próprio texto. (BRANCO, 1989, p. 89)

Ilustrando essa ideia, Lúcia Castello Branco põe em destaque as obras de Florbela Espanca e Gilka Machado, nas quais a vida e a obra estão de tal forma indissociáveis que não haveria nem como e nem por que distingui-las.

Seguindo com sua análise, a pesquisadora não apenas identifica o mundo dos sentimentos como uma constante na produção de textos produzidos por mulheres, como busca explicar esse fenômeno à luz das experiências pelas quais muitas mulheres passaram. Nesse processo, a pesquisadora lembra que foi no Romantismo, quando a temática amorosa era central, que as mulheres se tornaram as grandes consumidoras das narrativas de ficção: “Acredito mesmo que a trajetória existencial da maior parte das mulheres tenha se desenvolvido em torno da

retroalimentação desse sentimento. Afinal, foram alguns séculos de lenta e árdua aprendizagem deste suave fardo romântico. (BRANCO, 1989, p. 95)

Lúcia Castello Branco, portanto, identifica como terceira marca da escrita feminina a presença de **uma percepção lírico-romântica do universo**. Não obstante, a autora reitera ao acentuar que “a poética feminina parece sempre girar em torno do eixo amoroso” (BRANCO, 1989, p. 95), é importante lembrar que Lúcia Castello Branco não admite que essa condição seja fruto de algo intrínseca a uma suposta natureza feminina, mas sim um produto cultural, ou seja, das experiências que as mulheres viveram, muitas vezes em decorrência de imposições da sociedade patriarcal. Nesse sentido, a autora mostra como muitas vezes identificar a mulher com “romântica” não passa de uma tentativa de “afastar o trabalho ou atuação feminina da seriedade” (BRANCO, 1989, p. 95). Ademais, a autora mostra que o lirismo presente na obra feminina se desdobra em várias manifestações, envolvendo “o erotismo, a religião (ou o espiritualismo), os sentimentos da maternidade e fraternidade, a criação poética (entendida como paixão).” (BRANCO, 1989, p. 96)

A autora também descreve a escrita feminina como sendo **uma poética “uterina”, gerada e gerida nas entranhas**. Nessa perspectiva, Lúcia Castello Branco aponta a maternidade como um dos temas frequentes da obra produzida por mulheres:

A tradição parece seguir os rastros de uma escrita visivelmente internalizada, particularmente íntima, ainda quando o foco não se dirige para o sujeito do poema. Essa poética “uterina”, gerada e gerida nas entranhas, talvez seja a marca mais evidente da poesia feminina. (BRANCO, 1989, p. 96)

Novamente são as obras de Florbela Espanca e Gilka Machado apontadas pela pesquisadora à guisa de ilustração: devido à frequência com que a portuguesa e a brasileira dedicam poemas aos filhos, Lúcia Castello Branco acentua que se desenvolve na poesia das duas autoras “toda uma trajetória de retorno ao útero, seja através do papel de filhas (...), seja através do impulso materno, que estende a relação mãe-filho para todos os objetos circundantes: a poesia, a natureza, o amado.” (BRANCO, 1989, p. 96)

Em decorrência da tendência das mulheres que escrevem de se deterem na reflexão sobre os mistérios que cercam o fenômeno da procriação, Lúcia Castello Branco destaca na escrita feminina **a presença de uma atmosfera de mistério e**

obscuridade que se estende “a tudo: a natureza é misteriosa, o amor é obscuro, há um ‘amoroso mistério’ os olhos das mulheres.” (BRANCO, 1989, p. 98)

Igualmente importante na literatura feminina, advoga a autora, é **a constante recorrência às atmosferas infantis**, as quais se acham “povoadas, sobretudo, de figuras femininas: a ama de leite, a mãe, a avó. (...). É na infância, no seio materno, ou no regaço da avó, que o sujeito feminino busca reencontrar a sua linguagem, a sua tradição.” (BRANCO, 1989, p. 98-99). Lúcia Castello Branco também defende a produção literária das mulheres como sendo **fruto de uma paixão insaciável**:

Os livros, os versos, as palavras são filhos da paixão insaciável, da natureza constantemente fecundada.

O ato erótico de abrir o livro, filho imaculado da paixão, remetemos, mais uma vez, à palavra erotizada e, portanto, obscura, intangível, sagrada. (BRANCO, 1989, p. 100)

Ato contínuo, pensando outra vez a partir da produção literária de Florbela Espanca e Gilka Machado, a pesquisadora ressalta ainda como marca da escritura feminina **o trânsito entre a santidade e o desvario**, condição que teria surgido enquanto reação das mulheres escritoras a séculos de sublimação dos prazeres e da estigmatização/repressão da sensualidade feminina pelo patriarcado. Nessa perspectiva,

O discurso erótico de Florbela e Gilka, por mais ousado que tenha sido, não escapa a essa tendência: ambas transitam entre a sexualidade frenética e a sublimação beatífica que as dirige ao êxtase erótico-místico. Nesses dois extremos, detecta-se claramente a expressão de uma sensualidade torturada, carregada de culpas e desculpas, de arrojados e recolhimentos. (BRANCO, 1989, p. 101-102)

Ainda refletindo sobre essa questão, Lúcia Castello Branco discorre sobre o desconforto das mulheres escritoras em tratarem de sua sexualidade:

A verdade é que a mulher e, em consequência, a poeta, dificilmente conseguem usufruir com conforto e expressar sem culpas sua sexualidade envergonhada. A consequência é fatalmente extremista e radicalizadora: ou a santidade, ou o desvario sensual. (BRANCO, 1989, p. 105)

Diretamente ligada a essa “sexualidade envergonhada”, Lúcia Castello Branco observa como uma constante na produção literária feminina **a busca da identidade, a qual se revela erigida pela teia da ausência**. Para ilustrar essa ideia, a pesquisadora dá destaque à obra de Lya Luft:

Mas em meio a essa trajetória sinuosa da escrita, ao menos um traço se faz bastante nítido: a busca da identidade. A indagação que perpassa as personagens de Lya Luft leva-as sempre a este mesmo ponto: Quem sou eu? (...). A questão, como não poderia deixar de ser, estanca em si mesma; a resposta será sempre um vazio, ou a construção de uma falsa identidade, que passa pelo crivo do *outro*, do *masculino* (...).

Prisioneiros desse jogo de espelhos infieis, o discurso feminino, essa serpente que engole a própria cauda, permanece no apelo: “Diga-me, espelho meu”. Mas o espelho é mudo. Resta ao sujeito percorrer as próprias lacunas, bordar as margens do vazio, lançar a voz no vácuo e disso fazer seu tecido textual. (BRANCO, 1989, p. 131. Grifos da autora)

No esforço das autoras em dar tradução à identidade problemática, Lúcia Castello Branco identifica a literatura feminina como a escrita de uma impossibilidade. Daí ser marcada por um constante **girar em círculos, resultante da tentativa de dizer o indizível**:

[A escrita feminina é] a escrita de uma impossibilidade. Prática do que não se verbaliza, do que não se pensa: escrita do indizível e do impossível, voz delirante que se lança no vazio da página.

A tentativa de dizer o indizível parece ser, de fato, um traço recorrente da escrita feminina. Simbólica, enquanto linguagem verbal, essa escrita resiste, entretanto, à mediação linguística, buscando “encostar” a palavra à coisa e atingir o além do signo. (BRANCO, 1989, p. 112)

Como desdobramento desse contínuo girar em círculos, Lúcia Castello Branco defende que a rota inevitável da literatura feminina seria a autodestruição, que se efetivaria mediante a implosão da linguagem:

Nesse sentido, a escrita feminina percorre uma trajetória suicida, desembocando fatalmente em sua destruição, enquanto discurso: ao se auto devorar, o que resta do signo senão seu próprio vazio? Na implosão da linguagem, já não há palavras e coisas, apenas o silêncio. (BRANCO, 1989, p. 113)

Uma alternativa que restaria às mulheres a essa implosão da linguagem seria, como explica a pesquisadora, a “dessimbolização” do texto, buscando afirmar a linguagem como fala, levando, assim, à **ligação com a oralidade**:

Nesse processo de “dessimbolização” da linguagem, onde outro registro se insinua, o corpo feminino ocupa lugar privilegiado, a palavra busca afirmar-se não apenas como coisa, mas como uma coisa que é o corpo do narrador (...).

E talvez por isso essa escrita busque se afirmar como fala, já que, em sua modalidade oral, a linguagem verbal conta necessariamente (e com a linguagem) do corpo. (...).

Segundo Béatrice Didier, essa característica oralizante do texto feminino funda-se numa prática secular – a tradição oral – onde a mulher, sobretudo a avó, com suas histórias e cantigas de ninar, ocupou papel determinante. (BRANCO, 1989, p. 113)

Nesse processo, afirma a autora, a escritura feminina se caracterizaria pela ênfase no significante, que passaria a se constituir no significado por excelência da produção literária das mulheres:

Essa “oralidade” nos remeteria ainda a um outro traço marcante da escrita feminina: a exaltação de um significante que, numa espécie de efervescência sonora, constitui-se no próprio significado. Assim, essa linguagem feminina, na acepção de Béatrice Didier, se aproximaria da linguagem infantil, na medida em que se constrói mais de gritos e balbucios do que precisamente de palavras. (BRANCO, 1989, p. 112-113)

Como resultante da contínua dissolução das fronteiras que a herança patriarcal sedimentou, que inclui a fusão realizada pelas mulheres entre escrita e fala, entre significado e significante, entre sagrado e profano, etc., Lúcia Castello Branco defende que um traço fundamental da escritura feminina vem a ser o **manter-se ao lado do psicótico em nossa cultura:**

A aproximação entre o feminino e o *psicótico* já é, aliás, bastante comum em nossa cultura. Basta uma rápida olhada para a Antiguidade Clássica, com seu conceito de *intemperança* estritamente vinculado ao de *feminino*, para que isso se verifique: “a intemperança implica uma passividade que a aparenta à feminilidade. Ser intemperante, com efeito, é encontrar-se num estado de não-resistência e em posição de fraqueza e de submissão em relação à força dos prazeres; é ser incapaz dessa atitude de virilidade consigo que permite ser mais forte do que si próprio.” [FOUCAULT]. De acordo com esse esquema moral, a mulher é, portanto, aquela que não possui controle sobre os próprios desejos, a que não possui o “domínio sobre si”.

Daí às bruxas da Idade Média o percurso não é muito longo. Donas de um perigoso saber que não se sabe, mas que incide objetivamente sobre a realidade, transformando-a de maneira radical, possuidoras de uma linguagem que se inscreve no corpo, através de ritos e magias, as bruxas terminariam por ser queimadas como loucas, para que a ciência cartesiana, o saber logocêntrico, pudesse reinar absoluto. (BRANCO, 1989, p. 151. Grifos da autora.)

Entre todas essas características que aponta, Lúcia Castello Branco explica que a escritura feminina é, sobretudo, expressa por intermédio de **uma linguagem pré-discursiva, ambígua, caótica:**

Como acercar-se da escrita feminina sem o sentimento constrangedor de algo muito antigo, muito familiar, que retorna, e a constatação de um estranho vazio que nos escapa e nos arrebatava como uma aparição?

A primeira vaga hipótese que me ocorre consiste na existência de uma linguagem feminina que certamente não se codifica nos moldes da masculina. Anterior à Lei do Pai, a linguagem feminina configuraria um universo pré-discursivo, em que a voz, o corpo e o toque da mãe funcionam como significantes, imprimindo um significado em contato como o corpo da criança. Nesse sentido, a escrita feminina consistiria de fato num projeto impossível, enquanto registro verbal de processo averbal. (BRANCO, 1989, p. 111-112)

Essas características, antecipando, constituem a baliza por meio da qual analisaremos nas próximas seções a obra das escritoras cearenses Ana Nogueira Batista e Francisca Clotilde Barbosa Lima, momento em que iremos detalhar cada uma dessas marcas.

3 A ESCRITA LIBERTÁRIA DE ANA NOGUEIRA BATISTA E FRANCISCA CLOTILDE BARBOSA LIMA

Nesta seção, apresentamos o contexto em que produziram as autoras que constituem o epicentro desta pesquisa: Ana Nogueira Batista e Francisca Clotilde Barbosa Lima. Com este fim, fazemos uma breve exposição da condição da mulher na sociedade cearense do século XIX, mostrando alguns dos fatores que permitiram às mulheres escritoras começar a superar as barreiras que o sistema literário androcêntrico impunha. A partir dessa discussão, trazemos a contribuição de algumas das pioneiras da escrita feminina no Ceará, com destaque para os nomes de Alba Valdez (1874-1962), Emília de Freitas (1855-1908), Ana Facó (1855-1926) e Júlia Galeno (1890-1978).

Após essas discussões preliminares, apresentamos alguns dos pontos marcantes das trajetórias de vida e arte de Ana Nogueira Batista e Francisca Clotilde Barbosa Lima, acentuando o vigor libertário que moveu tanto a ação política das duas autoras como, mais especificamente, suas escritas.

3.1 A Mulher nas Letras Cearenses

A história da literatura no Ceará, em função da colonização tardia do Estado, só teve início no começo do século XIX, como assinalam, entre outros pesquisadores, Sânzio de Azevedo (1976) e Mozart Soriano Aderaldo (1987). Ali pelos idos de 1813/1814, um grupo se reunia em torno do Governador Manuel Inácio de Sampaio, em sessões palacianas que ficaram famosas sob a designação de Oiteiros, onde se destacavam os nomes de Pacheco Espinosa, Castro e Silva, Costa Barros e outros. Sobre o tipo de poesia cultivada pelo grupo, assim informa o professor Sânzio de Azevedo:

Sua poesia não se afastava dos louvores aos heróis e aos governantes, com o que seguiam um dos postulados neoclássicos de Luís Antônio Verney, teórico da corrente em Portugal; mas, ainda impregnados de racionalismo barroco, os poetas dos Oiteiros não se entregaram aos temas pastoris, a fim de embelezar a realidade. Daí, sua produção versificada, que não se eleva pela grandeza do estro, não poder ser considerada puramente arcádica ou neoclássica. (AZEVEDO, 1976, p.19)

Após o encerramento desse primeiro movimento, que teve fim com a transferência do Cel. Sampaio para outra localidade, a literatura cearense experimentou novo silenciamento, o qual só viria a ser quebrado quando, em 1856, Juvenal Galeno (1836-1931) publicou *Prelúdios poéticos*, obra que inaugura a poesia popular no Ceará.

Em 1873, é organizada a Academia Francesa do Ceará, que só durou dois anos e cujo nome já revelava a influência francesa sobre seus membros. Da agremiação, que representou a primeira reação ao Romantismo no Ceará, participaram Tomás Pompeu, Rocha Lima, Capistrano de Abreu, João Lopes, Xilderico de Faria, Araripe Júnior, França Leite, Antônio José de Melo, Antônio Felino Barroso e Amaro Cavalcante. Durante as reuniões eram discutidas as ideias do século e estudado os autores do dia, como Comte, Taine, Darwin, Spencer, Buckle, Ratzel, Schopenhauer, dentre outros.

Como se percebe, portanto, até então as mulheres estavam excluídas dos movimentos literários, o que iria perdurar até a agremiação seguinte, o Gabinete Cearense de Leitura, fundado em 1875. A ausência da mulher nas primeiras agremiações literárias cearenses refletia a situação de sua submissão a que era relegada pela sociedade patriarcal desde o período colonial. Como destaca Cecília Maria Cunha.⁵

Se a situação da mulher pertencente à elite econômica começou a mudar na capital do império com a chegada da Família Real, em 1808, posto ser necessário “prendá-la” para que pudesse participar das festas e saraus da corte, nas províncias mais afastadas, o quadro pouco se alterava. No caso do Ceará, por exemplo, verifica-se que, entre o período colonial e o imperial,

a situação das mulheres era um tanto mais complicada quando se percebe que sua educação, na esfera governamental, permaneceria em atraso em relação ao ensino dedicado aos homens. No caso das séries iniciais, ou principais letras, [nas] poucas [escolas] que existiam dedicadas às meninas, o discurso ideológico reforçava “uma proposta educacional” fundamentada no arquétipo “mãe-educadora”, em que as atribuições femininas como fragilidade e sensibilidade norteavam os conteúdos repassados. (CUNHA, 2008, p. 23-24)

⁵“O comum era a mulher acumular funções em todas as frentes do âmbito doméstico, numa atividade que sequer era considerada trabalho – posto que encoberta pelos paradigmas da passividade e indolência ao modelo projetado para ela na sociedade – enquanto o homem ficava livre para acumular capital e galgar seus degraus na esfera pública. Conservadores e progressistas, os homens tinham ideias comuns quanto ao uso da educação feminina.” (CUNHA, 2008, p. 21)

Duas circunstâncias ocorridas na primeira metade dos anos 80 do século XIX, porém, se mostraram importantíssimas para abrir o acesso das mulheres ao universo literário. Em primeiro lugar, com o movimento contra a escravidão ganhando força em nosso Estado a partir de 1880, surgiram várias sociedades abolicionistas que se abriam para a participação feminina. Incluía-se entre essas agremiações a Sociedade Cearense Libertadora, que tinha como veículo de expressão o jornal *O Libertador*⁶, no qual seriam publicados poemas de autoria feminina.

Outro episódio importante veio a ser a criação, em 1884, da Escola Normal. Nessa instituição, pela primeira vez, as mulheres passavam a ter uma formação secundária não religiosa. Assim, diferentemente do que ocorria no colégio Imaculada Conceição, das irmãs de São Vicente de Paulo, a nova instituição permitia às alunas ter contato com uma grade de disciplinas científicas, em consonância com o espírito positivista da época – Língua Portuguesa, Língua Francesa, Matemática, Geografia, História, etc. A importância da Escola Normal para o início da produção cearense de autoria feminina, como destaca Régia Agostinho da Silva (2010-b, p. 227), comprova-se com o fato de que seria naquela instituição de ensino que viriam a se formar as primeiras mulheres de Letras do Ceará Emília Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez e Ana Facó.

Devido a essa nova realidade que se abria para a participação feminina, como informa a historiadora Cláudia Freitas de Oliveira (Cf. OLIVEIRA, 2002, p. 74-93), já no Clube Literário, primeira agremiação que se seguiu o Gabinete Cearense de Leitura e que foi criado em 1886, observou-se a participação de escritoras – Ana Nogueira Batista e Francisca Clotilde Barbosa Lima, que colaboraram com a revista *A Quinzena*, veículo de expressão das ideias da agremiação.⁷

⁶“O decênio 1880-1889 foi o último sob governo monárquico, apresentando-se a imprensa cearense, no seu decurso, com vitalidade realmente notável, como prova o fato de terem surgido cento e setenta e cinco novas publicações, segundo o Catálogo Geral do Barão de Studart. No entanto, o aspecto mais importante a considerar refere-se ao aparecimento dos jornais “Gazeta do Norte” e “Libertador”, que renovaram o jornalismo da Província e somente desapareceram após a mudança de regime, aliás fundindo-se as “República” (1891), quando cada um tinha mais de dez anos de existência.” (NOBRE, 2006, p.111)

⁷ A escritora Francisca Clotilde Barbosa Lima participou do Clube Literário desde o primeiro ano, por isso o seu nome consta como sendo uma de suas fundadoras, enquanto Ana Nogueira Batista iria participar apenas no segundo ano da agremiação. Importa destacar ainda que as contribuições de Francisca Clotilde Barbosa Lima na revista *A Quinzena* serão mais expressivas do que as de Ana Nogueira Batista.

A partir de então, as mulheres não mais deixariam de ter papel ativo no cenário das letras cearenses. Tanto é assim que Ana Nogueira Batista tomou parte também da irreverente Padaria Espiritual, criada em 1892⁸. Comprova a ata da última reunião da agremiação, acontecida na Gruta do Chalé no dia 20 de dezembro de 1898, na qual a autora aparece com o nome “Sinhá”, apelido que recebeu dos familiares na infância. Além disso, a autora veio a publicar as poesias “No templo” e “Vita nuova” nas edições de número 34, do dia 15 de outubro de 1896, e 36, do dia 31 de outubro de 1896, de *O Pão*, jornal da Padaria.

Não significa dizer, no entanto, que o preconceito para com as mulheres de letras tenha deixado de existir no meio da intelectualidade cearense. Prova de que a mentalidade patriarcal e androcêntrica teimava em resistir ao advento de novos tempos é a seguinte afirmação de Antônio Sales em 1922, sobre as escritoras de sua época:

Não tem sido grande – felizmente diria um antifeminista contumaz, – o número de senhoras cearenses que cultivam as letras, pelo menos publicamente.

A cearense é por excelência a mulher do lar, a companheira dedicada do homem, a mãe de família que tudo sacrifica por amor de sua gente e pela boa manutenção de sua casa.

Não que lhe falte inteligência. Ao contrário: sempre que é posta à prova a mentalidade feminina em nossa terra, se revela vigorosa e apta para ilustrar-se nas ciências e nas artes.

Mas, em nosso meio e em nosso clima, *a mulher é muito feminina para ser feminista*, e a família tem uma consistência tão forte que ser a dona de um lar é ainda a suprema e quase exclusiva aspiração de uma moça cearense.

Isso não exclui a sua capacidade para o trabalho material ou mental, a sua faculdade de cultivar a inteligência quando é preciso tirar partido dela para ganhar a vida ou auxiliar a manutenção dos seus, quando privados da assistência do trabalho masculino;

Neste ponto a mulher cearense é inexcedível em atividade e dedicação, e pode ser apresentada como *modelo de companheira do homem*.

Mas a rotina da educação provinciana, a timidez, a resignação um tanto oriental do seu temperamento, *tudo a leva a negligenciar um tanto oriental do seu temperamento, tudo a leva a negligenciar o cultivo do espírito em proveito das utilidades e virtudes da feminilidade tradicional.*

Poucos nomes se podem citar, pois, entre as mulheres que têm brilhado nas Letras, além das que se distinguem no magistério. (SALES, 1922, p.446-447. Grifos nossos)

As palavras de Antônio Sales, um dos mais respeitados escritores cearenses, autor de *Aves de arribação* (1914) entre outras obras, é modelar no que diz respeito

⁸Após vários anos de pesquisa, o professor Sânzio de Azevedo localizou as atas da Padaria Espiritual nos arquivos do Instituto Histórico do Ceará. Os documentos, que foram transcritos, atualizados e editados em livro em 2015, ratificaram a participação de Ana Nogueira Batista nas fornadas, ocasião em que seus poemas eram lidos. (Cf. AZEVEDO, 2015, p. 89, 91 e 92)

à forma de como um aparente elogio pode estar eivado de preconceitos e de dissimulações. Vê-se, por exemplo, que o autor atribui a uma renúncia voluntária, que é claramente exaltada como virtude, a pouca atividade literária das mulheres cearenses, ocultando a verdadeira razão, que é a imposição de barreiras por parte de um sistema androcêntrico. Da mesma forma, o autor vê como sendo algo digno de louvor aceitar a condição de “mulher do lar”, o que implica em ver de maneira crítica a mulher que não aceita se limitar a esse papel. Por outro lado, ao colocar em extremos opostos a feminilidade e o feminismo, Antônio Sales não se distancia de uma mentalidade que vê como “machona” quem luta contra as injustiças para com o seu sexo, como se coubesse à mulher aceitar passivamente a opressão para que não negasse sua condição feminina. Ser “companheira do homem”, expressão que extrai do livro de Gênesis, é outra forma de se opor à postura das mulheres que se recusam a ser apenas um apoio ao marido, buscando sua própria realização. Por fim, ao valer-se e deixar clara sua apreciação da expressão “feminilidade tradicional”, Antônio Sales não esconde uma nota de reprovação às novas atitudes assumidas por algumas mulheres de sua época.

Destarte, mesmo com os ventos da modernidade que sopravam após a virada para o século XX, a condição da mulher continuava sendo de submissão, pelo menos na cabeça daqueles homens que não aceitavam abdicar um modelo de organização social que os privilegiava:

A mentalidade da época apontava a mulher como suscetível a muitas influências externas consideradas perniciosas. Era ela que se encantava com os “brilhos e transparências exagerados” da moda; deixava-se levar por uma degradação moral que a modernidade trazia, diziam outros. Também a mulher “ingênua”, diziam alguns, deixava-se “amassar” pelos bilontras os bailes modernos; e o pior de tudo, era ela que se deixava envolver pelas “falsas doutrinas”, pelo “feminismo doentio”. Era preciso vigiá-la e protegê-la. Retirar de seu alcance essas influências pecaminosas, que só serviriam para “transtornar o espírito das incautas” (SILVA, 2010-a, p.228)

Uma comprovação de que a situação da mulher cearense, mesmo daquelas que buscaram sua formação intelectual, pode ser observada nestas irônicas palavras da escritora e educadora Ana Facó:

la viver com meus irmãos, não podendo dizer como eles: – Vivo do meu trabalho. Revoltava-me contra isso.

Por que fez a natureza tanta desigualdade entre os sexos? Por que acumulou o homem de tantas prendas úteis e a mulher de tanto gosto pela futilidade?

O homem secundou a natureza: fez da mulher fonte sedutora de suas distrações e deu-lhe para campo de suas ações o lar, somente o lar. Que honroso futuro poderia a mulher aguardar? Um bom casamento. Faltando-lhe o arrimo dos pais, que poderia fazer para não se tornar um fardo, caso não tivesse pecúlio necessário para assegurar-lhe a subsistência? Trabalhar. Mas em que, se tudo lhe era vedado? (*Apud* CUNHA, 2008, p.19)

A despeito desse contexto de resistência social ao processo de empoderamento feminino, as escritoras cearenses ousaram buscar seu lugar ao sol. Nesse movimento, foram surgindo as pioneiras de nossa literatura. Entre os nomes de escritoras que se destacaram no início do século XX, cabe citar o nome de Alba Valdez (1874-1962), “identificada no meio literário como defensora do direito da ascensão cultural, econômico e político para as mulheres” (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993, p. 23). Entre seus feitos, estão o de ser fundadora, em 1904, da Liga Feminista Cearense, e primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras, em 1922.

Abelardo Montenegro, um dos raros pesquisadores que aborda a questão da mulher e do feminismo no Ceará, destacou a iniciativa de Alba Valdez na idealização da liga feminista cearense em 1904:

Há, no começo do século XX, na capital cearense, pequeno número de moças descontentes com a situação da mulher na sociedade, quando, na Inglaterra, a líder Pankhurst pratica atos de bravura em defesa dos direitos femininos. Esse minguado pugilo de moças da classe média, de boas famílias, funda, a 21 de junho de 1904, a “Liga Feminista Cearense”, que visa ao alevantamento intelectual da mulher.

Fazem-se objeções ao nome da entidade. Se não trata da emancipação feminina, não pleiteia sufrágio para as mulheres e ingresso destas na vida pública, não deve intitular-se de “Liga Feminina”, nome quase subversivo para a época.

Alba Valdez – a primeira presidente da “Liga” – e as demais fundadoras acalentam aspirações feministas. Não as exteriorizam, porém, com receio da censura social, da moral dominante. Sabem que a mulher não deve ser simples fonte de prazer, mas elemento capaz de contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade com direitos iguais aos do homem. (MONTENEGRO, 2001, p. 189-190)

Um dos trabalhos realizados pela Liga Feminista Cearenses, convém lembrar, era a oferta do ensino noturno para as moças que trabalhavam durante o dia e que não podiam frequentar uma escola; ou seja, por meio da educação e do conhecimento visavam propiciar a suas alunas a emancipação da mulher. Se

naquele momento não pleiteavam o direito ao voto ou ao divórcio, tinham a consciência de que o primeiro passo era fazer com que as mulheres menos favorecidas tivessem acesso à informação e aprendessem a ler e a escrever. Ainda em relação a Alba Valdez, Abelardo Montenegro descreve o seguinte diálogo entre a autora e o pai sobre a participação dela na imprensa:

No fim do século XIX e começo do século XX, rara é a mulher que se aventura a escrever usando o próprio nome. O pai de Alba Valdez (criptônimo de Maria Rodrigues) só dez anos depois veio a saber que a filha colaborava na imprensa fortalezense.

A beletrista reproduz o diálogo que manteve com seu pai:

– Minha filha, você escreve em jornal?

– Sim, meu pai.

– Ganha alguma coisa com isso?

– Não.

– Você imagina que faz boa coisa? Pensa que não vai ter desgosto?

– Já tenho experimentado aborrecimentos.

– Pois eu não a proíbo. Espero, apenas, que não se arrependa um dia.

As mulheres que se dedicam às letras “saíam de seus recolhimentos e isolamentos impostos pela hostilidade e indiferença do meio e vinham exhibir-se em plena luz através de produções em prosa e verso. Os preconceitos, porém, que cercavam a mulher instruída, a literata, os olhares de reserva e desdém com que a fixavam, constringiam-lhe o voo da inspiração em benefício de uma literatura, na sua maior parte tímida, mal definida e incaracterística que não se coadunava com as realidades do espaço e do tempo”, observa Alba Valdez. (MONTENEGRO, 2001, p. 189)

Como se observa no trecho citado, Alba Valdez fez uma importante reflexão sobre a escrita de autoria feminina frente ao preconceito vivenciado pelas literatas da época. Todavia, ciente de seu papel, enfrentou os obstáculos e não silenciou, embora tenha sentido a necessidade de optar pela utilização do pseudônimo para se preservar do julgamento de uma sociedade machista.

O nome de Emília Freitas (1855-1908) também merece ser destacado, visto ter sido “uma mulher engajada e atenta aos movimentos e acontecimentos de sua época.” (OLIVEIRA, 2003, p. 12). Ela, que foi escritora, educadora e ativista política, deu início a sua carreira literária em 1873, aos 18 anos de idade, passando a colaborar com vários periódicos de Fortaleza, como *O Libertador*, e participando da agremiação abolicionista Sociedade das Cearenses Libertadoras. Publicou três livros, *Canções do lar* (1891), *O Renegado* (s/d) e *A rainha do Ignoto* (1899), sendo esse o mais conhecido, com o subtítulo de romance psicológico, essa é a primeira obra de ficção científica a ser publicada por uma brasileira.

Emília de Freitas nasceu na localidade de Jaguaruana, na época distrito de Aracati, no dia 11 de janeiro de 1855, filha de Antônio José de Freitas e de Maria de

Jesus Freitas. Quanto tinha quatorze anos, faleceu o seu pai, deixando a esposa com doze filhos, dos quais quatro também faleceram poucos anos depois. Após a morte do seu pai, Emília Freitas mudou-se para Fortaleza, passando a estudar na Escola Normal. Após concluir o curso, dedicou-se ao magistério, tendo lecionado em Fortaleza e na cidade de Manaus.

Ainda em Fortaleza, sua presença era constantemente solicitada para participar de eventos culturais, incluindo os movimentos em prol da abolição da escravatura do Ceará. Foi convidada, inclusive, para ser a oradora da solenidade de instalação da Sociedade das Cearenses Libertadoras em 1883. Após o falecimento dos pais e os efeitos da grande seca do final do século, Emília embarcou para Manaus em companhia do irmão Alfredo Freitas. Lá, foi nomeada professora do Instituto Benjamin Constant, onde ensinou nos cursos primário e secundário.

No ano de 1900, Emília Freitas casou-se com o jornalista Arthunio Vieira. No mesmo ano, retornou para Fortaleza com o esposo. Em 1901, produziu e editou o primeiro jornal espírita do Ceará, *Luz e Fé*, em Maranguape, o qual trazia o lema “Fere-me, mas ouve-me”, possivelmente em decorrência das agressões que a escritora sofria por propagar a doutrina espírita.

Emília Freitas faleceu em Manaus no dia 18 de agosto de 1908. Sobre seu falecimento, assim declara Alcilene Cavalcante, uma das biógrafas da autora:

O casal não tinha mesmo paradeiro certo. Há um fosso na trajetória de Emília Freitas entre Abaetetuba e seu retorno a Manaus, por volta de 1906. Em algum momento, por alguma ou por diferentes razões, ela voltou para Manaus. Lá deve ter continuado a realizar suas atividades jornalísticas e literárias e a exercer sua religiosidade. Sabe-se, todavia, que ela residiu no Boulevard Amazonas, um dos novos bairros da Belle Époque amazônica. Além disso, às margens do rio Negro, Emília Freitas contraiu malária – doença comum aos naturalistas, estudiosos, missionários, entre outros, que se expunham ao trânsito nos trópicos. A febre, suores, dores de cabeça, vômitos e os calafrios levaram o médico Astrolábio Passos – o mesmo que acolheu anteriormente as órfãs do Instituto Benjamin Constant – a assisti-la, em vão, na noite de 18 de agosto de 1908. (CAVALCANTE, 2008, p. 141)

A obra e o nome de Emília Freitas ficaram por muito tempo no anonimato. Isso só se modificou nos anos 1980, quando o estudioso Otacílio Colares escreveu um ensaio sobre os traços de literatura fantástica presentes do romance *A Rainha do Ignoto* e realizou a segunda edição da obra, a qual, entre os anos de 2019 e 2020, veio a ganhar mais três reedições.

Ana Facó (1855-1926), logicamente, não pode ser esquecida neste breve inventário das pioneiras da literatura feminina cearense. A educadora, escondendo sua timidez por trás do pseudônimo de Nitia-Abá (“ninguém”, em tupi-guarani), publicou, no *Jornal do Ceará*, em 1907, dois romances: *Rapto Jocosos* e *Nuvens*. Viria depois o biográfico *Páginas Íntimas* (saído postumamente em 1938), que ratificaria a grandeza literária da autora.

Ana Facó nasceu no dia 10 de abril de 1855 na cidade de Beberibe, no Ceará, filha de Francisco Baltazar Ferreira Facó e Maria Adelaide de Queiros Facó. Foi a primeira diretora de um grupo escolar em Fortaleza no ano de 1890. Além de ter iniciado muito jovem a lecionar e dedicar toda a sua vida ao magistério, a educadora desenvolveu uma metodologia e textos próprios para serem utilizados na educação para crianças.

Encontramos no segundo volume do *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*, de Adalzira Bittencourt, as seguintes informações sobre a vida e a obra de Ana Facó:

O Engenheiro Antônio Carlos de Queiroz Facó, que no dizer do jornalista Dr. Demócrito Rocha, tem sido um desvelado cultor da memória de sua irmã, depois da morte dela, publicou os seguintes livros firmados pela ilustre cearense: “Comédias e Cancionetas”, 1937; “Rapto Jocosos”, romance, 1937; “Poesias”, 1937; “Nuvens”, romance, 1938; “Minha Palmatória”, contos, 1938, “Páginas Íntimas”, 1938.

Noticiando a morte de Ana Facó, o jornal “A Semana”, de 28 de junho de 1926, publicou entre outras coisas, o seguinte: “Espírito altamente culto”, era a saudosa extinta um talento: romancista, poetisa, desenhista, etc.. deixando esparsa em jornais e revistas, grande e apreciável bagagem literária, recordação feliz de um tempo em que a literatura cearense era uma pujante realidade.

Caracterizavam-lhe ainda o feitio moral, qualidades bem dignas de apreço: uma grande modéstia e um extraordinário amor à família.

“O grande mérito do livro de Ana Facó é a meticulosa observação de costumes que ele nos transmite. Nele temos a cópia fiel da vida cearense, em 1874, na ribeira do Pirangi. Sob esse aspecto, como livro de observação regional, não é sobrepujado por nenhum outro romance do Ceará. O próprio tom ingênuo da obra e a inocência do estilo parecem rebentar da própria terra simples e despreziosa que serviu de cenário ao romance”, assim se expressa Demócrito Rocha”. O Ceará se orgulha dessa filha querida. (BITTENCOURT, 1970, p. 279-280)

Outro nome que se eleva quando se faz referência ao pioneirismo feminino nas letras cearenses é o da escritora Júlia Galeno (1890-1978), que, tendo seu ingresso recusado na Academia Brasileira de Letras, cria sua própria academia exclusivamente para mulheres, “explicitando sua crítica frente à posição sexista da

Academia Brasileira e promovendo sua inserção, ainda que marginal, no mundo institucionalizado das belas-letas”. (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993, p. 23). O historiador Raimundo Girão, em sua obra *Dicionário da Literatura Cearense*, apresenta em verbete uma pequena biografia sobre Júlia Galeno.

GALENO (JÚLIA...Voos). Filha de Juvenal Galeno da Costa e Silva e Maria do Carmo Cabral Galeno. Nasceu na capital cearense, no mesmo prédio que se transformou em sede da “Casa de Juvenal Galeno”. Fez os seus estudos no Colégio Imaculada Conceição, de Fortaleza e, mudando-se para o sul do País, casou-se com o Comendador F. de Santana, indo fixar residência, por muitos anos, na cidade do Salvador. Em segundas núpcias, casou-se com Leo Voos. Sócia efetiva da associação cultural UNITER, do Rio de Janeiro, na qual fundou e dirigiu o Salão de Poetas. Pertenceu, igualmente, à sociedade feminina Cintilas e à Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Delegado da Academia Cearense de Letras junto à Federação das Academias de Letras do Brasil. Durante muito tempo, manteve em sua residência (Cabana Azul), em Ipanema, a “Academia Juvenal Galeno”. Poetisa, tem publicado inúmeros poemas em jornais e revistas cariocas. (GIRÃO, 1987, p. 109)

As autoras citadas, felizmente, são apenas quatro entre tantas autoras que marcaram os inícios da literatura feminina cearense. Antônio Bezerra de Meneses, por exemplo, cita não menos do que 18 escritoras cearenses em seu estudo *O Ceará e os cearenses*, de 1906:

Depois do ensino doméstico, são em geral educadas com esmero nas letras e nas belas artes.

Há ali senhoras que tem nome feito como poetisas e escritoras.

São bem conhecidas as Exmas. Sras. Ana Nogueira, Francisca Clotilde, Inácia de Matos Dias, Emília de Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amélia de Paula Rodrigues, Ana Letícia da Frota Pessoa, Luiza Justa, Ana Facó, Ana Bilhar, Adília de Albuquerque Luna Freire, Maria Salazar, Maria Rodrigues (Alba Valdez), Maria Amélia Torres Portugal, Aurelinda Simões, Olga de Alencar, Amélia de Alencar e Júlia Moura, estas seis últimas, diretoras da Liga Feminista Cearense, fundada pelas mesmas em 26 de Julho de 1904, e muitas outras, que honram os jornais com os seus escritos. (MENESES, 1906, p. 75)

Entre esses nomes, examinamos a seguir a trajetória das duas primeiras autoras citadas por Antônio Bezerra de Meneses, tendo em vista constituírem o centro das preocupações da presente dissertação.

3.2 Ana Nogueira Batista: uma Poética de Dores e Amores

1870 foi marcante por vários fatores. O ano que dava início à década em que ocorreu uma das mais terríveis secas de que se tem notícia (a de 1877) mostrava um Ceará dominado por coronéis que mandavam e desmandavam da maneira que bem quisessem, o que incluía a imposição do patriarcado. O cangaço também já era uma mazela que assolava o Nordeste.

Não foram apenas más notícias, porém, que o ano colheu. 1870 foi marcado por um grande crescimento industrial do Ceará, com a abertura de portos e a construção de estradas, ferrovias e prédios administrativos. As comunicações tiveram um progresso nunca antes visto, com a utilização dos correios e dos telégrafos.

Ainda naquele ano, mais precisamente no dia 25 de maio, como destaca Raimundo Girão na obra *A Abolição no Ceará* (1969), surgiu a primeira sociedade libertadora, a de Baturité, sendo instalada em 29 de junho pelos seguintes intelectuais, Raimundo Francisco Ribeiro, Antônio Pinto Nogueira Acioli, Pergentino de Castro Lôbo, Manuel Rodrigues Martins, dentre outros. Em 25 de junho do mesmo ano, em Sobral, aparece a Sociedade Manumissora Sobralense, segundo Raimundo Girão, a sociedade tinha por fim libertar crianças do sexo feminino. Os estatutos sociais foram preparados pelos Srs. José Antônio Moreira da Rocha e o Dr. Vicente Alves de Paula Pessoa. Na capital, a 8 de dezembro, instala-se a Sociedade Cearense Libertadora em Fortaleza. Evidenciando que os cearenses não aceitavam a continuação da escravatura.

É nesse cenário que no dia 22 de outubro de 1870 nasceu Ana Nogueira, filha de João Nogueira Rabello e Thereza de Albuquerque Mello Nogueira Rabello. Seu berço foi a cidade de Icó, terceira vila instalada no Ceará, logo após a de Aquiraz e a de Fortaleza. Devido a sua importância econômica, Icó, que em 1842 obteve a categoria de cidade, veio a ser um dos poucos municípios cearenses a ter um projeto urbanístico planejado em Lisboa.

De acordo com a neta de Ana Nogueira, a escritora Maria Thereza Baptista Bandeira Maia, em seu livro de memórias *Cadeiras na calçada* (1998), em que ela registra através de relatos e de fotografias a história de seus familiares e de seus antecedentes, Ana Nogueira foi a caçula de nove filhos. Quando tinha apenas dois anos, ficou órfã de mãe, que faleceu com apenas quarenta anos. Ana Nogueira

passa então a ser criada pela escrava Mãe Maria, que era muito querida por todos e muito dedicada aos trabalhos da casa. Todavia, passados alguns anos, o pai de Ana se casou com Joaquina Rabello, com quem não teve filhos. Joaquina era muito culta, falava francês e apreciava boas leituras, hábito que transmitiu a sua enteada Ana.

Ana Nogueira publicou apenas um livro em vida no ano de 1964 intitulado *Versos*, essa obra ficou restrita a família e hoje não encontramos nenhum exemplar nas bibliotecas, nas páginas iniciais registrou os seus dados biográficos em que relata fatos de sua infância, da mocidade e de sua velhice. Dentre os fatos destacados a memória do seu pai é resgatada como um importante político abolicionista. João Nogueira Rabello, pai de Ana, foi por mais de uma vez deputado pela Assembléia Provincial do Ceará, exercendo a chefia do Partido Conservador de Icó. Apaixonado pelas causas abolicionistas, foi um dos fundadores da Sociedade Libertadora dos Escravos, acompanhado por sua esposa Joaquina, que presidia o setor feminino da agremiação.

Aos cinco anos de idade, Ana foi levada à escola de Mestre Antônio para acompanhar a irmã Thereza. Ainda bem pequena, ela presenciou as terríveis cenas da seca de 1877. Como informa Maia (1998), aos dez anos de idade, de vestido novo, com várias anáguas armando o seu corpinho miúdo, ela subiu ao palco tomou parte nos festejos comemorativos da campanha abolicionista, recitando versos do poema “Loira liberdade”, de sua autoria, num espetáculo teatral promovido em homenagem a uma comissão de libertadores vinda de Fortaleza. Sendo muito aplaudida, esse episódio marcaria a sua vida, como deixou registrado no poema a seguir:

Salve, oh! loira liberdade!
 Filha do céu e da luz
 Tu és a arca bendita
 Da santa lei de Jesus.
 És do céu a mensageira.

Qual outrora Gabriel
 Anunciando ao proscrito
 O fim da treva cruel. (BATISTA, 1964, p. 12)

Os dias de alegria e brincadeiras de Ana foram interrompidos no dia seis de dezembro de 1883, aos 13 anos de idade, quando o pai veio a falecer aos cinquenta e nove anos.

Ana Nogueira ficou órfã muito pequena, com apenas dois anos. Apelidada de Sinhá, era uma criança introvertida, sonhadora, vivendo no seu mundo de fantasia. Brinquedos, quase não os tinha e, costume comum entre crianças nordestinas, brincava com ossinhos de pequenos animais, entretendo-se e imaginando coisas. (MAIA, 1998, p. 31)

Como informa Maia (1998), Ana Nogueira, ao entrar na adolescência, sentia-se profundamente triste e sozinha e, conservando por um longo tempo o luto, viva sempre vestida de preto. Só a poesia lhe dava algum conforto, o que fazia com que preenchesse seu tempo com a leitura e a escrita de poemas. Em 1885, depois que Thereza, sua irmã, se casou, indo residir no Recife, Ana passou a escrever poemas. Assim, no ano seguinte, quando contava dezesseis anos de idade, já publicava suas poesias nos jornais de Fortaleza. Entre esses poemas, destaca-se o poema “Não sei cantar”:

Não sei cantar... Se soubesse,
Que trovas harmoniosas
Teria escrito, sorrindo,
Nas finas pétalas das rosas!...

Cantando o céu, as estrelas,
O astro rei fulgurante,
A branca lua fugindo
Qual lampadário brilhante,

Cantando as auras fagueiras
Os rubros clarões d'aurora,
O meigo lírio do vale,
Que à tarde murcha descora;

As nuvens brancas, ligeiras
Em formoso céu de anil,
Os risos da primavera,
As puras manhãs de abril,

Os cantos das andorinhas,
As tardes tristes do estio,
O som sentido do ângelus,
As mansas ondas do rio.

E depois de ter cantado
O céu, o bosque e a flor,
Eu cantaria, sorrindo,
Os doces gozos do amor! (BATISTA, 1886, p. 2)

Em 1891, Affonso, irmão predileto de Ana, partiu para os seringais da Amazônia, destino de milhares de nordestinos após a grande seca de 1877. Três anos depois, o coração da jovem se encheu mais uma vez de dor, pois o irmão, contando apenas trinta anos, veio a falecer no Estado que o acolhera. Nos anos que

se seguiram à morte do irmão, explica Maia (1998). Vê-lo partir, tornou-se um grande sofrimento e preocupação que a acompanharam até o momento quando soube que não o veria mais. Ana Nogueira dividia-se entre Fortaleza e Icó. Em uma das temporadas na capital, conheceu Antônio Sales, um rapaz bonito e inteligente que na época já era poeta e escritor. Essas qualidades despertaram em Ana um interesse que pouco tempo durou, pois, logo em seguida, Antônio Sales se apaixonou por uma jovem recém-chegada da Suíça, Alice Navas, com quem se casaria.

Ana Nogueira frequentou as rodas literárias de Fortaleza, tendo participado, como já informado, do Clube Literário, como destaca o professor Sânzio de Azevedo:

O Clube Literário contou ainda com os nomes de José de Barcelos, Xavier de Castro, Farias Brito e outros, como Antônio Sales (que mal se iniciava), Álvaro Martins, Ana Nogueira e tantos mais. E, além de incentivar a produção literária e a leitura de bons livros por intermédio de sua revista, realizava o grêmio sessões noturnas, durante as quais eram postas em discussão as últimas novidades da literatura do Brasil e de outros países, notadamente de Portugal. Acreditamos que João Lopes, havendo sido um dos membros da Academia que inegavelmente contribuiu para atualizar escritores e leitores cearenses que, dessa forma, não ficavam alheios ao que se passava noutros centros, em termos de movimentos estéticos.

D' A Quinzena saíram 30 números, com colaborações de muitos dos nomes citados, e mais Paulino Nogueira, Pápi Junior, Guilherme Studart e outros. (Uma edição fac-similar desse periódico foi publicada pela Academia Cearense de Letras em convênio com o Banco do Nordeste, no ano de 1984). (AZEVEDO, 1994, p. 188)

As contribuições de Ana Nogueira Batista na revista *A Quinzena* ocorreram na quinta, na sexta e na sétima três edições no segundo ano da revista, respectivamente, com os poemas “Conselho”, “Teu olhar” e “Nessum maggior dolore”. Segundo Castro (2019), além de *A Quinzena*, a autora colaborou com várias publicações locais, como *O Libertador*, *A Constituição*, *A Cidade*, *O Pão*, *O Domingo*, *O Repórter*, *A Evolução*, *Almanaque do Ceará*, *Revista Contemporânea* e *A República*. Na primeira página da edição de 25 de julho de 1891 deste último periódico, a propósito, é assim anunciada a chegada da poetisa Ana Nogueira em Fortaleza:

Esta capital tem a honra de hospedar atualmente a talentosa e gentil poetisa Ana Nogueira tão conhecida de nossos leitores. Desejamos que a natureza fortalezense inspire-lhe versos tão formosos como os que lhe inspiram os sertões pátrios de onde acaba de chegar. (BATISTA, 1891, p. 1)

O mesmo jornal, na segunda página de sua edição de 28 de novembro de 1894, descreve assim a chegada de Ana Nogueira em Fortaleza, ocasião em que é destacada a atuação da homenageada como poetisa e seu reconhecimento no Brasil inteiro:

Ana Nogueira

No trem de ontem chegou do Icó, onde reside esta festejada poetisa cujo nome laureado fulgura ao lado dos melhores poetas do nosso meio literário. Alma fantasista e sonhadora, dotada de um fino e delicado temperamento artístico, Ana Nogueira maneja com facilidade a rima e o metro de que é senhora, e possui todos os segredos da poesia e da arte.

O seu nome é bastante conhecido não só no Ceará como no Brasil inteiro. Diversas vezes tem ela constelado as colunas de nossa folha com joias de fino labor literário, que andam transcritas pelos jornais de grande circulação do país.

Agora que esta capital tem a honra de hospedá-la estamos certo que nos há de honrar com alguns punhados de rimas como só ela possui o segredo de rendilhar. (*A REPÚBLICA*, 28/11/1894, p. 2)

Mota (2007) lembra que Ana Nogueira Batista foi a única mulher a publicar no periódico *O Pão*. O jornal era produzido pela Padaria Espiritual, agremiação que vigorou de 1892 a 1896 em Fortaleza. A escritora conhecera os fundadores do movimento literário, vindo a se apaixonar pelo escritor e poeta paraibano Manoel Sabino Batista, que era um jovem irreverente, sarcástico e muito inteligente e procedia de uma família de poetas e cantadores. O Sátiro Alegrete, pseudônimo de Sabino na Padaria, já conhecia os dons literários de Ana, como se vê no poema “Cartão de visita a Ana Nogueira”, inserido na matéria já citada da edição de 28 de novembro de 1894 do jornal *A República*:

Lira que tens nas cordas engastada
A rima d’ouro peregrina e cara,
E que em cada frase burilado, em cada
Nota que vibras transparece, clara:

Borda um soneto harmonioso para
Saudar a doce, a meiga a laureada
E gentil poetisa cuja musa rara
É tão maviosa, e terna, e festejada.

Dedilha um canto, uma canção dedilha
E alegre canta ao som da guitarrilha
Lindas baladas, sinfonias lindas...

E assim festiva e plena de harmonia
Risonhamente num soneto envia
A Ana Nogueira tuas boas-vindas. (BATISTA, 1894, p. 2)

O casamento dos dois escritores, que ocorreu na matriz do Icó, abençoados pelo vigário da paróquia, velho amigo da família, aconteceu em 22 de outubro de 1896, dia do aniversário de vinte e seis anos de Ana Nogueira. Ela então adotou o sobrenome do marido, dando início à família Nogueira Batista.

O jornal *Folha do Norte* do dia 21 de novembro de 1896, em sua segunda página, publicou uma nota sobre o casamento. “Casou-se em Icó o distinto poeta Sabino Batista com a exma. Sra. D. Ana Nogueira, aplaudida poetisa.” (*FOLHA DO NORTE*, 21/11/1896, p. 2). Já o Jornal *O Pão*, na página 8 da edição de 15 de outubro de 1896, trazia o seguinte anúncio:

Para a cidade do Icó, onde foi consorciar-se com a gentil e talentosa poetisa Exma. Sra. Ana Nogueira, seguiu ao dia 12 do corrente o nosso prezado companheiro Sabino Batista. Brevemente estará de volta o poeta das “Vagas”, que vai realizar o seu ideal de moço com tão auspicioso enlace. (*O PÃO*, 15/10/1896, p. 8)

Em *O Pão*, aliás, Ana havia publicado pela primeira vez dois meses antes do enlace, em 30 de setembro de 1896. O texto, que saiu na página 6 da edição de nº. 34, do ano III, era o soneto intitulado “No Templo”, cujos versos sugerem uma prece a Nossa Senhora em favor das ternas mães e noivas amorosas:

Nesta suave hora de sol posto
Nossa senhora, a boa mãe clemente
Sorri pra nós do trono seu fulgente
Cheia de amor e de inefável gosto.

Ela, consolação, arrimo, encosto
Dos que na vida lutam tristemente.
Abre o seu coração bondosamente
E carinhosa inclina o meigo rosto.

Recebe as orações dos desgraçados.
As mansas preces dos afortunados,
De onde resumam doces contrições...

Ouve as sentidas queixas piedosas
Das ternas mães e noivas amorosas
Que põem nela os frágeis corações... (BATISTA, 1896, p. 6)

Azevedo (2015) ressalta que, além de publicar no jornal da Padaria Espiritual, Ana Nogueira também participou de saraus da agremiação, denominados de fornadas. Dá testemunho dessa participação o periódico *A República* de 20 de setembro de 1897, trazendo na primeira página uma descrição de uma das

animadas reuniões dos padeiros que contou com a presença da poetisa Ana Nogueira Batista:

Padaria Espiritual

Ontem, em casa de residência do redator chefe desta folha reuniu-se em brilhante fornada a Padaria espiritual que acaba de entregar à publicidade o livro do inditoso poeta cearense Lívio Barreto, morto aos vinte e quatro anos de idade, em 29 de setembro de 1895, na cidade de Camocim.

(...)

Durante a fornada que, como já dissemos, foi animadíssima, leram interessantes trabalhos os padeiros Sabino Batista, José Carvalho, D. Ana Nogueira e Rodolfo Teófilo, padeiro-mor.

Notamos entre as pessoas presentes a esta sessão da Padaria. Além de alguns rapazes de letras e senhoras, diversos senhores deputados, empregados estaduais e pessoas de elevada consideração social que com suas presenças foram prestar aos moços da Padaria uma homenagem a seu esforço, um encorajamento a seu constante trabalho.

Com o *Dolentes* completou a "Padaria" o número de dez livros editados por ela e pertencentes à sua biblioteca. (*A REPÚBLICA*, 20/09/1897, p. 1)

Outro texto da autora publicado no jornal, o qual já vinha com a assinatura de Ana Nogueira Batista, saiu em 31 de outubro de 1896, na página 8 da última edição do periódico, a de número 36, Ano III. Tratava-se do poema "Vita Nuova", do qual registramos os seguintes trechos:

Eis-me longe da cidade
Estou no campo, afinal
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal

Há muito já que eu queria
Fugir de lá, e a natura
Vir confiar a sombria
Tristeza que me tortura.

(...)

Vida nova! Eu quero agora
Fazer canções maviosas!
Há de inspirar mais a autora,
Ou as estrelas radiosas.

Quero rimas diamantinas
Como os clarões da manhã
Alegres e purpurinas
Como os bagos da romã.

Quero estrofes cintilantes
Como do sol os fulgores
Rescendendo os penetrantes,
Acres perfumes das flores

Quero canções aljofradas
Como as relvas matinais
Sonoras como as baladas
Dos passarinhos joviais... (BATISTA, 1896, p. 8)

Mesmo com o fim do jornal *O Pão*, Ana Nogueira continua a escrever e a publicar as suas poesias nos jornais locais e nacionais. Na época, ansiava pela publicação de um livro que já tinha um título escolhido: *Carmes*⁹. Entretanto, o livro seu com esse título jamais veio a ser publicado. De toda forma, é importa destacar que o nome de Ana Nogueira crescia a cada dia. Tanto é assim, que encontramos poemas da autora em periódicos de vários estados: *Pacotilha* (MA), *O Pará* (PA), *Rua do Ouvidor* (RJ), *A Estação* (RJ) Suplemento literário, *Gazeta de Notícias* (RJ), *A Província do Pará* (PA), *Rio Negro* (AM), *Almanach Popular Brasileiro* (RS), etc.

Portanto, o nome de Ana Nogueira ia sendo cada vez mais celebrado. Confirma isso um texto saído na primeira página do jornal *A República*, em 7 de setembro de 1897, do qual trazemos o trecho a seguir:

A distinta poetisa, que motivou estas linhas, é de uma singeleza delicada no verso, – tradutor canoro de uma impressão que nos deixou a natura em qualquer de suas múltiplas aparências.

O espírito feminino, embora demasiado perspicaz, raras vezes não deixa escapar os traços menos acentuados de um objeto, apanhando aqueles que mais se insinuam à nossa vista.

É o que noto em d. Ana Nogueira Batista – seus versos não traduzem particularidades, embora imprescindíveis, mas apanham as generalidades que possam ludicar a forma do todo, sem deste dar a geração.

Define-o e caracteristicamente, como dir-se-ia na concepção do Monge.

Nem por isso diminui o seu valor pois que valor encontro nos seus versos.

(A REPÚBLICA, 7/9/1897, p. 1)

Para ilustrar e ratificar o apuro do seu julgamento, o autor do texto registra um dos sonetos da autora, intitulado “Rosicler”:

Que formosa manhã! Minh’alma acorda
Com vontade de rir; foi-se a sombria
Tristeza que inda pouco a oprimia
E que ela agora nem sequer recorda.

Uma onda de luz enche e transborda
Do coração que quase não vivia.
Volta-me toda a límpida alegria
Que faz vibrar a sorridente corda.

Que formosa manhã! Além nos ninhos

⁹Em novembro de 1896, um mês depois de casada, Ana escreve “Sursum Corda”, poesia dedicada à Alice Nava Salles, esposa de Antônio Salles. Neste mesmo mês, Ana dedica o poema “Gloria in Excelcis”, à Raymundinha Theóphilo. Estas poesias e outras feitas anteriormente são publicadas em alguns jornais de Fortaleza. Ana acalentava um sonho: publicar um livro com suas poesias, e para isso já tinha até um título escolhido: “Carmes”. Num caderno de capa dura ela colava seus versos, recortados dos jornais, e na primeira página escreveu: ‘Biblioteca da Padaria Espiritual Anna Nogueira Baptista CARMES Ceará’.” (MAIA, 1998, p. 80)

Alegremente cantam passarinhos
Se aquecendo ao clarão que vem d'aurora!

E minha Musa, n'um prazer infindo
Se espanja feliz, cantando e rindo,
Rindo e cantando pelo azul a fora... (BATISTA, 1897, p. 1)

Com o reconhecimento da autora, as publicações especializadas na literatura cearense passam a se interessar em dar registro ao nome da autora. Exemplo é o seguinte perfil da autora elaborado por Guilherme Studart, em seu estudo intitulado “Pequeno dicionário biobibliográfico”, saído na edição de 1899 da *Revista da Academia Cearense*:

D. Ana Batista Nogueira. Filha de João Nogueira Rabelo e D. Tereza de Albuquerque Nogueira Rabelo, nasceu na cidade do Icó no dia 22 de outubro de 1870. É a esposa de Sabino Batista, o poeta d'As Ondas. Tem colaborado nos seguintes jornais: *Libertador, Constituição, República, O Pão, O Domingo, O Repórter e a Evolução* de Fortaleza. *O Rio Negro* de Manaus, *A Província* do Pará de Belém, *A Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro e a *Cidade de Campinas*, de S. Paulo. Tem pronto um livro de poesias a publicar com o título *Carmes*, no qual há muitas traduções de versos de poetas franceses. Foi premiada no concurso da versão do Soneto de François Coppée posto em certame pela República em 1º - 2 - 99, obtendo sua tradução o primeiro lugar por unanimidade de votos da comissão julgadora. (STUDART, 1899, p. 38)

No plano pessoal, a autora celebrou o nascimento de seus dois primeiros filhos: Luiz Nogueira Batista, o primogênito, nasceu em 26 de julho de 1897. Um ano depois, em 29 de julho de 1898, nasceu Olavo Nogueira Batista, cujo nome estampava a admiração que Sabino sentia pelo brilhante poeta Olavo Bilac, com quem se correspondia e que muito apoio dera à Padaria Espiritual.

Como acentua Maia (1998), A situação no Ceará naquele final de século, porém, era demasiadamente grave, com muitos cearenses emigrando para outros Estados em busca de melhores condições de vida. Para driblar problemas financeiros, o casal passou a avaliar propostas de trabalho que chegavam do jornal *A Província*, folha tradicional de Belém do Pará. Sabino, que já era há muito tempo correspondente do periódico, fora convidado a fazer parte do corpo de redatores. Já Ana Nogueira era convidada pelo jornal para trabalhar como tradutora de telegramas. Belém surgia como uma esperança de um recomeço e de melhores dias, o ciclo da borracha estava no auge e a cidade tornava-se importante para o desenvolvimento comercial.

Em 1899, o casal decidiu se mudar para o Pará. Em abril, Sabino seguiu viagem sozinho para se estabelecer e, em seguida, trazer a família. Ana, enfrentando a primeira separação do marido querido, foi com os filhos para uma propriedade da família em Icó, onde aguardaria o regresso de Sabino.

No dia 28 de julho de 1899, Sabino desembarcou em Fortaleza. Programada a viagem de todos para o dia 15 de agosto, trataram de vender todos os pertences. Nesse meio tempo, instalaram-se no sítio de Rodolpho Teófilo que ficava em Pajuçara, para aguardar o dia do embarque. A viagem, no entanto, não se realizaria, pois Sabino termina caindo doente, vindo a falecer no dia 16 de agosto, vítima de varíola. No dia seguinte à morte do poeta Sabino, o Jornal *O Pará* publicou a seguinte nota na página 2:

Acabamos de ter a desastrada nova da morte do inteligente e simpático moço Sabino Batista, nosso confrade que n'a *A Província do Pará* revelou-se como um espírito forte, trabalhador, uma alma eleita aos sentimentos do bem, um coração grandioso ardentemente pulsante. Resolvendo aqui fixar residência, Sabino Batista seguiu, o mês passado, para o Ceará em busca de sua extremosa esposa, a inteligente poetisa dona Ana Batista e seus dois extremosos filhos. Demos-lhe aqui, no nosso escritório de redação, um abraço fraternal, esperando vê-lo voltar mais alegre, mais satisfeito para juntos mourejarmos nessa luta das letras, a qual ele era um devotado. Sabino seguia forte, vivo d'alma, esperançoso. A fatalidade, porém, o perseguiu. Cremos que a bordo, o desditoso moço apanhou o *morbus* da varíola que manifestando-se à sua chegada ao Ceará, fê-lo cruelmente vítima, ontem à noite. E assim se apagam de momento as esperanças, o amor, as ilusões que Sabino Batista sabia alimentar em sua alma de moço; e assim fica na viuvez uma senhora paupérrima que com seus esforços, estudos e inteligência, além de honrar a um poeta com suas virtudes de esposa e mãe, honrava-o com a sua Lyra de Oiro, agora transformada em alaúde. Não traduzem as linhas que aí ficam a comoção que nos causou a nefasta nova que perturba-nos o espírito. Sirvam elas, porém, para testemunhar a ilustre esposa do nosso infeliz amigo, dona Ana Batista e ao seu irmão, que agora junto a nós vemos inconsolável, o Sr. Ubaldino Batista, os nossos profundos pesares. (*O PARÁ*, 17/08/1899, p. 2)

Grávida, com dois filhos pequenos e sem casa e dinheiro, Ana Nogueira Batista contou com o apoio dos amigos. Assim, no dia primeiro de janeiro de 1900, deu à luz a uma menina, que recebeu o nome de Maria Thereza Nogueira Batista. Passados os primeiros meses de nascimento da filha, Ana começou a lecionar num colégio de Fortaleza. Após um ano da morte do marido, Ana sofreu um novo golpe, com a morte repentina de sua filha, então com apenas 10 meses. Sua irmã Thereza, que há anos residia em Recife, convidou-a para ir morar com ela. Assim, acompanhada dos dois filhos e de Ana Clara, que a ajudava com os cuidados da

casa e das crianças desde a partida de Sabino, a escritora desembarcou na capital pernambucana.

Em Recife, Ana Nogueira lecionou em escolas particulares e estudou à noite na Escola Propagadora da Instrução, diplomando-se Professora em 1903. Em 1902, com outras escritoras do Recife, fundou a revista *O Lyrio.*, para a qual colaborou até o último número da publicação, em novembro de 1903. Em 1929, após dezessete anos no magistério público, Ana Nogueira se aposentou. Todavia, ao contrário do que era esperado, passou um longo período sem escrever, vendo o sonho de ver as suas poesias em um livro cada vez mais distante.

Em 1950, seu filho Olavo vem a falecer, e Ana Nogueira, que passara a vida alternando-se na casa dos filhos, mudou-se definitivamente para a casa de Luiz e Helena, em Niterói, no Rio de Janeiro. Em 1964, quando completava noventa e quatro anos, seus netos se reuniram para publicarem a sua produção poética em um livro, que foi intitulado *Versos*, o qual foi editado pela EDIGRAF, no Rio de Janeiro. O livro reuniu poesias da juventude e da velhice, realizando um sonho que datava da época do seu casamento. Esta alegria a acompanhou até seu descanso final, ocorrida em 22 de maio de 1967, quando ela alcançava a idade de noventa e seis anos.

3.3 Francisca Clotilde Barbosa Lima: entre o Lirismo e o Engajamento

Abolicionista, dramaturga, educadora, escritora, poetisa, romancista e jornalista. Francisca Clotilde nasceu em Tauá, no interior do Ceará, no dia 19 de janeiro de 1862, sendo filha de João Correia Lima e de Ana Maria Castello Branco. Por conta da seca anos depois a família muda-se para a serra de Baturité onde moravam os familiares maternos.

Mota (2007) informa que, em 1877, quando ainda não completara quinze anos, teve sua primeira obra publicada em um jornal. Tratou-se do poema “Horas de Delírio”, que saiu na página 4 do Jornal *Cearense* do dia 1º de fevereiro de 1877. Esse é o primeiro poema de Francisca Clotilde publicado na imprensa. Todavia, como já destacado na introdução desta pesquisa, a autora ocultou sua condição feminina mediante o uso de iniciais na assinatura e por meio da opção de um *eu* poético masculino.

Em 1º de novembro de 1880, contando apenas 18 anos e tendo concluído há pouco os estudos no Colégio Imaculada Conceição, Francisca Clotilde casou-se com Francisco de Assis Barbosa Lima, como informa a pesquisadora Gildênia Moura de Araújo Almeida (2012). Seu pai faleceria poucos dias depois, no dia 26 de novembro de 1880. De acordo com os registros biográficos, Francisco de Assis conhecido também por “Zeguedegue”, se entregara à bebida e havia abandonado a família, ignorando-se seu paradeiro. Sem saber onde estava o marido e sem a proteção da família, Francisca Clotilde começou a trabalhar em 1882, sendo habilitada como professora das primeiras letras. Almeida (2012) destaca que, em 31 de maio de 1884, quando tinha apenas 22 anos, Francisca Clotilde foi nomeada a primeira professora concursada da Escola Normal Pedro II.

Na década de 1880, Francisca Clotilde colaborou com o jornal científico e literário *A Evolução*¹⁰, criado por Antônio Duarte Bezerra, além dos periódicos *O Domingo*, *O Libertador*, *A República*, *O Cearense*, *A Constituição*, *Gazeta do Norte*, *Pedro II*, *Gazeta do Sertão*, *A Quinzena*, e *Revista Contemporânea*, entre outros. Além do próprio nome, assinou seus textos com os pseudônimos: Jane Davy e D. J.

Fez parte, juntamente com Ana Nogueira, do Clube Literário, tendo publicado na *A Quinzena*, jornal da agremiação.

A primeira participação de Francisca Clotilde na revista *A Quinzena*, segundo Edição fac-similar publicada em 1984 organizada e supervisionada por Cláudio Martins, ocorreu na edição de número 3 do dia 15 de fevereiro de 1887, com o texto *A educação moral das crianças na escola*. Seguiu-se, na edição de número 5 do dia 15 de março de 1887, o texto *A mulher na família*. Alguns escritos foram assinados com o seu pseudônimo Jane Davy, como no texto *Mors Amor* publicado na edição de número 7 do dia 15 de abril de 1887. Além de crônicas e traduções a professora também publicou poemas.

Francisca Clotilde, como informa Almeida (2012), participou do movimento pioneiro de libertação dos escravos do Ceará, integrando a Sociedade Abolicionista Cearense Libertadora, movimento que teve um papel fundamental na abolição dos escravos no Ceará.¹¹ A Agremiação publicou o jornal *O Libertador* que trazia textos

¹⁰ A “Evolução” foi publicada por Antônio Duarte Bezerra, sua esposa Francisca Clotilde e Joaquim Fabrício de Barros. (NOBRE, 2006, p. 116)

¹¹ Ajudou como batalhadora no movimento libertador dos escravos no Ceará. – “Saindo vitoriosa a causa da Abolição, ela ao oferecer uma coroa de louros ao Dr. Caio Prado, então Presidente do

voltados para a questão abolicionista, como este da autora em análise, que traz um interessante acróstico.

AOS LIBERTADORES

O fim é este! Ousados paladinos

Chegaste ao Tabor cheios de glória,
E a frente ides alçar ao som dos hinos
Aos cânticos festivos da vitória!
Ressoe o brado augusto da amplidão:
Aqui hoje se estreita um povo irmão!

É livre o Ceará, reina a igualdade:

Livres somos! Triunfa a nobre ideia!
Imensa se levanta a liberdade
Vencendo aos belos cantos da epopeia!
Rompe as brumas do céu loura alvorada
E a aurora de Deus, surge abrasada! (LIMA, 1884, p. 2)

Nesse período, Francisca Clotilde conheceu o capitão Antônio Duarte Bezerra, professor de Aritmética e Geometria que também lecionava na Escola Normal. Em 1885, começam um relacionamento amoroso. O capitão reformado foi o grande amor de Francisca Clotilde, conforme podemos perceber na escrita de muitos poemas e no diário deixado pela escritora, o qual é guardado até hoje por Rosângela Ponciano, bisneta de Francisca Clotilde.

Em 1889, publicou a obra didática *Lições de Aritmética* com finalidade educativa para a Ala feminina da Escola Normal. Em 1893, dois acontecimentos abalaram a vida de Francisca Clotilde, que era mãe de quatro filhos, todos com o seu companheiro Antônio Duarte – Angélica Maria, Arquimedes, Antonieta Clotilde e Aristóteles. De início, foi exonerada da Escola Normal, fato que alguns pesquisadores associam ao seu envolvimento com movimentos políticos e o seu relacionamento com Antônio Duarte ainda sendo casada. Nesse mesmo ano funda, em Fortaleza o Externato Santa Clotilde, de ensino misto, sem separação para meninos e meninas, uma atitude avançada para a época e que funcionou por três anos. 1893 foi também o ano em que faleceram seu companheiro Antônio Duarte Bezerra e a filha Angélica Maria. No ano seguinte, perde o filho Arquimedes.

Com o fechamento do externato em Fortaleza, lembra Mota (2007), Francisca Clotilde vai para o Maciço de Baturité com os dois filhos Antonieta Clotilde e

Estado, proferiu a seguinte quadrinha de sua autoria: Eis o momento sublime, da liberdade e da glória. Do mundo inteiro ressoam, os hinos desta vitória.” (SCHIMMELPFENH, 1984, p.46-47)

Aristóteles. Abandonada pelo esposo, e viúva do seu grande amor, teve como salvação a literatura e o magistério que permitiram sua sobrevivência por intermédio das aulas que ministrava e dos textos que escrevia para os jornais. No entanto, ao ser afastada da escola Normal, soube resistir a todos os percalços. Utilizando-se da escrita para sobreviver, foi salva pela poesia, pela prosa e pelos artigos que enviava a jornais de todo o país. Lecionando e publicando enfrentou a sociedade e a própria família.

Em 1897, informa Mota (2007), a autora passou a morar em Redenção, de onde segue para Baturité. Nesse mesmo ano, publicou *Coleção de Contos*, obra que dedicou à memória dos pais. Em Baturité, fundou o Externato Santa Clotilde. Nesse mesmo período, Francisca Clotilde reencontrou Francisco de Assis, o marido desaparecido, e passaram a viver maritalmente. Desse reencontro, nascem Ângela Clotilde e Tertulina.

Em 1902, publica o romance *A Divorciada*, que trata de um tema bastante polêmico para o final do século XIX, e *Fabiola*, drama em 3 atos. O historiador e literato Mário Linhares, que foi aluno de Francisca Clotilde, dedicou as seguintes palavras à memória da escritora:

Depois de EMÍLIA DE FREITAS, autora de “Canções do Lar” (1891) e “A Rainha do Ignoto” (romance psicológico, 1899), vem FRANCISCA CLOTILDE, poetisa e ficcionista, que publicou “Coleção de Contos”, com prefácio de Tibúrcio de Oliveira, 1897 e “A Divorciada”, romance, 1902. Conheci-a como professora pública em Baturité, em minha meninice, aí por 1904. Minha mãe, muito sua amiga, aproximou-nos. Foi ela quem corrigiu os meus primeiros versos e ensinou-me os segredos da metrificação. Sua modéstia e a obscura vida de educadora no interior cearense estiolaram-lhe o vigor da inteligência, que não teve a projeção que a faria um dos nomes mais queridos das nossas letras femininas. Sua filha, ANTONIETA CLOTILDE, herdou-lhe as virtudes literárias, tão bem realçadas em sua revista “A Estrela”, e ditada, a princípio, em Baturité e, depois em Aracati, onde fixou residência. Seu filho, ARISTÓTELES BEZERRA deu-se, também, às letras, com a inclinação natural de quem teve o berço embalado por uma musa cativante. Publicou ele: “Religião e Ensino” (prosa), 1927; “Transfigurações” (versos), 1937; “Poemas da Fé e da Saudade”, 1938. Atualmente reside no Rio onde é professor e jornalista. (LINHARES, 1948, p. 107)

Francisca Clotilde foi colaboradora assídua da revista *A Estrela*¹², fundada em Baturité por sua filha Antonieta Clotilde. No dia 05 de março de 1908, chegou à

¹² *A Estrela* aparece em Baturité a 28 de outubro de 1906, tendo como redatoras Antonieta Clotilde – que mal havia completado os 16 anos – e a prima Carmen Taumaturgo. Quatro anos antes, em

cidade de Aracati, atendendo a inúmeros pedidos de personalidades aracatienses e a 09 de março do mesmo ano fundou o Externato Santa Clotilde, junto às filhas Antonieta e Ângela Clotilde.

Faleceu naquela cidade, em 8 de dezembro de 1935, aos 73 anos de idade, deixando, além de peças teatrais, as seguintes obras: *Noções de Aritmética* (1889); *Coleção de Contos*, (1898); *Pelo Ceará* (Folha do Comércio. Aracati, Ceará); *A Divorciada* (1902).

A grandeza de Francisca Clotilde como poeta pode ser atestada pelo grande número de periódicos que publicaram poemas seus, tanto do Ceará quanto de outras unidades da federação, entre os quais *O Cearense*, *Gazeta do Norte*, *A Quinzena*, *Gazeta do Sertão* (Ipu-CE), *O Libertador*, *Pedro II*, *A Evolução*, *Gazetinha*, *Almanach do Ceará*, *Revista Fortaleza*, *Pacotilha* (MA), *A Província* (ES), *Lavras* (MG), *O Lyrio* (PE), *A Reforma* (AC). Nessas publicações, que trazem mais de cem poemas da autora, Francisca Clotilde assinou com os pseudônimos Jane Davy e D.J. e com diferentes abreviações do seu nome: Francisca Clotilde Barbosa Lima; F.C. Lima; Francisca Clotilde B. Lima; F. Clotilde Barbosa Lima; F.C.B. Lima; F. Clotilde B.C. Não é demais lembrar ainda que, tal como ocorreu com Alva Valdez, entre outras, Francisca Clotilde também recorreu a pseudônimos masculinos com o fim de driblar imposições da sociedade machista da época.¹³

Na primeira página do periódico *A Cidade*, edição de 25 de novembro de 1904, a consagrada escritora Alba Valdez traça um perfil de Francisca Clotilde, exaltando o seu talento de escritora e professora. No texto, Alba Valdez utiliza, entre outros, os seguintes termos para definir a colega Francisca Clotilde: “talento de fino quilate auxiliado por grandes e variados conhecimentos”, literata que “tanto maneja com mestria a pena de prosadora como tange a Lyra de poetisa”, dona de um talento que “decorre sereno e espontâneo como o regato que desliza formoso e como o lírio

1902, as irmãs Amélia e Olga Alencar fundaram *O Astro*, outra revista cearense dirigida por mulheres. No texto *Através de um decênio*, datado de 1916, Carlyle Martins conta que a revista surge de modo simples, escrita em papel almaço. Esclarece, inclusive, a progressão de formatos por que passou a publicação, até chegar a se tornar “revista”. A responsável era a menina Antonieta, que já revelava ter grande pendor para a imprensa” e preferia a pena e o papel aos folgedos e bonecas. (ALMEIDA, 2006, p. 98)

¹³ Sobre essa questão, Gildênia Moura de Araújo Almeida lembra a seguinte nota de felicitações pelo aniversário natalício do Capitão Duarte, esposo de Francisca Clotilde, publicada na edição de 5 de agosto de 1891 do jornal *O Combate*: “Papai, pelo dia de hoje vem saudá-lo com mil beijinhos Antonieta, Aristóteles, Adalberto.” Como destaca a pesquisadora, enquanto os dois primeiros que assinam a nota eram filhos de Francisca Clotilde e do aniversariante, Adalberto seria um pseudônimo da autora, a qual, como sugere o diminutivo, muito comum em sua obra, seria a verdadeira autora da nota. (Cf. ALMEIDA, 2012, p. 214-215)

que desabrocha”. Não menos elogios recebe a Francisca Clotilde educadora, descrita por Valdez como uma docente que “deixou no magistério do Ceará uma tradição honrosa de competência e dedicação”, mestra sempre “rodeada de discípulas que a adoravam” e que “enquanto (...) corrigia [os erros das alunas], seu sorriso fino e bom não deixava de aflorar”. Importa destacar ainda que, no afã de enaltecer a autora de *A divorciada*, Valdez a compara com outras escritoras, para concluir que nenhuma rivaliza com Francisca Clotilde:

Como poetisa é uma das primeiras do Brasil sem ter a arte fria, impecável, mas que não fala nem comove de Francisca Julia, nem o nupicismo doentio e arrebatador de Auta de Souza; antes alia-se a esse grupo apaixonado e contemplativo formado brilhantemente por Aurea Pires, Ana Nogueira, Elvira Gama, Ibrantina Cardona e tantíssimas outras. Vivesse ela em outro meio que não o nosso, ora indiferente, ora desdenhoso, onde a imprensa na nobre acepção da palavra ocupasse o lugar que lhe compete por todos os títulos, Francisca Clotilde receberia de todos os lados os aplausos e estímulos valiosos que as eminentes celebrações naturalmente despertam. (VALDEZ, 1904, p. 1)

Valdez não se limita, porém, ao cotejo de sua homenageada com outras escritoras: num movimento que é mais coração do que razão, ela não hesita nem mesmo em colocar Francisca Clotilde num patamar superior a ninguém menos que Honoré de Balzac. Até mesmo Fradique Mendes, celebre personagem de *Eça de Queirós*, é lembrado como contraponto do talento da cearense: “Ela não é como Balzac para quem o escrever constituía um esforço doloroso, uma ginástica fatigante do pensamento, nem como esse original e precioso Fradique Mendes, que andava atrás do vocábulo único para traduzir as sensações motivas de sua alma aristocraticamente desiludida.” (VALDEZ, 1904, p. 1)

A poesia de Francisca Clotilde não esconde sua clara filiação ao estilo romântico: rica em lirismo aborda diversos temas, dentre eles: a amizade; a família; a pátria; o amor; a infância; a liberdade; a natureza; a religiosidade e a condição feminina da época. A família é presença constante, como se vê no poema *Ninho desfeito*, escrito após a morte do seu companheiro, Antônio Duarte Bezerra, em 1893. O poema denuncia os momentos de tristeza e de abandono pelos quais passava naquele instante.

Inda há pouco cantava docemente
Num transporte de cândidos amores
O casal de avezinhas inocente,

A tecer o seu ninho de entre as flores.

Embebidas num sonho transparente
Eles iam saudando os esplendores
Do sol que, despontando sorridente,
Resplendia da serra entre verdores.

Mas ah! Um caçador despiedado
Perturbou os idílios do noivado
Roubando ao par gentil a felicidade.

Hoje o ninho balouça-se deserto,
Monumento gentil que lembra incerto
Um mistério de amor e de saudade! (LIMA, *apud* ALMEIDA, 2006, p. 58)

No poema “A Árvore”, uma de suas produções mais divulgadas, demonstra a sensibilidade e a capacidade de colocar-se no lugar do outro.

Ao contemplá-la, triste, emurchecida,
Os galhos nus de folhas despojados,
Sem a seiva que outrora tanta vida
Lhe trazia em renovos delicados;

Ao vê-la assim tão só, tão esquecida,
Tendo gozado dias tão folgados,
Ao som dos passarinhos namorados,
Que nela achavam sombra apetecida:

Ai! Sem querer encontro semelhanças
Entre meus sonhos, minhas esperanças
E a mirrada árvore dolente.

Ela perdeu as folhas verdejantes,
Bem como as ilusões fragrantas
Que outrora me embalavam docemente. (LIMA, 1896, p. 163)

Por outro lado, a poesia de Francisca Clotilde é também erigida num diálogo crítico com o seu tempo, evidenciando fatos de sua vida e de sua época. Marcada pelo preconceito de uma sociedade que condenava mulheres que eram separadas ou mães solteiras. Exemplo desse engajamento em prol das mulheres é o poema “Estrela Fatal”, no qual descreve a condição feminina da mulher submissa ao homem, que, enquanto jovem, oferece prazer àqueles que a procuram; todavia, quando o corpo já está cansado das orgias, sofre as tristes consequências do abandono:

Maria a casta flor das alvoradas
O mimo de seus pais, loura criança,
Sentiu afeto rico de esperança
Por um cantor das noites estreladas.

E rendida às palavras namoradas
Do sedutor, com toda a confiança,
Em seus braços trocou a vida mansa
Pelo prazer das loucas transviadas

No deleite do vício embevecida
Nem pensou no epílogo da vida
Daquela que vendeu a honestidade;

Hoje, em vez dos adornos deslumbrantes
Veste uns trapos, coitada! Horripilantes
E estende a mão pedindo caridade. (LIMA, 1897, p. 1)

A poesia de Francisca Clotilde, portanto, é em muitos aspectos expressão de sua luta libertária, ela que dedicou a sua vida ao magistério, na condição de professora e diretora escolar, tendo sido a primeira mulher a lecionar na escola Normal. Além de formar muitos alunos, também foi pioneira na criação de escolas de ensino misto e na oferta às mulheres de um ensino que proporcionava o empoderamento das discentes. Nessa perspectiva, como veremos na seção a seguir, tanto Ana Nogueira quanto Francisca Clotilde desenvolveram em sua escrita algumas marcas que, anos depois da partida das mesmas, viriam a ser assinaladas como características de uma escrita feminina/feminista.

4 MARCAS DA ESCRITA FEMININA: MANIFESTAÇÕES NA POESIA DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTILDE

Nesta seção, de natureza essencialmente analítica, mostramos quais as marcas caracterizadoras da literatura feminina/feminista apontadas por Lúcia Castello Branco em *A Mulher Escrita* (1989) se evidenciam na poesia de Ana Nogueira Batista e Francisca Clotilde Barbosa Lima.

A estrutura da apresentação da análise obedece à sequência das marcas da escrita feminina destacadas por Lúcia Castello Branco e apresentadas no último subtópico da primeira seção desta dissertação. Da lista, porém, ficaram as características ausentes na obra das duas autoras, marcas que serão analisadas na próxima seção deste estudo.

4.1 Uma Escrita Erotizada

O tema do erotismo se acha presente tanto em poemas de Ana Nogueira Batista quanto de Francisca Clotilde Barbosa, considerando-o, logicamente, nos termos com que o descreve Lúcia Castello Branco, ou seja, como algo que não se limita à mera sexualidade, ao prazer sexual. Sem essa ressalva, não o poderíamos observar na poética das duas cearenses, levando-se em conta o contexto fortemente repressor em que as duas viveram. No caso específico de Ana Nogueira, cabe destacar prontamente o poema “Não sei cantar”:

Não sei cantar... Se soubesse,
Que trovas harmoniosas
Teria escrito, sorrindo,
Nas finas pétalas das rosas!...

Cantando o céu, as estrelas,
O astro rei fulgurante,
A branca lua fugindo
Qual lampadário brilhante,

Cantando as auras fagueiras
Os rubros clarões da aurora,
O meigo lírio do vale,
Que à tarde murcha descora;

As nuvens brancas, ligeiras
Em formoso céu de anil,
Os risos da primavera,
As puras manhãs de abril,

Os cantos das andorinhas,
As tardes tristes do estio,
O som sentido do ângelus,
As mansas ondas do rio.

E depois de ter cantado
O céu, o bosque e a flor,
Eu cantaria, sorrindo,
Os doces gozos do amor! (BATISTA, 1886, p. 2)

Como se observa no poema citado, o eu-lírico estabelece uma ligação estreita entre a ascese e a epifania, representadas pelo exercício do cantor e os “doces gozos do amor”. Dessa forma, o erotismo de que trata o poema se encaixa na definição de Bataille, que o entende como “a tensão entre os impulsos para a continuidade, para fusão com o cosmos *versus* a impossibilidade dessa completude” (*Apud* BRANCO, 1989, p. 90). A sede de infinito e a ânsia de completude é também a tônica do poema “Rosicler”:

Que formosa manhã! Minh'alma acorda
Com vontade de rir; foi-se a sombria
Tristeza que inda pouco a oprimia
E que ela agora nem sequer recorda.

Uma onda de luz enche e transborda
Do coração que quase não vivia.
Volta-me toda a límpida alegria
Que faz vibrar a sorridente corda.

Que formosa manhã! Além nos ninhos
Alegremente cantam passarinhos
Se aquecendo ao clarão que vem da aurora!

E minha Musa, num prazer infindo
Se espaneja feliz, cantando e rindo,
Rindo e cantando pelo azul afora... (BATISTA, 1897, p. 1)

No poema em foco, como vimos, observa-se o anseio de infinito da voz poética, singularmente representada no sentimento que ela associa à musa: o prazer infindo, que a faz cantar e rir pelo azul afora.

No poema “Sobre as Ondas”, Ana Nogueira Batista evidencia ainda mais claramente a condição do amor erótico, amoroso, como ponte para a ascese, para o absoluto, imprimindo à paixão pelo amante uma dimensão mística:

Sobre as ondas mansamente,
O nosso barco fagueiro
Oscila brando ligeiro.
A luz do luar algente.

A noite calma, divina,
 Vai sobre nós deslizando,
 Enquanto a nau peregrina
 Vai sobre as ondas vagando....

Como cisnes alvejantes
 Num algo serenamente
 Vamos felizes errantes
 Sobre as ondas mansamente.

Ante o teu lábio risonho,
 Ante o claro de teus olhos
 Não me apavoram escolhos,
 Navego como num sonho...

Canta! Acompanha-te a orquestra
 Do vento a gemer saudosos;
 Oh! Que harmoniosa festa!
 Que enleio de amor e gozo!

O mar, há pouco fremente,
 Se acalma para te ouvir,
 Olha, o luar transparente
 Parece agora sorrir.

Oh! vamos, barco fagueiro.
 Desliza manso, ligeiro,
 Ao doce clarão da lua.

Que importa que ruja o vento,
 Raivoso rebrame o mar,
 Se eu tenho neste momento
 O farol do teu olhar?! (BATISTA, 1897, p. 3)

Outros poemas de Ana Nogueira Batista que também evidenciam a condição da obra da autora como uma escrita erotizada são os poemas “Retrospecto”, no qual o eu-lírico, por meio de cartas de amor, se eleva em direção ao místico, simulando uma ascensão espiritual, e “Sursum Corda!”, no qual se observa o anseio da voz poética pelo infinito, pelo absoluto:

Oh! Musa, esquece, olvida estas pequenas
 Ambições que tu vês em derredor!
 Afasta o olhar das coisas vis, terrenas
 Fecha os ouvidos a este vão rumor...

Tens asas como as aves e falenas;
 Podes, com elas a extensão transpor
 Em busca às regiões azuis, serenas,
 Onde mora o Ideal e vive o Amor...

Leva-me oh Musa, aos páramos risonhos,
 Onde se escute a música dos sonhos,
 Onde não cheguem ecos deste mundo!

Leva-me longe oh! Musa peregrina!
 Quero ir contigo na ascensão divina
 Por esse céu, por esse azul profundo! (BATISTA, 1964, p. 41)

Semelhantemente à obra de Ana Nogueira, também a poesia de Francisca Clotilde apresenta versos que desenvolvem a ideia da relação amorosa como ponte ou como expressão da busca pelo infinito. Exemplo é o poema “A Mariposa”, no qual a importância que a relação amorosa detém para a voz poética é enfatizada de forma extremada: semelhantemente ao inseto que dá título aos versos, também o eu-lírico não hesita em deixar-se consumir pela luz que a seduz, luz produzida pelo fogo da paixão:

Incauta mariposa em torno da luz
 Veja pela chama fascinada,
 Até que enfim exânime, crestada
 Cai em meio do fogo que a seduz.

A chama que dos olhos teus transluz
 Tem minh'alma em desejos torturada
 E se tento fugir mais abrasada
 Me sinto neste amor que cresce a flux.

Oh! Fecha os negros olhos sedutores!
 Não me queimes nos fervidos ardores
 De uma louca paixão voraz e forte.

Receio que minh'alma caia exausta
 Neste abismo de luz como a pirausta
 Que buscando o prazer encontra a morte. (LIMA, 1887, p. 8)

A comparação a um animal levada a efeito no poema apresentado, convém destacar, não se configura em uma mera coincidência na obra de Francisca Clotilde, poeta que frequentemente recorria aos elementos naturais como referência criativa. É nessa perspectiva que a autora, em “Paisagem Matinal”, canta a natureza e o prazer quase morto que se desabrocha no íntimo seio:

Vai despontando a luz irradiante
 Do rei do espaço...a terra se ilumina,
 A nevoa foge ao riso da matina,
 Rompe a rosa o invólucro fragrante,

Evola-se num perfume inebriante
 Do meio dos jardins, e na campina
 Escuta-se a harmonia peregrina
 Das aves num concerto deslumbrante

E a gente ao ver a loura natureza
 Inundada de luz e de beleza

De flores, de perfumes e gorjeio,

Sente um bem inefável que conforta
E a flor do prazer já quase morta
Desabrocha no íntimo do seio! (LIMA, 1888, p. 3)

No poema “Ídílio”, no entanto, cessam as comparações aos animais delicados típicos da arca romântica: dirigindo-se ao amante, a voz poética discorre sobre a direção do olhar do amante, uma “alma pura” que “vê além”, um indicativo claro de que ambos estão voltados para um mundo ideal, distante da imperfeição do mundo terreno:

A tua voz mimosa e tão suave
Como se fosse nota peregrina
Do gorjeio festivo de alguma ave,

Desprende-se melíflua, cristalina,
Enquanto o teu olhar meigo, fulgente
Se embebia na florida campina.

E, depois luminoso e transparente
Fitando-o no seu rosto com doçura,
Num anseio de amor terno e ardente,

Que vês além? disseste, oh! alma pura,
Os olhos teus se perdem no horizonte
Enlevados num sonho de ventura!

O que assim te seduz? Será da fonte
o doce murmúrio, da folhagem
a verdura macia?...tua fronte

Se queda embevecida ante esta imagem,
Num arroubo de artista extasiada
Contemplando uma límpida paisagem!

Ou das aves a alegre revoada
Te soletra a harmonia dum gorjeio,
Que tu ouves feliz e transportada?

Que desejo te agita o casto seio,
Onde eu quisera – ninho perfumado –
Agasalhar minh'alma, sem receio?

Desvia do horizonte iluminado
Os olhos teus, oh! flor de minha vida,
E crava-os no meu rosto apaixonado.

Depois, de manso... assim... meio rendida
A' minha voz, reclinada a face tua
No meu peito, de amor estremecida.

Cantemos um ídílio à luz da lua,
Bebamos pelo ar esta poesia,
Que bem junto de nós, terna, flutua.

E quando a doce aureola que irradia
 Dos que votam-se amor, na nossa fronte
 Já não mais fulgurar...oh! nesse dia,

Deixa então que se embeba no horizonte
 O teu nítido olhar, triste saudoso,
 Quando vésper no céu azul desponte;

E vem do belo tempo venturoso,
 Que não mais voltará, te recordar.
 Repetindo este idílio mavioso. (LIMA, 1887, p. 2)

Portanto, as vozes poéticas das obras de Ana Nogueira Batista e de Francisca Clotilde Barbosa, buscando a integração com o cosmo em sua ânsia de completude, evidenciam a natureza erótica da poética das duas autoras, primeira marca da escrita feminina apontada por Lúcia Castello Branco.

4.2 A Total Indissociabilidade do Sujeito do Poema e seu Texto

A aproximação entre “os domínios da arte” e “os domínios da vida” destacada por Lúcia Castello Branco como traço da escrita feminina é bastante evidenciada nas obras de Ana Nogueira e de Francisca Clotilde. Em Ana Nogueira, exemplo da estreita intimidade entre a autora e a voz poética (ou personagem descrita por esta) pode ser observada no poema “Manhã de festa”, em que a escritora relembra com alegria os dias de noivado como dias festivos e de felicidade:

Sorri-se o firmamento iluminado
 Como um templo de amor. E os passarinhos
 Chilreiam docemente nos seus ninhos,
 Onde existe a alegria de um noivado.

O sol tinge de ouro o imenso prado
 Cheio de luz, de mórbidos carinhos,
 Dos laranjais, das rosas dos caminhos
 Vem-me um perfume brando, imaculado...

Que suaves rumores na floresta!
 Quantos hinos no azul! Que doce festa!
 Dá-nos a rir a natureza agora!

Oh! ante esta manhã serena e calma
 Eu me sinto viver, sinto em minh'alma.
 Uma chuva de luz clara e sonora. (BATISTA, 1888, p. 2)

Igualmente biográfico é “Nessum maggior dolore”, em que a poeta relembra com saudade os momentos de alegria vividos com Sabino Batista, o seu esposo, que faleceu três anos após o enlace dos dois, deixando muita dor e saudade.

À triste luz de pobre candieiro
Ela trabalha. Ao branco astro radioso
Um grupo de crianças gracioso
Pula brincando alegre no terreiro.

Ela cisma no tempo tão fagueiro
Do seu amor... e o olhar volve saudoso
Para o passado alegre e venturoso
Que desfaz-se qual sonho passageiro.

E veio-lhe ao coração fugaz tristeza
Ao ver todo o horror, toda a pobreza
Da vida, e da fortuna o legro azar!...

Mas sua alma abriga a criança pura
Num futuro que vê só de ventura
Dos loiros filhos no divino olhar. (BATISTA, 1888, p. 5)

No poema, vemos claramente que a autora fala de si mesma, embora optando pela terceira pessoa. O poema, nesse sentido, é um registro igualmente biográfico, assinalando a indissociabilidade do sujeito do poema e seu texto.

Como na obra destacada, também nos poemas “Visita ao passado” e “ao luar”, igualmente nascidos da saudade do falecido esposo, ela é, a um só tempo, autora e personagem, embora utilize em ambas a primeira pessoa: no primeiro poema, as lembranças do passado a levam ao lamento, por ver “desfeitos os (...) sonhos,/ os (...) projetos louros e risonhos,/ as (...) esperanças perfumadas”. No segundo, igualmente marcado pela melancolia, a poeta afirma que parece existir em seu peito “uma ferida/ Que sangra sem doer, e fria, fria”, uma alusão clara à dor deixada pelo partida do cônjuge querido.

A poesia de Francisca Clotilde, da mesma forma, mostra-se frequentemente como um documento de momentos vividos pela autora, incluindo pessoas que marcaram sua trajetória. Ratifica isso o poema “Estrela Fatal”, no qual a autora fala do abandono pelo amado, o que a perturbou profundamente. Nesse sentido, mesmo tratando supostamente de uma outra pessoa, o foco é o “eu” da poeta:

Maria a casta flor das alvoradas
O mimo de seus pais, loura criança,
Sentiu afeto rico de esperança
Por um cantor das noites estreladas.
E rendida às palavras namoradas

Do sedutor, com toda a confiança,
Em seus braços trocou a vida mansa
Pelo prazer das loucas transviadas

No deleite do vício embevecida
Nem pensou no epílogo da vida
Daquela que vendeu a honestidade;

Hoje, em vez dos adornos deslumbrantes
Veste uns trapos, coitada! Horripilantes
E estende a mão pedindo caridade. (LIMA, 1897, p. 1)

O sofrimento amoroso resultante do abandono é também a temática do poema “A Garça”, no qual o eu lírico se refere ao amado que não está mais presente, deixando a saudade e a tristeza como suas companhias:

Ei-la triste a mirar as águas irrequietas,
Parecendo evocar em visões luminosas
O passado de amor, as estâncias diletas,
Ouro céu bem distante, outras margens formosas!

Exilada talvez das paragens ditosas,
Onde outrora gozou de alegrias discretas,
Quer as asas de neve, essas asas plumosas,
Espalmar pelo azul e voar como as setas.

Mas coitada! Não pode atingir as alturas,
Pois alguém a privou de fruir as venturas
Do inocente viver, da feliz liberdade.

Como a garça, tristonha, eu me sinto finar,
E não posso fugir.. E não posso voar
Tenho aqui de carpir a tristeza, a saudade. (LIMA, 1993, p. 107-108)

Outros poemas da autora que evocam o abandono por parte do amado são “O Oásis” (“Eis-me em pleno deserto! Extenuada/ Aos ardores do sol, febril, sedenta”), “Ave prisioneira” (“Outrora na campina perfumada,/ Ela voava alegre e descuidosa) e “Reminiscência” (Hoje o que se seduz? O mesmo céu é triste/ E dentro de minha alma apenas subsiste/ Da ventura fugaz a saudade infinita.)

Para além da referida temática, Francisca Clotilde também valeu-se a poeta de suas obras para tratar das dificuldades que teve que enfrentar enquanto escritora em um mundo extremamente machista. Exemplo é o poema “Homenagem”, no qual o conselho e o apoio que a voz poética oferta à colega Ana Nogueira, a quem é consagrada a obra, é, na verdade, um conselho para si mesma, que experimentou a mesma falta de reconhecimento da amiga, dada sua condição de mulher de letras numa época em que o machismo imperava:

Não te corre nas veias delicadas
 O sangue azul da fátua realeza,
 Nem te cerca o prestígio de grandeza
 Que enaltece as cabeças coroadas;

Desconheces as regras variadas
 De etiqueta – requinte de nobreza.
 Nem preferes á doce singeleza
 Um que vives as cortes decantadas.

A teus pés não se curva a multidão
 Para beijar-te a pequenina mão,
 Quando passas incógnita e sozinha;

Mas, sendo, como és formosa, e boa,
 Tens uma bela e fulgida coroa,
 E vales muito mais que uma rainha! (LIMA, 1888, p. 7)

Assim, também se observa na poética de Ana Nogueira e de Francisca Clotilde a indissociabilidade do sujeito do poema e seu texto, tendo em vista que as duas autoras tematizaram as próprias experiências, em um processo que levou a identificação absoluta entre elas e as vozes poéticas de suas obras.

4.3 Uma Percepção Lírico-Romântica do Universo

A poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde demonstram que, como defende Lúcia Castello Branco, o mundo dos sentimentos constitui realmente uma das temáticas centrais da escrita feminina. No entanto, ainda com apoio nas palavras da pesquisadora, que o lirismo presente nas obras de mulheres não se limita ao registro da paixão entre amantes, pois desdobra-se em outros temas, como a religião (ou o espiritualismo), os sentimentos da maternidade e da fraternidade, a criação poética, etc. Em Ana Nogueira, a percepção lírico-romântica do universo se anuncia em poemas como “Homenagem”, no qual sua amizade com Francisca Clotilde é decantada:

Antes de lhe enviar, minha Senhora
 As minhas saudações por este dia
 Deixe me dizer-lhe quão feliz seria
 Se pudesse lhe ver, falar-lhe agora.

E por isto lembrei-me de que outrora
 Contaram-me uma história muito pia
 De uma fada bondosa que fazia

Mil prodígios, mil graças em uma hora.

E pensei que se hoje, neste instante
Achasse a boa fada e, suplicante,
Lhe pedira por dom do alto valor

Que me desse o transpor a imensidade
Que nos separa e a doce felicidade
De a seus pés homenagens ir depor. (BATISTA, 1888, p. 4)

Rompendo o círculo estreito das relações pessoais, ganha contornos coletivos, públicos, universais, a mensagem de “Loira Liberdade”, no qual a autora, fazendo da obra um hino à fraternidade, faz alusão à libertação dos escravos:

Salve oh loira liberdade!
Filha do céu e da luz
Tu és a arca bendita
Da santa lei de Jesus.
És do céu a mensageira.

Qual outrora Gabriel
Anunciando ao proscrito
O fim da treva cruel. (BATISTA, 1964, p. 12)

O tema da libertação dos escravos inspirou igualmente Francisca Clotilde, sendo trabalhado em poemas como “A Liberdade” (No Brasil, pátria de heróis/ Não deve haver mais escravos). Em “Aos Libertadores”, como atesta o acróstico, a autora se volta especificamente aos heróis de seu estado que lutaram para que a mancha do escravismo fosse abolida no Ceará:

O fim é este! Ousados paladinos

Chegaste ao Tabor cheios de glória,
E a frente ides alçar ao som dos hinos
Aos cânticos festivos da vitória!
Ressoe o brado augusto da amplidão:
Aqui hoje se estreita um povo irmão!

É livre o Ceará, reina a igualdade:

Livres somos! Triunfa a nobre ideia!
Imensa se levanta a liberdade
Vencendo aos belos cantos da epopeia!
Rompe as brumas do céu loura alvorada
E a aurora de Deus, surge abrasada! (LIMA, 1884, p. 2)

Podemos confirmar, através da análise do poema *Aos Libertadores*, a percepção lírica-romântica do universo, uma vez que a autora defende que todas as

peças devem ser livres e que devemos viver como irmãos, não aceitando o fato da escravidão e combatendo através de sua lira a exploração do povo negro.

Acontecimentos mais pessoais, porém, também integram o lirismo da autora, como se vê no poema “7 de Outubro”, em que ela celebra o natalício da amiga Serafina Rosa Pontes:

Hoje, ao romper da alvorada,
Ouvi gentil avezinha
Cantar na verde raminha
Em prazer inebriada

Há muito que não ouvia
Nestas manhãs estivesse
Uma tão doce harmonia,
Gorjeios tão festivos

Que festa tão esplendente
Exclamei surpreendida
Toda a natureza ridente
Fulgia meiga e garrida.

(...)

E que tu, irmã das flores
Festejavas teu natal
Cantando toda os amores
Numa ventura ideal! (LIMA, 1897, p. 1)

No século XIX apenas três escritoras publicaram livros, são elas Francisca Clotilde, Emília Freitas e Serafina Rosa Pontes. Raríssimos são os estudos sobre a poesia de Serafina, o escritor Mário Linhares em sua obra *História Literária do Ceará* fala um pouco sobre o único livro publicado pela autora que teve o prefácio escrito por sua amiga Francisca Clotilde.

SERAFINA PONTES – Viveu obscuramente em Fortaleza. Quase cega e sem cultivo literário, ditava os seus versos para serem escritos pelas pessoas amigas. Estro delicado e espontâneo, o verso vinha-lhe como um gorjeio. Publicou “Livro d’Alma” (prefaciado por F. Clotilde), que ficou lembrando seu nome. (LINHARES, 1948, p. 107).

A amizade entre as escritoras é notória pelo que comprovamos através das poesias que eram dedicadas entre as patrícias. Não faltam, ainda, as livres expressões de alegria da voz poética, geralmente tendo a natureza ora como testemunha, ora como objeto de representação. São exemplos os poemas “Hora

Festiva” (Brilha o sol no infinito! A natureza em festa/ Mostra um raro primor, por toda parte exulta) e “A palmeira” (A palmeira sorri-se ao viajor sedento/ – Oásis verdejante – a se mostrar bem perto). Da mesma forma, não faltam os versos apaixonados, de que é exemplo o poema “Lembro de ti”:

Quando em fresca manhã, passam as auras
Pelos belos jardins, leves, sutis
E a rola canta um hino de tristeza,
Eu lembro-me de ti.

Quando o mar beija a praia delirante
Desferindo um poema de desejos,
No gemido noturno das vagas
Eu lembro-me de ti.

Quando o sol tremulando na folhagem
Manda um beijo de amor à flor gentil
Que ergue ao céu o turíbulo perfumado.
Eu lembro-me de ti.

(...)

Sim. Lembro-me de ti, a todo instante
Tua imagem me segue a cada passo
Nesta ausência cruel que me enlouquece,
Oh! Lembra-te de mim! (LIMA, 1884, p. 2)

De toda forma, tanto em Ana Nogueira quanto em Francisca Clotilde, observa-se que a nota lírica que marca a obra das autoras se estende para além do registro das paixões entre amantes, incluindo questões que vão desde a expressão de laços de amizade quanto aspectos mais coletivos ligados à fraternidade e à espiritualidade e a natureza.

4.4 Uma Poética “Uterina”, gerada e gerida nas Entranhas

Como consequência de um escrita internalizada, de um olhar constantemente voltado para si, a mulher escritora elege como um dos temas centrais a reflexão em torno da procriação, dádiva concedida às mulheres, mistério inalcançável aos homens. Nesse processo, tanto a figura da mãe quanto a dos filhos ganham centralidade na representação literária por parte das escritoras.

Em Ana Nogueira, confirma-se esse argumento de Lúcia Castello Branco em poemas como o já citado poema “Ao Amanhecer”, no qual a figura materna é representada pela figura de Natureza, que é mostrada como mãe aconchegante,

uma vez que os elementos naturais concorrem para tornar aprazível a existência da voz poética. Já no soneto “No Templo”, a figura da mãe protetora é representada pela figura de Nossa Senhora:

Nesta suave hora de sol posto
 Nossa senhora, a boa mãe clemente
 Sorri pra nós do trono seu fulgente
 Cheia de amor e de inefável gosto.

Ela, consolação, arrimo, encosto
 Dos que na vida lutam tristemente.
 Abre o seu coração bondosamente
 E carinhosa inclina o meigo rosto.

Recebe as orações dos desgraçados.
 As mansas preces dos afortunados,
 De onde resumam doces contrições...

Ouve as sentidas queixas piedosas
 Das ternas mães e noivas amorosas
 Que põem nela os frágeis corações... (BATISTA, 1896, p. 6)

O poema *No Templo* foi o primeiro poema publicado no periódico *O Pão*, em 30 de setembro de 1896. Na época, a escritora estava noiva do poeta Sabino Baptista, e o casamento veio a ocorrer menos de um mês depois da referida publicação. Podemos perceber nos versos o anseio da poeta pelo enlace matrimonial que mudaria a sua vida com a concepção de uma nova família e entregava o seu coração naquele momento de aflição a Nossa Senhora, a grande mãe de todos os cristãos. Ana Nogueira era muito católica e rogava a proteção da mãe nesse momento tão importante de sua vida.

Da mesma forma que a mãe, também a figura dos filhos são recorrentes em poemas de Ana Nogueira Batista, como se vê em “Versos ao Luís” (“Dorme em meu colo o Luís”) e “Prece” (Santa Maria, doce e bondosa,/ Trago meus filhos ao teu altar). Na abertura do poema “Ao Olavinho”, Ana Nogueira Batista lembra do filho que falecera em 1950, aos 52 anos de idade, de quem o bisneto herda o nome:

O teu nome, bisnetinho,
 Vem lembranças, evocar
 De outro Olavo querido
 Que se foi pra não voltar. (BATISTA, 1964, p. 91-92)

Já no igualmente comovente “Oliveira Paiva”, a poeta descreve o comportamento da inocente criança perante o falecimento do pai.

A última vez que o vi, tristonhamente
Ficou-me na alma esta cruel lembrança;
la se a vida, aos poucos, lentamente;
Sentia-se da Morte a vizinhança....

Junto dele, no entanto, alegremente,
Sua filha, uma cândida criança,
– Contraste estranho – ria inconsciente
– Um riso alegre e bom com a esperança –

Foi vencido afinal! A morte escura
Não teve pena, ai! Não, da desventura
Da saudade sem fim, do triste horror

Da mãe, da pobre esposa estremecida,
Nem da meiga filhinha tão querida
Que ri ainda em meio dessa dor! (BATISTA, 1892, p. 1)

Como Ana Nogueira, Francisca Clotilde também decanta as delícias e as dores da maternidade em suas poesias. A autora, a propósito, deixou vários testemunhos sobre a afeição que tinha pelos filhos, sendo exemplo a seguinte afirmação da autora: “No meio de meus trabalhos, quando o desânimo se apodera de mim, quando me sinto prestes a esmorecer, o amor que voto a meus filhos me conforta e me dá estímulos para prosseguir na luta.” (*Apud* ALMEIDA, 2012, p. 10). Prova desse amor maternal são também os muitos poemas da autora em que a figura da mãe ocupa lugar central, sendo exemplo “Junto ao berço”, no qual a mãe se embevece ante o filhinho que dorme, e “Mãe”, no qual a única riqueza da mãe é o filho:

Nada possui. O riso da alvorada
Que lhe traz um bom dia prazenteiro,
O cantar da avezinha tão fagueiro
E o perfume da flor desabrochada.

Encontram-na de pé extasiada
Junto ao berço do filho. O mundo inteiro
Para ela não vale um feiticeiro
Riso de sua boca perfumada.

Não almeja a riqueza, o anjo louro
Que ali dorme sorrindo é o tesouro
Que lhe enriquece a alma solitária;

E quando ao despertar ele a procura
Para beijá-la, a pobre criatura
Se julga muitas vezes milionária! (LIMA, 1888, p. 4)

Em relação aos filhos, estes também aparecem em vários poemas. Um deles é “À Minha Filha”, no qual, expressando seu amor a Angelita, mostra que a filha é seu lenitivo nos momentos de maior dor:

Nas trevas de meu Calvário,
O teu olhar inocente
Me guia no itinerário
Como uma estrela fulgente.

Bendigo o Deus adorável,
Cuja bondade infinita
Deu-me a delícia inefável
De teu sorriso, - Angelita! (LIMA, 1899, p. 176-177)

Se encontra na filha uma fonte de perene alegria, a lembrança dos filhos que perdeu precocemente a leva a erigir poemas pesarosos, de que é exemplo “Dor suprema”:

Olhou o caixãozinho cetinoso,
Enfeitado de rosas odorantes,
Onde o filho, o anjinho carinhoso,
Descansara de dores cruciantes.

Fitou aqueles olhos cintilantes
Inda há pouco, o rostinho gracioso,
E um grito convulso estertoroso,
Despenderam seus lábios hesitantes.

Depois, ardendo em febre, alucinada,
Uniu à sua face regelada
Da criança, beijou-lhe a fria boca;

E o filho vendo exânime, prostrado
Botão de flor tão cedo desfolhado
Soltou um riso histérico de louca! (LIMA, 1895, p. 1)

Cabe destacar, por fim, dois poemas da autora que trabalham figura semelhante para discorrer sobre a maternidade. O primeiro, chamado “Ninho Desfeito”, mostra como um caçador rouba a uma casal de passarinhos a felicidade de ver crescer os filhotes. No segundo, intitulado “O ninho”, essa ação é condenada e reparada por uma menina, que obriga o irmão a devolver o ninho e os filhotes à mãe desesperada, como se vê no trecho final da obra:

Põe-te depressa a caminho,
Leva com zelo este ninho
À pobre mãe consternada.
E nunca mais, meu irmão,
Pratiques a má ação
De roubar a prole amada

De uma mãe – toda ternura;
 Pois a qualquer criatura
 Nós devemos caridade.
 Leva as pobres avezinhas
 Que aqui piam sozinhas.
 Dói-me muito esta saudade.

O menino arrependido
 Tomou o ninho querido
 E pela estrada voou
 No mesmo ramo tremente
 O pôr o “par” inocente
 E alegre a casa tornou.

Desde então, quando brincava
 Pela estrada recordava
 As palavras de Neném
 – Não deves mais apanhar
 Avezinhas, nem roubar
 Os filhos à sua mãe. (LIMA, 1887, p. 2)

Vê-se, portanto, que Ana Nogueira e Francisca Clotilde não se distanciaram de uma tendência das escritoras mulheres apontada por Lúcia Castello Branco: a de fazer da procriação e da maternidade um tema central. Nesse processo, na obra de duas cearenses, tanto a figura da mãe quanto dos filhos ocupam um lugar importante e recorrente na poética das duas cearenses.

4.5 A Presença de uma Atmosfera de Mistério e Obscuridade

Em consequência da centralidade que ocupa na escrita feminina a discussão da temática da procriação, afirma Lúcia Castello Branco, a obra literária produzida por mulheres se reveste de uma atmosfera de mistério e obscuridade, a qual se estende à natureza, aos olhos da pessoa amada, etc. Em Ana Nogueira Batista, comprova isso o poema “Vita Nuova”, no qual os dias são representados soturnos, semelhantes a uma coruja sombria. Da mesma forma, no poema “Longe”, a atmosfera se mostra, bem à moda simbolista, como obscura, silenciosa, estranha:

Que triste noite tranquila
 Na extensão indefinida
 Do céu, nem sequer cintila
 Nenhuma estrela perdida.

As nuvens vão se estendendo
 – Pesadas, negras cortinas –
 Vão no azul esmaecendo
 Constelações pequeninas...

Como que penas sombrias
 Pairam dolentes nos ares,
 Assim como as névoas frias
 Por sobre os mares polares.

Tudo é silêncio... somente
 Numa doída ansiedade
 O vento, tristonhamente,
 Passa a uivar sobre a cidade

E que laivos de amargura
 Traduz este uivar do vento!
 Parece um triste lamento,
 Um grito de desventura.

Ao longe, o mar agitado
 Soluça incessantemente
 Como um coração magoado
 Que a dor da saudade sente.

Enquanto se agita o oceano
 E o vento reza uma prece
 Profundo pesar insano
 No peito meu cresce, cresce...

E bem como a treva fria
 Ao céu e terra enoitando,
 Profunda melancolia
 Sinto a minha alma inundando

E penso em ti... neste instante
 Longe, tão longe daqui!
 O meu pensamento errante
 Todo se resume em ti... (BATISTA, 1964, p. 31-32)

Em Francisca Clotilde, essa aura de mistério se confirma em poemas como “Horas de Delírio”, no qual uma solitária voz poética acorda de um delírio no meio da noite e ouve “o murmúrio das ondas queixosas/ Que vem suas queixas às praias lançar”. Também é exemplo o poema “Mistérios”, no qual o eu-lírico fala de um mistério insondável no interior das matas:

Há um encanto secreto, um mistério insondável
 No seio da floresta, e o seu recesso esconde
 Tanta coisa ideal, sob a rendada fronde,
 Na beleza sem par, selvática, admirável!

A ave que desata a voz límpida, inefável
 A voejar pelo azul exprime de onde em onde
 Um idílio de amor a que a brisa responde
 E o aroma a se espargir, num eflúvio adorável.

Nos sponsais da flor, oh! que ternura existe!
 Que pode compreender a força que persiste,
 A vibrar no mistério, a palpitar no arcano?

Quem pode do porvir traçar o itinerário,
Investigar quem ousa o pensamento vário
E o supremo mistério – o coração humano? (LIMA, *apud* COLARES, 1993,
p. 89)

Já em “Pérfida”, o mistério e estranhamento diante da natureza se estende ao amado, uma figura absolutamente insólita, que se situa num entre-lugar entre o bem e o mal, entre o sublime e o grotesco:

Tu tens a diabólica atração
Do fruto que se encontra no Asfaltita,
Cuja aparência cândida e bonita,
Esconde o vil horror da podridão.

Teu sorriso que a gente precipita
No fundo abismo da voraz paixão,
Disfarça as amarguras da traição,
Numa delícia pérfida e maldita.

De que te serve o encanto da beleza,
Se possuis a satânica crueza
De uma alma sem piedade trega e fera?

Tens no rosto as doçuras do ideal,
Mas no imo es protótipo do mal,
Riso de flor, entranhas de pantera! (LIMA, 1896, p. 1)

Assim, como uma consequência de uma literatura internalizada, que tem no mistério da procriação um tema constante, muitos poemas de Ana Nogueira e de Francisca Clotilde apresentam uma atmosfera de mistério e obscuridade, uma das características da escrita feminina de acordo com Lúcia Castello Branco.

4.6 A Constante Recorrência à Infância

Igualmente ligada à poética uterina, conforme sublinha Lúcia Castello Branco, está a constante recorrência à infância por parte das mulheres escritoras. Em Ana Nogueira, vê-se claramente essa ligação entre procriação e/ou maternidade com as lembranças da infância no poema “Saudades”, no qual ela faz referência à mãe no inventário de imagens agradáveis do passado:

Oh! Como eu era feliz,
Naquela idade de encantos,
(...)

Quando no colo materno
 Adormecia contente,
 E num sonhar inocente
 Passava a noite a sorrir! (LIMA, 1884, p. 2)

Nesse processo, por não ter mais ao seu lado a mãe querida, a voz poética expressa a dor profunda advinda da orfandade:

Já não cintila nos céus
 Aquela estrela formosa,
 Que as sombras de minha vida
 Dissipava esplendorosa,
 Tudo sumiu-se... o deixou
 Minha alma em triste orfandade
 Somente a louca saudade
 Eu guardo sempre no peito. (LIMA, 1884, p. 2)

No poema “Velhice”, observa-se novamente esse movimento em direção a um passado feliz, em detrimento das dores do presente:

Risos alegres da Infância
 Anseios da Mocidade,
 Labor da Idade madura
 Ai! Tudo, tudo passou...

Velhice! Triste palavra!
 Como custas a passar...
 Como são longos teus dias!
 As noites custam a chegar...

Os dias custam a passar
 Se inda pudesse cozer!...
 Os livros cansam-me os olhos
 Quem me dera ‘inda os reler!

Não fiques triste, Velhice!
 Minh’alma não se queixou...
 Tu me trazes a lembrança
 Do tempo que se passou.
 O tempo cuja lembrança
 Ai! nunca, nunca acabou. (BATISTA, 1964, p. 118)

Outros exemplos de poemas da autora que assinalam a ida à infância como estratégia de aliviar as dores do presente é “O Passado” (Ah! Como longe estão os róseos dias/ Cheios de luz e cheios de harmonias/ Da minha bela infância estremecida) e “Suave Recordação”, no qual a poeta lamenta o fim dos dias da infância:

Morta minh'alma da Infância
 Ingênua, viva, assustada
 De criança cismadora,
 De criança ensimesmada.

Vivendo sempre a pensar
 Em casas mal assombradas,
 Em bruxas, em feiticeiras,
 Em tristes almas penadas...

Em meio aos meus brinquedos
 Vinham estranhos pensamentos
 Queria ser como as nuvens...
 Queria ser como os ventos...

(...)

Ai, quanta saudade! Quanta!
 Do meu longínquo sertão!
 "Santo Antônio", "Santo Antônio".
 Suave recordação! (BATISTA, 1964, p. 69-72)

Francisca Clotilde, da mesma forma, faz da infância um tema constante de sua poesia. Exemplo é o poema "A Minha Mãe", que traz uma epígrafe muito significativa, a saber: "Há dias na vida que passam, mas cuja memória nos acompanha até o túmulo." (LIMA, 1882, p. 4). Em estreita sintonia com essa ideia, a autora abre o poema com o contraste entre a felicidade do tempo passado e a tristeza do presente, que se mostra como um tempo degradado:

Quero hoje relembrar o meu passado
 Este tempo feliz e tão amado
 Que outrora frui:
 Chorar inda uma vez santos amores
 Regar com prantos as fanadas flores
 Que em botão colhi.

Oh! Meu tempo de infância tão risonho
 Qual lindo, perfumado e ameno sonho
 Tu passaste subtil!
 Mas não posso olvidar-te um só momento
 A ti busca saudoso o pensamento
 Oh! Meu risonho abril! (LIMA, 1882, p. 4)

Em seguida, a voz poética traz à lembrança a figura da mãe, em cujo colo podia sossegar nas horas más, dela colhendo os conselhos sábios que lhe traziam segurança:

Quantas vezes, oh! mãe, em doce enleio
 Nessa quadra feliz junto ao teu seio
 Contento repousava,
 De teus lábios ouvia as falas puras

Que me enchiam a infância de venturas
E feliz me julgava.

E depois de sentir os teus desvelos
De ouvir teus doces, maternais conselhos
Que na alma recolhia
Ia em busca das flores as mais finas
Das brancas rosas, das gentis boninas
Que para ti colhia.

E vivia feliz!... A sombra amante
De teu carinho imenso e tão constante
Achava um doce abrigo,
Mas em breve trocou-se o riso em pranto
Desfez-se de repente o ledó encanto
Tu baixaste ao jazigo.

Fugiram-me as venturas que sonhava,
O porvir de delicias que esperava
Tornou-se uma ilusão:
Desde que baixaste a campa sinto na alma
Uma dor tão cruel que nada acalma
Que punge o coração! (LIMA, 1882, p. 4)

A conclusão da obra traz uma mensagem alentadora: embora sem ter mais a mãe fisicamente, a imagem da genitora sempre avivada na lembrança ainda tem o poder de produzir refrigério nos momentos de intranquilidade:

Mas sempre me acompanha tua imagem,
Em horas de tristeza é a miragem
Que alenta o eu sofrer;
Foi ela que guiou-me a felicidade
Que sempre pela senda da verdade
Guiou o meu viver.

O que é nossa mãe? Bem sem igual
Neste mar de ilusão é o farol
Que nos guia o viver;
É a estrela luzente, esplendorosa
Que em noite escura, feia e borrascosa
Deus fez aparecer!

E tu, oh! minha mãe, que lá nos céus
Já habitas feliz aos pés de Deus
Enquanto eu choro aqui
Prepara para mim entre esses gozos
À paz dos loiros querubins, formosos
Um lugar junto a ti. (LIMA, 1882, p. 4)

A viagem, através da imaginação, ao tempo feliz da infância volta a aparecer em outros poemas da autora, sendo exemplos “A Flor da Gratidão” (“Se eu pudesse voltar à quadra venturosa/ De minha doce infância – quadra cor de rosa/ Em que tudo sorri e nos traduz esperança”), “Deus”, no qual a autora faz alusão à mãe

ensinando-a a orar (Oh! minha mãe, foste tu/ Que num transporte dos céus/ Me ensinaste a prece pura/ Que fez-me conhecer – Deus) e “A Árvore”, no qual a poeta vê no envelhecimento de uma árvore o espelho de sua própria desilusão frente ao tempo que lhe roubou os dias felizes do passado:

Ao contemplá-la, triste, emurchecida,
Os galhos nus de folhas despojados,
Sem a seiva que outrora tanta vida
Lhe trazia em renovos delicados;

Ao vê-la assim tão só, tão esquecida,
Tendo gozado dias tão folgados,
Ao som dos passarinhos namorados,
Que nela achavam sombra apetecida:

Ai! Sem querer encontro semelhanças
Entre meus sonhos, minhas esperanças
E a mirrada árvore dolente.

Ela perdeu as folhas verdejantes,
Bem como as ilusões fragrantas
Que outrora me embalavam docemente. (LIMA, 1897-b, p. 1)

Em suma: a constante recorrência às atmosferas infantis, uma das várias características da escrita feminina apontadas por Lúcia Castello Branco, também se evidencia na poética de Ana Nogueira e Francisca.

No entanto, como veremos na seção a seguir, outras características apontadas pela citada pesquisadora como traço próprio da literatura feita por mulheres não se encontram na obra das duas cearenses. O motivo, como veremos, deve ser buscado no espaço de fala em que as duas autoras produziram suas obras.

5 MARCAS DA ESCRITA FEMININA: AUSÊNCIAS NA POESIA DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTILDE

Neste capítulo, também de caráter marcadamente analítico, discorreremos sobre as marcas caracterizadoras da literatura feminina/feminista apontadas por Lúcia Castello Branco em *A Mulher Escrita* (1989) que não estão contempladas na poesia de Ana Nogueira Batista e Francisca Clotilde Barbosa Lima.

Com o fim de explicarmos a razão dessas ausências na poesias das duas autoras, mostramos como condicionantes sociais que marcaram a trajetória das duas cearenses traziam limitações que impediam que elas desenvolvessem ideias mais avançadas.

5.1 O Lugar de Fala de Ana Nogueira e Francisca Clotilde

No curso das argumentações desenvolvidas ao longo de *A Mulher Escrita* (1989), Lúcia Castello Branco recorre constantemente a trechos de obras da portuguesa Florbela Espanca (1894-1930) e da brasileira Gilka Machado (1893-1980) para ilustrar suas ideias sobre as marcas centrais da escrita feminina/feminista.

Como Ana Nogueira e Francisca Clotilde, as duas autoras são filhas do século XIX, não ultrapassando trinta anos entre as datas de nascimento destas em relação àquelas. Em termos de enquadramento histórico, as quatro vivenciaram a segunda e a terceira “ondas” do feminismo, cujos respectivos objetivos foram, de acordo, com Constância Lima Duarte (2003), a conquista da prerrogativa do voto e a busca do acesso ao ensino superior/ampliação do mercado de trabalho. Não obstante, quando se analisa de perto a obra das quatro autoras, percebe-se claramente que as duas cearenses não tiveram a mesma ousadia demonstradas por Florbela e Gilka.

A escrita libertária da potiguar Nísia Floresta mostra que o simples fato de nascer no Nordeste não impedia que as mulheres desenvolvessem obras de feições feministas. Não obstante, não é demais lembrar que a autora norte-rio-grandense representou uma exceção em sua época, a ponto de Gilberto Freire descrever a chegada da escritora a palco das letras como um escândalo. Ademais, importa

lembrar que Nísia não permaneceu na região em que nasceu, logo mudando-se para o Sul e, posteriormente, para o Sudeste.

No mais das vezes, o que se observou em relação às mulheres nordestinas que produziram obras nos últimos anos do século XIX e inícios do século XX foram hesitações. Até mesmo Francisca Clotilde, que chocou a sociedade do seu tempo com o romance *A divorciada*, de 1902,

pinta suas personagens femininas com as cores fornecidas pelo patriarcado. Apesar do título controverso para o período no qual foi publicado, o romance é conservador, marcado pela “lei do pai”. É construído sobre os preceitos do catolicismo, que aparecem no comportamento e na “recompensa” de cada personagem, ao longo da narrativa. A obra apresenta, ainda, um caráter maniqueísta, dividindo os seus personagens entre “bons” e “maus”. (ROCHA, 2018, p. 296)

Ademais, quando se lista as pioneiras da luta pelo empoderamento feminino, observa-se que, excetuando a já citada Nísia Floresta e nomes como a pernambucana Josefina Álvares de Azevedo, a grande maioria é formada por mulheres nascidas no Sudeste do país, incluindo, entre outras, as paulistas Bertha Lutz, Carlota Pereira de Queirós, Patrícia Rehder Galvão (a Pagu), a mineira Laudelina de Campos Melo e as cariocas Júlia Lopes de Almeida, a já citada Gilka Machado e Rose Marie Muraro.

A partir dessas premissas, caberia perguntar: teria ocorrido um atraso do Nordeste em relação ao Sul do país no que diz respeito às conquistas feministas? Em caso positivo, o que poderia explicar esse atraso?

Sabe-se que a cidade do Rio de Janeiro foi o grande condutor da mudança de costumes na primeira metade do século XIX, o que se deu a partir da chegada da família real ao país, em 1808. Para as mulheres da elite, isso significava um pouco mais de liberdade, representada, por exemplo, em acrescentar o teatro, os bailes e os passeios às habituais idas às igrejas.¹⁴

Em uma época em que as comunicações eram bastante precárias, no entanto, os novos costumes demoravam a chegar às regiões mais afastadas da

¹⁴Embora as mulheres da classe hegemônica carioca tenham, de fato, alcançado maior autonomia a partir da chegada da família real ao Brasil, não é demais lembrar que a situação continuava ainda muito opressiva para as mulheres das classes menos privilegiadas durante as primeiras décadas do século XIX. É o que acentua Tânia Quintaneiro em *Retratos da mulher* (1996), mostrando que essas mulheres continuavam sem autonomia em relação à escolha dos cônjuges, tinham pouco ou nenhum acesso às instituições de ensino e, não raro, eram assassinadas por homens enciumados, os quais, muitas vezes, não eram condenados por força de uma suposta defesa da honra.

capital do Império. Além disso, no caso do Nordeste, os novos costumes entravam em choque direto com os hábitos de uma sociedade marcadamente agrária que naturalizava o coronelismo, o messianismo e o patriarcado. Sobre a questão, Lígia Vassalo afirma que “a sociedade canavieira nordestina [...] manteve traços peculiares da sociedade [medieval] portuguesa, tais como o feudalismo, o patrimonialismo, o arcaísmo, o cosmopolitismo.” (VASSALO, 1993, p. 63).

Em sintonia com essa ideia, Diegues Júnior assinala, entre os fatores de formação social do Nordeste, “a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas, provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família.” (DIÉGUES JR., 1975, p. 6)

Gilberto Freire, embora ampliando a análise para todo o Brasil, mostra como a tradição conservadora que veio da sociedade canavieira se sustentou no sadismo do mando, o qual disfarçado em ‘princípio da Autoridade’ ou ‘defesa da Ordem’, teve a mulher como uma das vítimas:

Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem; criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido. Não convém, entretanto, esquecer-se o sadismo da mulher, quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúme ou inveja sexual. (FREIRE, 2004, p. 114)

Foi nesse espaço de fala em que ainda a escravatura era uma realidade, em que a Igreja Católica impunha uma moral rígida e em que o patriarcado dava as cartas que Ana Nogueira e Francisca Clotilde produziram suas obras. Ainda sem contarem a volta delas com um grupo orgânico de intelectuais feministas que servissem como referência de ações, as duas autoras foram abrindo suas próprias trilhas, desenvolvendo uma prática escritural em que ousadia e refreamento conviviam lado a lado. Daí, como veremos a seguir, muitas das marcas que caracterizaram a obra de autoras mais progressistas, como Gilka Machado e Florbela Espanca, não estarem presentes nas obras das duas cearenses.

5.2 As Marcas da Escrita Feminina Ausentes em Ana Nogueira e Francisca Clotilde

5.2.1 O Trânsito entre a Santidade e o Desvario

Como vimos no último subtópico da primeira seção desta pesquisa, uma das marcas que singularizam a escrita das mulheres, segundo Lúcia Castello Branco, é o trânsito entre dois extremos: a sexualidade frenética e a sublimação beatífica que as dirige ao êxtase erótico-místico

O espaço de fala em que Ana Nogueira e Francisca Clotilde produziram, no entanto, impediam a expressão mais ousada da sexualidade. A rígida e opressora moral da época em que viveram impedia (ou refreava) o desvario, principalmente no plano sexual. É o polo da santidade, assim, que irá aparecer com maior vigor no poema das duas autoras.

Em Ana Nogueira, assim, surpreende, de certa forma, o poema “Conselho”, publicado em 18 de março de 1888: dirigido a Afonso¹⁵, que havia partido para Amazônia para trabalhar na extração da borracha, Ana ousadamente aconselha o irmão a beber “o prazer, o vinho da alegria”, algo que entrava em choque com sua época, na qual o gozo sexual era visto com reservas (para dizer o mínimo) pela moral cristã.

Esquece, esquece o mal que te pungia,
Canta e sorri pela existência a fora,
Longe de ti todo o pesar de outrora,
Não queiras mais a dor que é tão sombria!

Bebe o prazer, o vinho da alegria
Na luz celeste que te vem da autora,
Ouve a canção suave e tão sonora
Que as aves cantam ao romper do dia.

Canta também... e vai pelas estradas,
Irás gozando as brisas perfumadas,
Ouvindo além dulcíssima canção.

Olha, ao grande contato da natura
Foge o pranto, o pesar, a dor escura,
Canta alegre e festivo o coração. (BATISTA, 1888, p. 5)

¹⁵ “Affonso era o amigo, o companheiro das alegrias e das tristezas, o confidente de seus sonhos e esperanças; era o seu apoio e também nela se apoiava, certo do grande carinho que a irmã lhe dedicava. Vê-lo partir foi, sem dúvida, um grande sofrimento e a constante preocupação com o seu destino acompanhou-a até quando soube que não o veria mais.” (MAIA, 1998, p. 39)

Compreendemos que o poema *Conselho*, dedicado ao seu irmão Afonso, sugeria que ele cultivasse o prazer, o vinho e desfrutasse a vida porque estando longe da família e da irmã querida não se sentisse tão sozinho e triste por conta da distância que os separava, e assim poderias usufruir as alegrias da juventude. Esse comportamento era permitido aos homens, enquanto as mulheres deveriam se portar de acordo com os padrões impostos pela sociedade patriarcal em que a mulher deveria se preparar para o casamento e os cuidados com os filhos e o marido.

Em relação a Francisca Clotilde, cabe dar destaque inicialmente ao poema “Cleópatra”, no qual a voz poética traz um retrato afetuoso da rainha egípcia, a qual foi reconhecidamente uma mulher que não hesitou a se entregar às paixões:

Veste o traje real mais delicado,
Põe na frente a coroa radiante,
E o seio nu, em ânsia estuante,
Entrega ao frio áspide esfaimado

Tão bela como em noite de noivado
Sobre o leito deitada e provocante
Do Egito a soberana fascinante
Vai morrer num delíquio apaixonado.

Pouco a pouco o veneno capitoso
Se inocula em seu sangue, caprichoso
Lhe agita o corpo lânguido, tremente

E na agonia, plácida e risonha
Cerrando os olhos devaneia e sonha
Com Marco Antônio e... morre docemente. (LIMA, 1895, p. 1)

Associado a este louvor de um ícone da paixão desenfreada, Francisca Clotilde, em “À Memória da Virtuosa Irmã Margarida Bazet”, apresenta um contraponto entre o gozo terreno, representado pela voz poética, e o êxtase religioso, representado pela religiosa recém-falecida homenageada no poema:

Seus lábios não provaram neste mundo
A taça do prazer que nos seduz,
Desprezou a grandeza... Uniu-se à cruz,
Aos que sofrem votou amor profundo.

Guiou-me a infância, terna e desvelada
No caminho do bem, tinha carinhos
Para os prantos dos tristes orfãozinhos,
Era tão boa, meiga e dedicada!

Descansa em paz, Oh! doce criatura,

O mundo não podia a formosura
De tua alma de santa compreender;

Ele que é não, inconsequente e rude
Ele ao vício e abate a sã virtude!
Só entre os anjos poderás viver... (LIMA, 1887, p. 2)

Todavia, longe do que sugere o poema apresentado, o gozo terreno não é a marca das vozes poéticas das obras de Francisca Clotilde Barbosa Lima. Comprova isso o poema “Pérfida”, no qual o eu-lírico condena as atitudes de alguém que se entrega aos prazeres deste mundo:

Tu tens a diabólica atração
Do fruto que se encontra no Asphallita,
Cuja aparência cândida e bonita,
Esconde o vil horror da podridão.

Teu sorriso que a gente precipita
No fundo abismo da voraz paixão,
Disfarça as amarguras da traição,
Numa delícia pérfida e maldita.

De que te serve o encanto da beleza,
Se possuis a satânica crueza
De uma alma sem piedade trega e fera?

Tens no rosto as doçuras do ideal,
Mas no imo es protótipo do mal,
Riso de flor, entranhas de pantera! (LIMA, 1896, p. 1)

Vemos assim que, bem longe das ousadas expressões da sexualidade presentes em obras de Florbela Espanca e Gilka Machado, as duas escritoras cearenses estudadas nesta pesquisa produziram obras tímidas em termos da expressão da sexualidade. Tratam-se, assim, de obras que se submetem à rígida moral cristã do tempo em que ela produziram seus textos.

5.2.2 O Texto como Fruto de uma Paixão Insaciável

Outra característica apontada por Lúcia Castello Branco como traço da escrita feminina que se acha ausente na produção literária de Ana Nogueira e Francisca Clotilde diz respeito à insaciabilidade amorosa. O sonhar o amor de um deus, diante da insatisfação provocada pelo amor dos homens, como assinala a voz poética do poema “Ambiciosa”, de Florbela Espanca, é um limite impensável, ou mesmo sacrílego, no que diz respeito às duas autoras cearenses.

Em Ana Nogueira, comprova a negação dessa insaciabilidade amorosa o estado de satisfação plena da voz poética de “Ao amanhecer”, a qual, decantando seu contentamento diante do novo dia, reitera o verso bíblico que anuncia que “Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 579 – Salmos, 30:5):

Cantai, cantai alegres passarinhos!
Abri as asas pelo azul a fora;
Deixai os quentes ninhos
Que já brilha no céu a luz da aurora

Já não tarda surgir o sol radioso
Que vem tonificar com seus ardores
E encher de luz e gozo
A natureza e as orvalhadas flores.

Deixai o vosso tépido agasalho,
Oh! Joviais e bons madrugadores,
Que às lides do trabalho
São horas de chamar os lavradores!

Cantai, alegres aves matutinas,
Cantai hosanas à fulgente aurora
E as formosas campinas
Enchei de vossa música sonora.

Amanheceu de todo. Oh! Minha musa
Solta o voo também por esses ares,
E despe de reclusa
O frio manto cheio de pesares.

Vamos cantar! As sombras da tristeza
Foram-se em frente ao matinal clarão
E como a natureza
Festivo me palpita o coração! (BATISTA, 1892, p. 1)

A plena satisfação alcançada junto ao companheiro leva a voz poética de “Retrospecto” a encher-se de saudade diante das lembranças do amado a partir da cartas que ela lê:

Eis-me a reler os versos maviosos
Que te inspirei naquela apaixonada
Fase de amor, serena, imaculada
Plena de sonhos, de ilusões, de gozos.

Releio-os um a um e mais formosos
Acho-os agora; na alma enamorada
Revive toda a quadra iluminada
Pelos clarões dos dias venturosos.

Releio tudo... e como por encanto
Ante os meus olhos úmidos de pranto

Vai-se animado todo meu passado...

E sinto ainda palpitar-me o seio,
E encontro o nosso amor, o nosso enleio
Em cada estrofe, em cada verso amado. (BATISTA, 1901, p. 1)

Francisca Clotilde, ainda que fazendo alusão a uma “louca paixão voraz e forte” no poema “Mariposa”, criou vozes poéticas igualmente saciadas, satisfeitas diante das relações amorosas. Comprova isso o eu-lírico do poema “Canção”, do qual a “sede de gozo” se saciará tão logo encontre o amado:

Ah! se eu fosse um colibri,
Num adejar incessante,
Beijava a flor que sorri
No teu lábio perfumante!

Depois sedento de gozo
la acolher-me sutil
No ninho quente e sedoso
Do teu regaço gentil.

E ali viveria de amor,
A delirar de carinho
Como vive o passarinho
Sobre as rosinhas em flor

Oh! consente que a teu lado
Eu antegozo a ventura
Do céu, libando a doçura
Do teu beijo apaixonado.

O colibri doudejante
Vivo de aromas e luz
Eu busco só delirante
O teu amor que seduz. (LIMA, 1897, p. 1)

Com a convicção de quem se manteve fiel ao esposo, só se envolvendo com outro homem quando foi abandonada pelo marido, Francisca Clotilde critica, no poema “Beija-flor”, a avezinha que simboliza os amantes volúveis:

O perfume subtil, casto e mimoso
Da modesta florzinha, vicejante,
Seduziu o ardente e vário amante
Num anseio de beijos e de gozo.

Foi pensar junto dela, cobiçoso
De sorver-lhe o perfume, um só instante;
Em seu casto regaço inebriante
Proibiu o prazer mais deleitoso.

Mas, depressa soltando as lindas asas,
Procurou outra flor, sob outras gazas

Foi pousar, aspirando um novo amor;

Assim, tu, inconstante a meus desvelos,
Vais fitar em alguém teus olhos belos
Semelhantes ao volúvel beija-flor. (LIMA, 1887, p. 2)

Nada mais estranho a Ana Nogueira e Francisca Clotilde, assim, do que a confissão da voz poética de “Amar!”, poema da já citada Florbela Espanca:

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente
Amar! Amar! E não amar ninguém! (ESPANCA, 2005, p. 232)

Para as duas cearenses, a monogamia não era apenas palavra de ordem: orientadas pelas prédicas românticas e pela moral cristã, ambas buscaram fugir dos extremos, o que, no plano do amor, significava mostrar-se plenamente saciada com o afeto recebido da parte do amado.

5.2.3 A Busca da Identidade, a qual se revela Erigida pela Teia da Ausência

No Ocidente, a discussão sobre o tema da identidade remonta a século antes de Cristo, com a divergência entre Hieráclito de Éfeso e Parmênides de Eleia ¹⁶. A partir do século XX, porém, ganhou um grau de complexidade tão profundo, envolvendo as mais diversas áreas do conhecimento, que levou um dos mais especialistas no assunto, o sociólogo jamaicano Stuart Hall, a declarar:

O próprio conceito com o qual estamos lidando, "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas". (HALL, 2000, p. 89)

Se os novos movimentos sociais da segunda metade do século XX, envolvendo questões ligados à identidade negra, feminina e homossexual, tornou o

¹⁶ Enquanto Hieráclito de Éfeso (aprox. 540 a.C. - 470 a.C.) defendia que o ser é algo em constante mutação e se formula dialeticamente na tensão entre o ser e o não-ser, Parmênides de Eleia (cerca de 530 a.C. - 460 a.C.) advogava que o ser é algo que permanece; ou seja, ao contrário de Hieráclito, via a identidade como algo ligado a uma essencialidade imutável.

central tema em foco no âmbito acadêmico, já no século XIX, com o desenvolvimento de teorias essencialistas, as quais serviram de base ao pensamento eugenista, vemos que muitos intelectuais, incluindo pensadores racistas como Gobineau e Agassiz, se ocuparam com a discussão de questão ligadas ao tema da identidade.

No que tange ao feminismo, não é demais lembrar a célebre frase com que Simone de Beauvoir abre a obra *O segundo sexo*: “Não se nasce mulher, torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1980, p. 9). E é nessa perspectiva que Lúcia Castello Branco situa a busca da identidade nas obras de autoras como Lya Luft, busca marcada pela angustiante questão: quem sou eu?

Quando se aplica em investigar essa questão nas obras de Ana Nogueira e Francisca Clotilde, logo o pesquisador observa a grande distância temporal e cultural que separa as duas cearenses das escritoras que produziram em época mais avançada. Isso se confirma já pelo fato de não se encontrar nos poemas delas, pelo menos nos poemas selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa, qualquer questionamento sobre o eu ou sobre o papel a cumprir no ambiente social. A pergunta “Quem sou eu?” simplesmente não aparece nos poemas das duas cearenses, como também elas não se definem com metáforas obscuras ou imprecisas, o que poderia sugerir uma identidade problemática.

Nas duas autoras, o que se observa é a ausência de questionamento dos papéis que recebem da sociedade patriarcal, na qual a igreja católica detém um lugar de relevo no tocante à definição das regras de conduta.

Em Ana Nogueira, há uma estrofe de “Suave Recordação” em que a voz poética, turbada pela tristeza, anuncia algo que nos permite pensar em uma multiplicidade de “eus”:

Já quantas vidas vivi!
 Já quantas almas eu tive!
 E a pensar nas almas mortas
 Penso até que já morri... (BATISTA, 1964, p. 69-72)

Não obstante, seguindo-se na leitura do poema, observa-se que o trecho constitui apenas uma encenação romântica de um eu-lírico que, tocado pelas lembranças, faz a colagem de histórias mal-assombradas da infância:

Morta minh'alma da Infância
 Ingênua, viva, assustada
 De criança cismadora,
 De criança ensimesmada.

Vivendo sempre a pensar
 Em casas mal assombradas,
 Em bruxas, em feiticeiras,
 Em tristes almas penadas...

Em meio aos meus brinquedos
 Vinham estranhos pensamentos
 Queria ser como as nuvens...
 Queria ser como os ventos...

Queria ser como as aves
 Sempre a voar, a voar...
 Ou como as águas do rio
 Lentas, lentas a rolar...

Queria ser tanta coisa!
 Queria...não era nada
 Mas do que triste menina,
 Cismadora, ensimesmada.

(...)

Tinha medo do demônio...
 (que aliás nunca perdi)
 Que histórias assustadoras!
 Que estranhas coisas ouvi!... (BATISTA, 1964, p. 69-72)

Nos poemas de Ana Nogueira, na verdade, os dramas da existência não levam ao autoquestionamento do eu. E, como já destacado, as vozes poéticas não questionam seus papéis sociais. O de mãe, por exemplo, é exercido não apenas sem qualquer hesitação, mas com alegria, como se vê nos seguintes trechos de “Versos ao Luís”

Dorme em meu colo o Luís;
 E ao vê-lo tão tenro e lindo
 Minha alma, num gozo infindo,
 Palpita alegre e feliz.

Tão tenro e tão pequenino
 Que mais parece uma flor.
 Na boca, um riso divino
 Cheio de graça e de amor.

(...)

Que venham magoas, embora!
 Hei de esquecê-la contigo.
 Oh! Meu piedoso abrigo!
 Oh! Minha esplendente aurora! (BATISTA, 1897, p. 1)

O mesmo ocorre em relação à condição de esposa, em que a mulher não só aceita cumprir integralmente suas “obrigações” conjugais, como se alegra com isso, como se vê no já citado poema “Retrospecto”, no qual cartas a fazem lembrar da “Fase de amor, serena, imaculada/ Plena de sonhos, de ilusões, de gozos.”

Igualmente destituído de questionamento em Ana Nogueira é o papel de cristã católica, como mostra os poemas em que o eu-lírico se dirige a Nossa Senhora, como “No Templo”, “Prece” e “Suave Recordação”. Também é exemplo o poema “Últimos versos”, no qual a voz poética, sentindo a proximidade da morte, pede a Deus o perdão de seus pecados:

Chega a Morte...Sutilmente
 Ouço-lhe os passos soar...
 Ai! Antes de hora extrema
 Peço a Deus humildemente
 Que me queira perdoar!
 Perdão para as minhas culpas!
 Ai! foram tantas Senhor!
 Na hora da minha morte
 Sê comigo, oh Salvador!

Mas quanta vez te ofendi!...
 Tu bem o sabes, Senhor,
 Que nada de bom eu possa
 Te ofertar em meu favor.
 Bem conheces as misérias
 Do meu pobre coração...
 – Mas, não me esqueço, Senhor,
 – Perdoaste à Madalena,
 – Perdoaste ao bom ladrão.

Ai! Jesus! Perdoa os erros,
 Do meu pobre coração!
 Ai! bem sabes quantas vezes
 Sucumbiu à tentação.
 Mas, também, sabes, Senhor,
 Que nesta vida tão longa
 Muito amei, muito sofri!
 Na hora da minha morte
 Não me falte o teu perdão! (BATISTA, 1964, p. 120)

Em Francisca Clotilde, igualmente, vê-se que as vozes poéticas de personas femininas não questionam em nenhum momento sua condição de mãe, esposa, católica, etc. como mãe, por exemplo, vê-se em “À minha filha” o quanto o exercício da maternidade é plena e agradavelmente exercido pelo eu-lírico:

Nas trevas de meu Calvário,
 O teu olhar inocente
 Me guia no itinerário

Como uma estrela fulgente.
 Bendigo o Deus adorável,
 Cuja bondade infinita
 Deu-me a delícia inefável
 De teu sorriso, Angelita! (LIMA, 1899, p. 176-177)

É em função disso que a voz poética de “Horror” critica tão duramente a mãe que rejeita o filho, como se vê nos seguintes trechos do poema:

Não sei que estranha maldade
 Pode à mulher predispor
 A repelir sem piedade
 Um filho do seu amor!

Se aos filhos as próprias feras
 Por instinto natural
 Votam carícias sinceras
 De puro amor maternal!

Como pode um coração
 Humano? (Que negro horror!)
 Trucidar sem compaixão
 Mimoso lírio inda em flor!

(...)

Para furtar se a censura
 Do mundo vário e traído:
 Condenar à desventura
 Um filho de seu amor!

Só a razão desvairada,
 Perdendo o lúcido brilho
 Leva uma mãe desgraçada
 A enjeitar o próprio filho! (LIMA, 1897, p. 1)

O papel de esposa, igualmente, é cumprido com absoluta dedicação, sem questionamentos, como se vê no poema “lembro-me de ti”, em que a imagem do amado funciona como um lenitivo para os momentos mais sofridos:

Quando em fresca manhã, passam as auras
 Pelos belos jardins, leves, sutis
 E a rola canta um hino de tristeza,
 Eu lembro-me de ti.

(...)

Quando tarde da noite, a terra dorme
 Eu gosto de fitar o azul dos céus,
 E saudosa, teu nome murmurando,
 Eu lembro-me de ti.

Sim. Lembro-me de ti, a todo instante
 Tua imagem me segue a cada passo
 Nesta ausência cruel que me enlouquece,
 Oh! Lembra-te de mim! (LIMA, 1884, p. 2)

Por fim, mas não menos importante, a poesia de Francisca Clotilde celebra sua condição de cristã, como se vê no poema “Deus”, em que a ela lembra quando a mãe lhe ensinou a orar:

Lembro-me que minha mãe
 Um dia fitando os céus
 Uniu-me as tenras mãozinhas
 E mandou-me orar a Deus.

Eu era bem pequenina
 Mas repeti a oração
 E esta prece inocente
 Guardei-a no coração.

Parece-me então que Deus
 Sorrindo me abençoava
 E a minha prece infantil
 Com amor ele escutava.

Senti desde então a fé
 No meu peito se abrigar
 Via que louros anjinhos
 Vinham meu leito embalar.

Oh! minha mãe, foste tu
 Que num transporte dos céus
 Me ensinaste a prece pura
 Que fez-me conhecer – Deus. (LIMA, 1883, p. 2)

Portanto, a identidade problemática, a qual se erige, segundo Lúcia Castello Branco, “pela teia da ausência”, não se inscreve entre as temáticas trabalhadas na poesia de Ana Nogueira e de Francisca Clotilde. As duas escritoras, embora tenham atuado para tornar a vida menos opressiva para as mulheres, para os negros, etc., não olhavam para o próprio “eu” de forma a questionar os papéis sociais que a sociedade patriarcal de sua época impuseram a elas.

5.2.4 O Girar em Círculos, resultante da Tentativa de dizer o Indizível

Em sua análise sobre as marcas da escrita feminina, Lúcia Castello Branco afirma que, por se tratar de uma “tentativa de dizer o indizível”, a produção literária

das mulheres tende à implosão da linguagem e, por consequência, à autodestruição enquanto discurso.

Esse entendimento parte da ideia de que a linguagem literária veio se consolidando sob a intervenção androcêntrica. Nesse sentido, o discurso feminino se vê emparedado, reticente, impreciso por ter que se movimentar e se erigir em um sistema estranho à trajetória feminina. Como dar seu testemunho e exprimir sua revolta contra um sistema opressor do qual faz parte a própria linguagem de que deve se servir para a construção do discurso feminino/feminista?

Não parece que essas discussões, muito próprias do mundo contemporâneo, da pós-modernidade, afetaram algum dia, pelo menos conscientemente, Ana Nogueira e Francisca Clotilde. Dizer o indizível? Sim, mas apenas em termos de complexidade dos sentimentos, como afirma Ana Nogueira em “Ao luar”:

Eu não sei que tristeza indefinida
Traz-me um luar assim, – ave erradia
– Em um misto de dor e de alegria –
Voa minh’alma em busca de outra vida...

Parece que há no peito uma ferida
Que sangra sem doer, e fria, fria,
Uma vaga e sonora nostalgia
Vem me tocar a fibra mais dorida.

Não se define o que a minh’alma invade,
Um sentimento estranho de saudade,
Que se experimenta, mas se não traduz...

Saudade que embriaga como o vinho
E que tem a doçura de um carinho
E a transparência dessa branca luz... (BATISTA, 1892, p. 2)

Girar em círculos? Sim, mas apenas em torno de um sentimento (ou de uma lembrança) que obriga o eu-lírico a um eterno ruminar, como se vê em “A garça”, de Francisca Clotilde:

Ei-la triste a mirar as águas irrequietas,
Parecendo evocar em visões luminosas
O passado de amor, as estâncias diletas,
Ouro céu bem distante, outras margens formosas!

Exilada talvez das paragens ditosas,
Onde outrora gozou de alegrias discretas,
Quer as asas de neve, essas asas plumosas,
Espalmar pelo azul e voar como as setas.

Mas coitada! Não pode atingir as alturas,
 Pois alguém a privou de fruir as venturas
 Do inocente viver, da feliz liberdade.

Como a garça, tristonha, eu me sinto finar,
 E não posso fugir.. E não posso voar
 Tenho aqui de carpir a tristeza, a saudade. (LIMA, 1993, p. 107-108)

Portanto, escrevendo numa época em que as discussões sobre a relação entre linguagem e gênero não tinham ainda frutificado em seus espaços de fala, Ana Nogueira e Francisca Clotilde não se demonstraram, até onde sabemos, qualquer incômodo com o aparato linguístico à disposição delas. Se as referências femininas no plano literário praticamente inexistiam, as autoras não mostraram que isso representasse qualquer problema para dar continuidade à trajetória como escritoras. Eram pioneiras, as únicas a dividirem com os escritores e intelectuais da época um lugar nas agremiações literárias cearenses.

5.2.5 A Ligação com a Oralidade

Segundo Lúcia Castello Branco, as mulheres buscaram na oralidade uma alternativa para superarem o desconforto experimentado no âmbito da linguagem, marcadamente a de natureza erudita, haja visto ter esta se consolidado a partir de uma diretriz androcêntrica. Tratar-se-ia, de acordo com a pesquisadora, do primado do significante sobre o significado, em que a forma ganha o *status* de conteúdo.

Novamente, nos vemos diante de uma ideia absolutamente estranha para a literatura desenvolvida por Ana Nogueira e Francisca Clotilde. Pois, em vez de buscarem na oralidade a base de suas produções, as duas, acompanhando os autores que eram referência no Romantismo, Realismo, Parnasianismo e Simbolismo, desenvolveram um estilo elegante, sóbrio, destituído de malabarismos linguísticos e experimentalismos formais.

Para além dos hipérbatos, muito próprios na poesia da época, as autoras, em decorrência da grande cultura que alcançaram, usam termos pouco incomuns à fala, sendo exemplos:

- Tépido/lides/fulgente (Poema “Ao amanhecer”, de Ana Nogueira Batista);
- Pungir/ dulcíssima (Poema “Conselho”, de Ana Nogueira Batista);
- Rescendente/primores/sazão/leda (Poema “Meu Coração”, de Ana Nogueira Batista);

- Ridente/garrida (Poema “7 de outubro”, de Francisca Clotilde);
- Paragens ditosas/fruir/carpir (Poema “A Garça”, de Francisca Clotilde);
- Incauta/exânime/crestada/flux/pirausta (Poema “A Mariposa” (Francisca Clotilde).

Não se observa, portanto, qualquer movimento de Ana Nogueira e Francisca Clotilde em direção à oralidade, variante que já era bastante explorada à época das autoras pelos poetas e cantadores populares.

5.2.6 O manter-se ao Lado do Psicótico em nossa Cultura

A sobriedade, termo que utilizamos para designar o estilo de linguagem de Ana Nogueira e de Francisca Clotilde, foi também uma marca do temperamento das duas escritoras. No caso da segunda, o escândalo causado pela obra *A Divorciada* e por ter envolvido com Antônio Duarte ainda sendo casada, de nenhuma forma desabona a conduta da autora, que sempre procurou se guiar por uma rígida moralidade de base cristã, conforme era esperado na época.

Há, claro, momentos em que o eu-lírico de alguns poemas das duas autoras se mostra perdido ou até mesmo profundamente abalado. Em Ana Nogueira, por exemplo, a voz poética de “O Passado”, em um balanço nada alentador da existência, afirma o seguinte:

Os meus sonhos... perdi-os nos caminhos
Rudes da vida, e o coração agora
Tem a tristeza dos desertos ninhos.

Tenho vontade de parar...A aurora
Já não reluz, e nem os passarinhos
Modulam cantos que escutei outrora! (BATISTA, 1964, p. 58)

Também de Ana Nogueira é o poema “Oliveira Paiva”, no qual uma filha que perde o pai, abalada, embaralha os sentimentos, vindo a rir mesmo atravessada pela dor:

Foi vencido afinal! A morte escura
Não teve pena, ai! Não, da desventura
Da saudade sem fim, do triste horror

Da mãe, da pobre esposa estremeçada,
Nem da meiga filhinha tão querida

Que ri ainda em meio dessa dor! (BATISTA, 1892, p. 1)

Semelhantemente, no poema “Horas de Delírio”, de Francisca Clotilde, acompanhamos uma voz poética confusa, desorientada, com alucinações visuais e auditivas:

Um dia dormindo acordei dum delírio,
Tristonho eu saia dum doce sonhar,
Pois via, era um anjo, sentado a meu lado,
Acordo em soluços, me ponho a pensar.

Dirijo-me à beira de um manso regato,
A ver suas águas de leve a passar;
E as águas murmuram ao sopro da brisa
Que vem de repente minha alma agitar.

Procuo uma praia de brancas areias
A ver se a tristeza me vem dissipar.
Mas ouço o murmúrio das ondas queixosas
Que vem suas queixas às praias lançar.

Meu Deus que desdita, que sorte, esta minha,
Que louca saudade me faz delirar,
Procuo esse anjo, no sonho que via,
Mas ouço uma voz mirrada a falar. (LIMA, 1877, p. 4)

Os três exemplos, contudo, nem de longe guardam relação com o que Lúcia Castello Branco aponta sendo uma das marcas da escrita feminina: a aproximação das personagens/vozes poéticas de um lado da cultura marcado pela desintegração da personalidade e pelo conflito com a realidade, sintomas que a Psicologia identifica como sendo próprios da Psicopatia (Cf. BITTENCOURT, 1981). Em síntese, o manter-se ao lado do psicótico em nossa cultura é mais uma das características da escrita feminina apontadas por Lúcia Castello Branco que não se observam na poesia de Ana Nogueira e de Francisca Clotilde.

5.2.7 Uma Linguagem Pré-Discursiva, Ambígua, Caótica

Em uma época marcada pelo Positivismo, momento em que Ana Nogueira e Francisca Clotilde começaram a produzir suas obras, buscar nas obras literárias uma linguagem pré-discursiva, ambígua e caótica representaria um grande desafio para qualquer pesquisador. Daí que Ana Nogueira e Francisca Clotilde, nem mesmo remotamente, ousaram transgredir a clareza da linguagem própria ao estilo de

época que vivenciaram. Se isso fizessem, certamente, não seriam aceitas nas agremiações e nem sequer respeitadas por seus pares.

Com mais essa ausência apontada na obra das duas autoras, reiteramos que Ana Nogueira e Francisca Clotilde, embora trouxessem algumas novidades em relação à produção masculina, não foram propriamente revolucionárias do ponto de vista dos avanços que suas obras traziam. Produziram uma escrita feminina? Sim, por que traziam o testemunho de vozes colocadas à margem pela tradição androcêntrica. Não obstante, premidas pela contingência do estado de fala que as viu florescer, produziram a obra que era possível num cenário em que as mulheres ainda eram vistas como incapazes de produzir obras de qualidade estética e de profundidade analítica em relação ao escrutínio das delícias e das dores de ser humano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, centrado no contexto histórico na passagem do XIX para o XX, nos ocupamos na análise da participação feminina na Sociedade, na História e na Literatura, mostrando como se engajaram nas lutas sociais pela abolição e na inserção da mulher na política. Para tanto, analisamos dezenas de poemas de Ana Nogueira Batista e de Francisca Clotilde, tendo como horizonte de trabalho investigar nas referidas obras a presença (ou não) das marcas da escritura feminina destacadas por Lúcia Castello Branco na obra *A Mulher Escrita*, publicada originalmente em 1989 em parceria com Ruth Silviano Brandão. Cabe lembrar, no entanto, que marcas da escrita feminina podem ser encontradas em obras de autoria masculina. A própria Lúcia Castello Branco, como informado antes, defende essa ideia, apontando como exemplo de autores cujas obras trazem traços da escrita feminina Guimarães Rosa, Raduan Nassar, Marcel Proust e James Joyce, relação à qual acrescentamos o nome de Vinícius de Moraes, entre outros.

Com o resgate das referidas poesias de Ana Nogueira Batista e de Francisca Clotilde, as quais se encontram esparsas em jornais, revistas e almanaques do final do século XIX e início do século XX, pudemos identificar a presença na obra das duas cearenses de várias características descritas pela pesquisadora, incluindo: a escrita erotizada; a total indissociabilidade do sujeito do poema e seu texto; a percepção lírico-romântica do universo; a poética uterina; a atmosfera de mistério e obscuridade e a constante recorrência a infância.

Outras características, entretanto, mostraram-se ausentes na poesia de Ana Nogueira Batista e de Francisca Clotilde, entre as quais: o trânsito entre a santidade e o desvario, o texto como fruto de uma paixão insaciável, a busca da identidade e o girar em círculos, resultante da tentativa de dizer o indizível. Essas ausências, como mostramos no texto, dão testemunho sobre o lugar de fala em que as duas cearenses produziram, um contexto marcado pela escravidão de afrodescendentes, pelo coronelismo, pela rígida moral católica e pelo patriarcado. Nesse processo, as duas autoras se sentiam limitadas pelas condicionantes da época e do lugar em que viveram e escreveram suas obras.

De toda forma, mesmo com o patriarcado e a misoginia vivenciadas nesse período, as duas escritoras, poetisas e professoras, ousaram enfrentar o preconceito,

conseguindo participar de duas agremiações de significativa relevância para a história da literatura cearense – o Clube Literário e a Padaria Espiritual.

Embora os diversos estudos realizados sobre a Padaria Espiritual não façam referência à participação de Ana Nogueira, seu nome figura no periódico *O Pão* em duas edições, bem como nas atas da Padaria Espiritual. Encontramos também na obra *Cadeiras na Calçada*, de Maria Thereza Baptista Bandeira Maia, registros do diário de Ana Nogueira em que ela alimentava a expectativa de lançar o livro *Carmes* pela Padaria Espiritual, seguindo o que vários padeiros haviam feito.

Assim, como fecho desta pesquisa, pudemos perceber que o grande mérito das escritoras Francisca Clotilde e Ana Nogueira não está simplesmente na promulgação de uma literatura feminista, pois cabe também dar destaque ao esforço que empreenderam com o fim de romper o ciclo de exclusão feminina das agremiações literárias. Com esse feito, as escritoras puderam publicar seus poemas nos veículos de imprensa dessas agremiações, na revista *A Quinzena* e no periódico *O Pão*, elas participavam das reuniões e assim se inseriam num universo que até então era predominantemente masculino.

Mediante a luta e a obra de pioneiras como Ana Nogueira e Francisca Clotilde, a sociedade androcêntrica começou a perceber que as mulheres não poderiam mais ser julgadas como inferiores ou com menos conhecimento de que o homem: a partir daquela inserção no âmbito literário, mesmo que timidamente, a mulher ganhava espaço no universo da literatura, chegando para ficar.

Os nomes de Ana Nogueira e Francisca Clotilde, portanto, jamais devem ser esquecidos ou apagados da história literária. Devem sim serem celebrados e reconhecidos pelo trabalho desenvolvido, abrindo as trilhas para que as mulheres escritoras tivessem hoje um espaço menos opressivo e mais plural, embora ainda haja muitas conquistas a serem obtidas por elas.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Mozart Soriano. **História literária do Ceará: Dos “Oiteiros” ao Grupo Clã**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

ALMEIDA, Gildenia Moura de Araújo. **Mulheres beletistas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935**. 2012. Tese (Doutorado em História da Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ALMEIDA, Luciana de Andrade. **A Estrella: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará [1906-1921]**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos).

AZEVEDO, Sânzio. **Atas da padaria espiritual**. Transcrição e atualização ortográfica por Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Expressão, 2015.

AZEVEDO, Sânzio. Grêmios literários do Ceara. *In*: SOUZA, Simone (Org.) **História do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1994. p.185-197.

AZEVEDO, Sânzio. **Literatura cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

BALTAZAR, Ana Renata. À luz dos corpora marcados: a expressão da violência simbólica nas poéticas de Martha Medeiros, Anna Ribeiro e Nega Gizza. *In*: CUNHA, Helena Parente. (Coord.) **Violência simbólica e estratégias de dominação: produção poética de autoria feminina em dois tempos**. Rio de Janeiro: Da Palavra, 2011. p. 105-142.

BATISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf 1964.

BATISTA, Ana Nogueira. Ao amanhecer. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 3 ago. 1892.

BATISTA, Ana Nogueira. Ao Luar. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 2, 6 ago. 1892.

BATISTA, Ana Nogueira. Ao Olavinho. *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964.

BATISTA, Ana Nogueira. Conselho. **Revista A Quinzena**, Fortaleza, 18 mar. 1888, p. 5.

BATISTA, Ana Nogueira. Homenagem. **Jornal A Evolução**, Fortaleza, p. 4, 8 nov. 1888.

BATISTA, Ana Nogueira. Loira liberdade. *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964. p. 12.

BATISTA, Ana Nogueira. Longe. *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964. p. 31-32.

BATISTA, Ana Nogueira. Manhã de festa. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 8 abr. 1888.

BATISTA, Ana Nogueira. Meu Coração. **O Lyrio (de Recife)**, Recife, p. 9, 10 dez. 1902.

BATISTA, Ana Nogueira. Não sei cantar. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 13 dez. 1886.

BATISTA, Ana Nogueira. Nessun maggior dolore. **Revista A Quinzena**, Fortaleza, p. 5, 3 maio 1888.

BATISTA, Ana Nogueira. No templo. **Jornal O Pão**, Fortaleza, n. 34, p. 6, 15 out. 1896.

BATISTA, Ana Nogueira. O passado. *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964. p. 58.

BATISTA, Ana Nogueira. Oliveira Paiva. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 10 out. 1892.

BATISTA, Ana Nogueira. Prece. **Suplemento Literário do Jornal A Estação**, Rio de Janeiro, p. 93, 31 ago. 900.

BATISTA, Ana Nogueira. Retrospecto. **Jornal A Cidade**, Sobral, p. 1, 8 jun. 1901.

BATISTA, Ana Nogueira. "Rosicler". **Jornal A República**, Fortaleza, p. 7 set. 1897.

BATISTA, Ana Nogueira. Salve, oh loira liberdade". *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964. p. 12.

BATISTA, Ana Nogueira. "Sobre as ondas". *In*: Revista **Pacotilha** (MA), edição de 16/08/1897, p. 3.

BATISTA, Ana Nogueira. "Suave Recordação". *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964. p. 69-72.

BATISTA, Ana Nogueira. Sursum corda! *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964. p. 41.

BATISTA, Ana Nogueira. Teu olhar. **Revista A Quinzena**, Fortaleza, p. 7, 16 abr. 1888.

BATISTA, Ana Nogueira. Últimos versos. *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964. p. 120.

BATISTA, Ana Nogueira. Velhice. *In*: BAPTISTA, Ana Nogueira. **Versos**. Rio de Janeiro: Edigraf 1964. p. 118.

BATISTA, Ana Nogueira. Versos ao Luís. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 4 set. 1897.

BATISTA, Ana Nogueira. Visita ao passado. Revista **A Evolução**, Fortaleza, p. 3, 20 set. 1888.

BATISTA, Ana Nogueira. Vita Nuova. *In*: **Jornal O Pão**, nº. 36, edição de 31 de outubro de 1896, p. 8.

BATISTA, Manoel Sabino. Cartão de visita a Ana Nogueira. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 2, 28 nov. 1894.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo, V. II**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, p. 75-85.: PUC, dez. 2011.

BÍBLIA SAGRADA: **Antigo e Novo Testamento**. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília, DF: Sociedade Bíblia do Brasil, 1990.

BITTENCOURT, Adalzira. **Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1970. v. 2.

BITTENCOURT, Maria Inês G. F. Conceito de psicopatia: elementos para uma definição. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 20-34, out./dez. 1981.

BRANCO, Lúcia Castello. A escrita mulher. *In*: BRANCO, Lúcia Castello et BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa-Maria: LTC, 1989. p. 85-172.

BRANCO, Lúcia Castello. A (im)possibilidade da escrita feminina. *In*: **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, v. 4, p. 30-41, nov. 1985.

BRANCO, Lúcia Castello. Feminino feminino: Clarice com Cixous. *In*: FUNCK, Susana Bornéo (org.). **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 49-57.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros Passos)

CASTRO, Carla Pereira de. **Resquício de memórias**: dicionário biobibliográfico de escritoras e ilustres cearenses do século dezenove. Fortaleza: Expressão, 2019.

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do Império**: vida e obra de Emília Freitas. Santa Catarina: Mulheres, 2008.

CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Medusa. Trad. Keith Cohen e Paula Cohen. **Signs**, Chicago, v. 1, n. 4, 1976, p. 875-893.

COLARES, Otacílo. **Lembrados e esquecidos**. Fortaleza: Senado Federal, 1993. v. 6.

CUNHA, Cecília Maria. **Além do amor e das flores**: primeiras escritoras cearenses. Fortaleza: Expressão, 2008.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300 -1800. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIEGUES JR., Manuel. Literatura de Cordel. **Cadernos de Folclore**, Rio de Janeiro, n. 2, 1975.

DUARTE, Constância Lima. Entrevista concedida a Orna Messer Levin. **Revista Soletras**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 12-18, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2020.54155>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n. 49, p. 151-172, 2003.

DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. **Revista Travessia**, Florianópolis, v.1, p. 15-23, 1990. Texto apresentado originalmente no II Encontro Nacional da ANPOLL, realizado de 26 a 29 de maio de 1987, no Rio de Janeiro.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**: a pioneira do feminismo no Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.

ESPANCA, Florbela. **Florbela Espanca**: poemas. Estudo introdutório, organização e notas de Maria Lúcia Dal Farra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. Trad. Gastão Penalva. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1977. (A obra original é de 1863).

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Discurso feminino e identidade social**. 2. ed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009.

FOLHA DO NORTE, Jornal. Matéria sem título. **Jornal Folha do Norte**, Pará, p. 2, 21 nov. 1896.

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2004. A obra original é de 1933.

FREIRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. A obra original é de 1936.

FUNCK, Susana Bornéo (org.). **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: UFSC, 1994.

GIRÃO, Raimundo. **A Abolição no Ceará**. 2. ed. rev. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1969.

GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário da literatura cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1987.

GOMES, Melissa Carvalho. Imagem e auto-imagem: identidade feminina no cânone literário brasileiro. **Revista Signótica**, Goiás, v. 15, n. 1, , p. 63-75jan./jun. 2003.

GOMES, Carlos Magno; ZOLIN, Lúcia Osana. **Deslocamentos da escritora brasileira**. Maringá: Eduem, 2011.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. Evas ou Marias? as mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. **Esboços**, Florianópolis, v. 14, n. 17, p. 123-155, 2007.

HAHNER, June Edith. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Trad. Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. **Ensaístas brasileiras**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

JORNAL A REPÚBLICA. Centro literário. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 2, 3 dez. 1884.

JORNAL A REPÚBLICA. Matéria sem título. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 1891.

JORNAL A REPÚBLICA. Matéria sem título. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 2, 1894, p. 2.

JORNAL A REPÚBLICA. Matéria sem título. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 7 set. 1897.

JORNAL A REPÚBLICA. Padaria Espiritual. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 20 set. 1891.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Tendências e impasses: o Feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. 7 de outubro. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 16 out. 1897.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. A árvore. **Almanach do Ceará**, Fortaleza, anno 3, p. 163, 1896.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. A flor da gratidão. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 23 dez. 1886.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. A garça. *In*: COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos**, Fortaleza: Senado Federal, 1993. v. 6, p.107-108.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. A liberdade. **Jornal Gazeta do Norte**, Fortaleza, p. 3, 6 ago. 1882.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. A Mariposa. Revista **A Quinzena**, Fortaleza, p. 8, 15 maio 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. À memória da virtuosa Irmã Margarida Babet. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 6 maio 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. À minha filha. **Almanach do Ceará**, Fortaleza, p. 176-177, 1899.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. A minha mãe. **Jornal Gazeta do Norte**, Fortaleza, p. 4, 20 set. 1882.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. A Palmeira". *In*: COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos**. Fortaleza: Senado Federal, 1993. v. 6, p. 107.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. "Aos Libertadores". **Jornal O Libertador**, Fortaleza, edição de 25/03/1884, p. 2.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Ave prisioneira. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 4 jun. 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Beija-Flor. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 14 fev. 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Canção. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 8 abr. 1897.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Cléopatra. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 22 jul. 1895.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Coração. *In*: MOTA, Anamélia Custódio. **Francisca Clotilde, uma pioneira da Educação e da Literatura no Ceará**. Canindé: Canindé, 2007. p. 55.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Desert. **Revista A Quinzena**, edição de 30 de abril de 1887, p.7.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Deus. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 3 out. 1883.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Dor suprema. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 20 jul. 1895.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Estrela fatal. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 24 mar. 1897.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Homenagem. **Revista A Quinzena**, Fortaleza, p. 7, 16 abr. 1888.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Hora festiva. *In*: COLARES, Otacílio. **Lembrados e esquecidos**, v.6, Fortaleza: Senado Federal, 1993. p. 98.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Horas de delírio. **Jornal Cearense**, Fortaleza, p. 4, 1. Fev. 1877.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Horror. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 26 nov. 1897.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Idílio. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 2 mar. 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Junto ao berço. **Revista Pacotilha**, Maranhão, p. 2, 18 fev. 1888.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Lembro-me de ti. **Jornal Cearense**, Fortaleza, p. 2, 6 jan. 1884.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Mãe. **Revista A Evolução**, Fortaleza, p. 4, 8 fev. 1888.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Mistérios. *In*: COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos**. Fortaleza: Senado Federal, 1993. v. 6, p. 89.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Ninho desfeito. *In*: ALMEIDA, Luciana de Andrade. **A Estrela**: Francisca Clotilde e Literatura Feminina em revista no Ceará [1906-1921]. Fortaleza: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 58.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. O despertar da criança. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 6 maio 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. O Ninho. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 2, 2 fev. 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. O oásis. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 3, 6 fev. 1887.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Paisagem Matinal". **Jornal A Evolução**, Fortaleza, p. 3, 11 out. 1888.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Pérfida. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 12 dez. 1896.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Reminiscência. *In*: COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos**. Fortaleza: Senado Federal, 1993. p. 105-106.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Saudades. **Jornal O Libertador**, Fortaleza, p. 22, 6 jul. 1884.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Tédi. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 15 out. 1895.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. Uma história. **Jornal A República**, Fortaleza, p. 1, 16 jan. 1897.

LINHARES, Augusto. **Coletânea de poetas cearenses**. Rio de Janeiro: Minerva, 1952.

LINHARES, Mário. **História literária do Ceará**. Rio de Janeiro: Federação das Academias de Letras do Brasil, 1948.

LINHARES, Mário. **Poetas esquecidos**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1938.

MACHADO, Patrícia. Escrita feminina. *In*: CEIA, Carlos (org.). **E-dicionário de termos literários**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009. Disponível em: <https://edtl.fctsh.unl.pt/encyclopedia/escrita-feminina/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MAIA, Thereza Baptista Bandeira Maia. **Cadeiras na calçada**. Florianópolis: Aprika, 1998.

MENESES, Antônio Bezerra de. **O Ceará e os cearenses**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1906.

MONTENEGRO, Abelardo. **Interpretação do Ceará**. Fortaleza: UFC: Casa de José de Alencar, 2001.

MOTA, Anamélia Custódio. **Francisca Clotilde, uma pioneira da educação e da literatura no Ceará**. Canindé: Canindé, 2007.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: NUDOC, 2006.

NOGUEIRA, Joaquim da Costa. **Ceará intelectual**. Fortaleza: Typographia Escolar, 1910.

O Pão. Matéria sem título. **Jornal O Pão**, Fortaleza, p. 8, 15 nov. 1896.

O Pará. Matéria sem título. **Jornal O Pará**, Fortaleza, p. 2, 17 ago. 1899.

OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. Entre a palavra e a música: o horizonte de leitura de Emília Freitas – escritora cearense do século XIX. **Métis: História & Cultura**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 4, p. 11-25, jul./dez. 2003.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. As ideias científicas do século XIX no discurso do Club Literário. *In*: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico (org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p.73-96

QUINTANEIRO, Tânia. **Retratos de mulher**: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROCHA, Marijara Oliveira da. A permanência dos estereótipos femininos em A divorciada, de Francisca Clotilde. *In*: SILVA, Fernanda Maria Diniz da; SILVA, Marilde Alves da; SILVA, Fernângela Diniz da; SOUSA, Alexandre Vidal de (org.). **Ceará em prosa e verso**. Fortaleza: Expressão, 2018. p. 289-304.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

SALES, Antônio. **O Ceará literário**. *In*: ALMANACK do Ceará. Fortaleza: Gadelha, 1922. p. 446-447.

SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa; AMARAL, Ana Luísa. **Sobre a “escrita feminina”**: oficina. Coimbra: Colégio e S. Jerônimo: Centro de Estudos Sociais, 1997.

SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. **A mulher e a abolição**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Ainda sobre a escrita feminina: em que consiste a diferença? **Revista Interdisciplinar**, Sergipe, ano 5, v. 10, p. 29-43, jan./jun 2010a.

SILVA, Eliana Carlos da. **Atualizações e ressignificações do mito da donzela guerreira**: uma análise comparada dos romances *Papisa Joana* (Donna Woolfolk Cross) e *Memorial de Maria Moura* (Rachel De Queiroz). 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Régia Agostinho da. Emília de Freitas e a escrita de autoria feminina no século XIX. **Outros Tempos**, Maranhão, v. 7, n. 9, p. 225-239, jul. 2010b.

STUDART, Guilherme. Pequeno dicionário biobibliográfico. **Revista da Academia Cearense**, Fortaleza, tomo 4, p. 20-50, 1899.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto: UNESP, 2002. p. 401-442.

TÔRRES, Moisés Romanazzi. Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV a.C.). **Revista Marabilia**, Rioja, Espanha, n. 1, p. 48-55, 2001.

VALDEZ, Alba. Francisca Clotilde. **Jornal A Cidade**, Sobral, p. 1, 25 out. 1904.

VASSALO, Lígia. **O sertão medieval**: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. **A voz embargada**: imagem da mulher em romances ingleses e brasileiros do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1996.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista**: lendo como mulher. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, p. 68-78, dez. 2011a.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista**: uma contribuição para a história da literatura. *In*: Anais do Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011b. p. 407-415. Versão eletrônica do texto disponível em <http://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

ANEXO A – ÍNTEGRA DOS POEMAS DE ANA NOGUEIRA E FRANCISCA CLOTIDE CITADOS NA PESQUISA

Poema “A Volta” (Ana Nogueira Batista).

Voltei, logo depois que tu partiste;
E aquela larga estrada verdejante,
Cheia da quente luz do sol radiante,
Tornou-me ainda mais sombria e triste!

Como se foram rápidos os dias
De ventura pra nós! Minha alma chora,
Ai! Quando vê que dessas alegrias
Resta a saudade que me oprime agora.

Tudo fala de ti e tu, no entanto,
Estrada a fora vais – olhos em pranto
E a saudade no peito a transbordar....

Proteja Deus, proteja o teu futuro,
E ao teu berço natal, pobre, obscuro,
Possas, Irmão, em breve regressar!

Poema “Ao amanhecer” (Ana Nogueira Batista).

Cantai, cantai alegres passarinhos!
Abri as asas pelo azul a fora;
Deixai os quentes ninhos
Que já brilha no céu a luz da aurora

Já não tarda surgir o sol radioso
Que vem tonificar com seus ardores
E encher de luz e gozo
A natureza e as orvalhadas flores.

Deixai o vosso tépido agasalho,
Oh! Joviais e bons madrugadores,
Que às lides do trabalho
São horas de chamar os lavradores!

Cantai, alegres aves matutinas,
Cantai hosanas à fulgente aurora
E as formosas campinas
Enchei de vossa música sonora.

Amanheceu de todo. Oh! Minha musa
Solta o voo também por esses ares,
E despe de reclusa
O frio manto cheio de pesares.

Vamos cantar! As sombras da tristeza
Foram-se em frente ao matinal clarão
E como a natureza
Festivo me palpita o coração!

Poema “Ao Luar” (Ana Nogueira Batista).

Eu não sei que tristeza indefinida
Traz-me um luar assim, – ave erradia
–Em um misto de dor e de alegria –
Voa minh’alma em busca de outra vida...

Parece que há no peito uma ferida
 Que sangra sem doer, e fria, fria,
 Uma vaga e sonora nostalgia
 Vem me tocar a fibra mais dorida.

Não se define o que a minh'alma invade,
 Um sentimento estranho de saudade,
 Que se experimenta, mas se não traduz...

Saudade que embriaga como o vinho
 E que tem a doçura de um carinho
 E a transparência dessa branca luz...

Poema “Ao Olavinho” (Ana Nogueira Batista).

O teu nome, bisnetinho,
 Vem lembranças, evocar
 De outro Olavo querido
 Que se foi pra não voltar.

E ao ver-te assim tão contente,
 A brincar ledo e risonho
 Parece que vejo o outro
 Como a gente vê num sonho...

Quantas ideias me ocorrem
 Ao ver-te meu pequenino!
 Será! Feliz tua vida?
 Será feliz teu destino?

A vida, às vezes, é dura...
 Que possas forte a enfrentar.
 Rico sejas, se a riqueza
 Puder ao pobre ajudar.

Mas rico ou pobre, que sejas
 Um homem de coração,
 Aos pobres – dando fartura!
 Aos tristes – consolação!

Que nunca manches a boca
 Com palavras de aversão.
 Que as palavras que disseres
 Saiam de teu coração.

Pela grandeza da Pátria
 For insultada, invadida
 Defende-a, dando teu sangue,
 Defende-a dando-lhe a vida.

Ama os livros, pois são eles
 Que às almas consolo dão
 Nos dias de desalento,
 Nas horas de solidão.

Guarda sempre os bons preceitos
 Da doutrina de Jesus...
 Preceitos que as nossas almas
 Enchem de graça e de luz.

Preceitos que nos dão forças,
 Coragem para lutar.
 Preceitos que nos ensinam
 Amar, sofrer, perdoar.

Olavo, Deus te abençoe!
 Que possas feliz viver!
 E a teus pais, poupada seja
 A dor te ver morrer!

Poema “Conselho” (Ana Nogueira Batista).

Esquece, esquece o mal que te punha,
 Canta e sorri pela existência a fora,
 Longe de ti todo o pesar de outrora,
 Não queiras mais a dor que é tão sombria!

Bebe o prazer, o vinho da alegria
 Na luz celeste que te vem da autora,
 Ouve a canção suave e tão sonora
 Que as aves cantam ao romper do dia.

Canta também... e vai pelas estradas,
 Irás gozando as brisas perfumadas,
 Ouvindo além dulcíssima canção.

Olha, ao grande contacto da natura
 Foge o pranto, o pesar, a dor escura
 Canta alegre e festivo o coração.

Poema “Homenagem” (Ana Nogueira Batista).

Antes de lhe enviar, minha Senhora
 As minhas saudações por este dia
 Deixe-me dizer-lhe quão feliz seria
 Se pudesse lhe ver, falar-lhe agora.

E por isto lembrei-me de que outrora
 Contaram-me uma história muito pia
 De uma fada bondosa que fazia
 Mil prodígios, mil graças em uma hora.

E pensei que se hoje, neste instante
 Achasse a boa fada e, suplicante,
 Lhe pedira por dom do alto valor

Que me desse o transpor a imensidade
 Que nos separa e a doce felicidade
 De a seus pés homenagens ir depor.

Poema “Loira Liberdade” (Ana Nogueira Batista).

Salve oh loira liberdade!
 Filha do céu e da luz
 Tu és a arca bendita
 Da santa lei de Jesus.
 És do céu a mensageira.

Qual outrora Gabriel
 Anunciando ao proscrito
 O fim da treva cruel.

Poema “Longe” (Ana Nogueira Batista).

Que triste noite tranquila
 Na extensão indefinida
 Do céu, nem sequer cintila
 Nenhuma estrela perdida.

As nuvens vão se estendendo
 – Pesadas, negras cortinas –
 Vão no azul esmaecendo
 Constelações pequeninas...

Como que penas sombrias
 Pairam dolentes nos ares,
 Assim como as névoas frias
 Por sobre os mares polares.

Tudo é silêncio... somente
 Numa doida ansiedade
 O vento, tristonhamente,
 Passa a uivar sobre a cidade

E que laivos de amargura
 Traduz este uivar do vento!
 Parece um triste lamento,
 Um grito de desventura.

Ao longe, o mar agitado
 Soluça incessantemente
 Como um coração magoado
 Que a dor da saudade sente.

Enquanto se agita o oceano
 E o vento reza uma prece
 Profundo pesar insano
 No peito meu cresce, cresce...

E bem como a treva fria
 Ao céu e terra enoitando,
 Profunda melancolia
 Sinto a minha alma inundando

E penso em ti... neste instante
 Longe, tão longe daqui!
 O meu pensamento errante
 Todo se resume em ti...

Poema “Manhã de festa” (Ana Nogueira Batista).

Sorri-se o firmamento iluminado
 Como um templo de amor. E os passarinhos
 Chilreiam docemente nos seus ninhos,
 Onde existe a alegria de um noivado.

O sol tinge de ouro o imenso prado
 Cheio de luz, de mórbidos carinhos,
 Dos laranjais, das rosas dos caminhos
 Vem-me um perfume brando, imaculado...

Que suaves rumores na floresta!
 Quantos hinos no azul! Que doce festa!

Dá-nos a rir a natureza agora!

Oh! ante esta manhã serena e calma
Eu me sinto viver, sinto em minh'alma.
Uma chuva de luz clara e sonora.

Poema “Meu Coração” (Ana Nogueira Batista).

Meu coração, tu és um rescendente
Pomar cheio de frutos e primores
Onde a sação perdura eternamente,
Crescem arbustos, desabrocham flores.

Meu coração, tu és a verdejante
E altaneira colina em frente ao mar,
Onde em claras manhãs de sol vibrante
Canta a cigarra solta enchendo o ar.

E és também, coração, a leda e pura
Mansão de largas portas hospedeiras,
Cheia de mel, repleta de fartura
Onde pousam as almas forasteiras!

Poema “Não sei cantar” (Ana Nogueira Batista).

Não sei cantar... Se soubesse,
Que trovas harmoniosas
Teria escrito, sorrindo,
Nas finas pétalas das rosas!...

Cantando o céu, as estrelas,
O astro rei fulgurante,
A branca lua fugindo
Qual lampadário brilhante,

Cantando as auras fagueiras
Os rubros clarões de aurora,
O meigo lírio do vale,
Que à tarde murcha descora;

As nuvens brancas, ligeiras
Em formoso céu de anil,
Os risos da primavera,
As puras manhãs de abril,

Os cantos das andorinhas,
As tardes tristes do estio,
O som sentido do ângelus,
As mansas ondas do rio.

E depois de ter cantado
O céu, o bosque e a flor,
Eu cantaria, sorrindo,
Os doces gozos do amor!

Poema “Nessum maggior dolore” (Ana Nogueira Batista).

À triste luz de pobre candieiro
Ela trabalha. Ao branco astro radioso
Um grupo de crianças gracioso
Pula brincando alegre no terreiro.

Ela cisma no tempo tão fagueiro
Do seu amor... e o olhar volve saudoso
Para o passado alegre e venturoso
Que desfaz-se qual sonho passageiro.

E veio-lhe ao coração fugaz tristeza
Ao ver todo o horror, toda a pobreza
Da vida, e da fortuna o legro azar!...

Massua alma abriga a criança pura
Num futuro que vê só de ventura
Dos loiros filhos no divino olhar.

Poema “No templo” (Ana Nogueira Batista).

Nesta suave hora de sol posto
Nossa senhora, a boa mãe clemente
Sorri pra nós do trono seu fulgente
Cheia de amor e de inefável gosto.

Ela, consolação, arrimo, encosto
Dos que na vida lutam tristemente.
Abre o seu coração bondosamente
E carinhosa inclina o meigo rosto.

Recebe as orações dos desgraçados.
As mansas preces dos afortunados,
De onde resumam doces contrições...

Ouve as sentidas queixas piedosas
Das ternas mães e noivas amorosas
Que põem nela os frágeis corações...

Poema “O Passado” (Ana Nogueira Batista).

Vai-se passando para mim a vida...
Ah! Como longe estão os róseos dias
Cheios de luz e cheios de harmonias
Da minha bela infância estremecida.

Como está longe a doce fé querida
Que tinha então! A tantas alegrias
Sucederam-se dúvidas sombrias
Que me torturam a alma entristecida.

Os meus sonhos... perdi-os nos caminhos
Rudes da vida, e o coração agora
Tem a tristeza dos desertos ninhos.

Tenho vontade de parar...A aurora
Já não reluz, e nem os passarinhos
Modulam cantos que escutei outrora!

Poema “Oliveira Paiva” (Ana Nogueira Batista).

A última vez que o vi, tristonhamente
Ficou-me na alma esta cruel lembrança;
Ia-se a vida, aos poucos, lentamente;
Sentia-se da Morte a vizinhança....

Junto dele, no entanto, alegremente,
Sua filha, uma cândida criança,

– Contraste estranho – ria inconsciente
 – Um riso alegre e bom com a esperança –

Foi vencido afinal! A morte escura
 Não teve pena, ai! Não, da desventura
 Da saudade sem fim, do triste horror

Da mãe, da pobre esposa estremecida,
 Nem da meiga filhinha tão querida
 Que ri ainda em meio dessa dor!

Poema “Prece” (Ana Nogueira Batista).

Santa Maria, doce e bondosa,
 Trago meus filhos ao teu altar;
 Lança sobre eles, Mãe piedosa,
 A luz bendita do teu olhar!

Dizem alguns, Virgem Maria,
 Que a vida é triste, que tem horrores,
 Que para eles, oh! mais valia
 Dormir na cova cheia de flores;

Que os mimosos, frágeis pesinhos,
 Que eu me canso, não, de os beijar,
 Encontrarão somente espinhos
 Pelas veredas que vão trilhar;

Que só revezes, duros pesares,
 É que lhes guarda o mundo, a sorte;
 Que hão de sulcar sombrios mares
 Sem um farol, sem guia ou norte.

Por isso, oh! Mãe trago-os agora.
 Junto ao refúgio do teu olhar;
 Silvem serpentes em torno, embora,
 Há de ampará-los o teu olhar.

Vê que são lindos, têm a candura
 Do teu divino, loiro Senhor,
 Olha-os, nos olhos igual doçura,
 Nos lábios – risos feitos de amor.

*

E hei de querer, Virgem das Dores,
 Que a morte os leve, torva, sombria?
 Hei de querer que os meus amores
 Durmam para sempre na cova fria?

Se os abrigares nas carinhosas
 Dobras do manto do teu amor,
 Não terei medo das tormentosas
 Lutas da vida cheias de dor.

Não terei medo, não, das ciladas
 Que os maus, os torpes, possam armá-la;
 As tuas mãos puras, sagradas,
 De mil perigos hão de os salvar!

.....

Eis os meus filhos, Mãe piedosa,
Dá-lhes o abrigo do teu amor,
Livra-os Senhora da tormentosa
Noite do crime, noite de horror.

Poema “Retrospecto” (Ana Nogueira Batista).

Eis-me a reler os versos maviosos
Que te inspirei naquela apaixonada
Fase de amor, serena, imaculada
Plena de sonhos, de ilusões, de gozos.

Releio-os um a um e mais formosos
Acho-os agora; na alma enamorada
Revive toda a quadra iluminada
Pelos clarões dos dias venturosos.

Releio tudo... e como por encanto
Ante os meus olhos úmidos de pranto
Vai-se animado todo meu passado...

E sinto ainda palpitar-me o seio,
E encontro o nosso amor, o nosso enleio
Em cada estrofe, em cada verso amado.

Poema “Rosicler” (Ana Nogueira Batista).

Que formosa manhã! Minh'alma acorda
Com vontade de rir; foi-se a sombria
Tristeza que inda pouco a oprimia
E que ela agora nem sequer recorda.

Uma onda de luz enche e transborda
Do coração que quase não vivia.
Volta-me toda a límpida alegria
Que faz vibrar a sorridente corda.

Que formosa manhã! Além nos ninhos
Alegremente cantam passarinhos
Se aquecendo ao clarão que vem da aurora!

E minha Musa, num prazer infindo
Se esponeja feliz, cantando e rindo,
Rindo e cantando pelo azul a fora...

Poema “Salve, oh loira liberdade” (Ana Nogueira Batista).

Salve oh loira liberdade!
Filha do céu e da luz
Tu és a arca bendita
Da santa lei de Jesus.
És do céu a mensageira.

Qual outrora Gabriel
Anunciando ao proscrito
O fim da treva cruel.

Poema “Sobre as Ondas” (Ana Nogueira Batista).

Sobre as ondas mansamente,
O nosso barco fagueiro
Oscila brando ligeiro.

A luz do luar algente.

A noite calma, divina,
Vai sobre nós deslizando,
Enquanto a nau peregrina
Vai sobre as ondas vagando....

Como cisnes alvejantes
Num algo serenamente
Vamos felizes errantes
Sobre as ondas mansamente.

Ante o teu lábio risonho,
Ante o claro de teus olhos
Não me apavoram escolhos,
Navego como num sonho...

Canta! Acompanha-te a orquestra
Do vento a gemer saudoso;
Oh! Que harmoniosa festa!
Que enleio de amor e gozo!

O mar, há pouco fremente,
Se acalma para te ouvir,
Olha, o luar transparente
Parece agora sorrir.

Oh! vamos, barco fagueiro.
Desliza manso, ligeiro,
Ao doce clarão da lua.

Que importa que ruja o vento,
Raivoso rebrame o mar,
Se eu tenho neste momento
O farol do teu olhar?!

Poema “Suave Recordação” (Ana Nogueira Batista).

Horas longas... horas tristes
As que agora vou passando
Nesta minha longa vida
Que por demais vai durando...

Tão longa! Até me parece
Que nunca mais terá fim...
Chego a pensar: – Lá em cima
Deus esqueceu-se de mim.

Já quantas vidas vivi!
Já quantas almas eu tive!
E a pensar nas almas mortas
Penso até que já morri...

Morta minh'alma da Infância
Ingênua, viva, assustada
De criança cismadora,
De criança ensimesmada.

Vivendo sempre a pensar
Em casas mal assombradas,
Em bruxas, em feiticeiras,

Em tristes almas penadas...

Em meio aos meus brinquedos
 Vinham estranhos pensamentos
 Queria ser como as nuvens...
 Queria ser como os ventos...

Queria ser como as aves
 Sempre a voar, a voar...
 Ou como as águas do rio
 Lentas, lentas a rolar...

Queria ser tanta coisa!
 Queria...não era nada
 Mas do que triste menina,
 Cismadora, ensimesmada.

Perdi mãe bem pequenina.
 Mas tive afetos na vida.
 –De Papai era a mimosa,
 Dos manos a preferida.

Mãe Maria, preta velha,
 Me queria muito bem
 E o preto velho Mendonça
 Gostava de mim também...

Grande devota dos santos
 – Santos de amor e de paz.
 De alguns esqueci os nomes...
 Não me esqueci de S. Braz.

Não sei porque tive a ideia
 De dar ao Santo uma filha
 (isto ninguém me ensinara,
 Nem aprendi na cartilha).

S. Braz! Sua Santa filha
 Devotamente os chamava
 E era assim que humildemente
 A minha alma os evocava.

Tinha medo do demônio...
 (que aliás nunca perdi)
 Que histórias assustadoras!
 Que estranhas coisas ouvi!...

Aprendi a ler bem cedo
 E quanto gostei de ler!
 Mas, livros para criança
 Onde os iria obter?

Um dia, por uma caso
 Caiu-me um livro na mão
 De um certo bufarinheiro
 Que se chamava Simão.

Não era para crianças.
 Pouco importa! Não faz mal!
 Era um livro... e tanto o li

Que o decorei afinal.

Papai, que achava engraçado,
Fazia-me repetir
Algumas dessas histórias,
Que ele escutava a sorrir...

Como as crianças de hoje
São felizes, são ditosas!
Que belos livros de contos!
Que histórias maravilhosas!

E o teatro de calunga,
As histórias de quadrinhos,
Os atrativos da escola,
Recreios, hinos, versinhos...

Nossa escola era bem triste.
Tinha ares de prisão...
O mestre duro, ferrenho,
De palmatória na mão!

Nem cantos e nem recreios
Que alegrassem a criançada.
Reinava nela o temor
Da PALMATÓRIA mais nada...

Chega o inverno! Ei-nos em férias!
Adeus mestre! Adeus escola!
Quais alegres passarinhos
Que se evadem da gaiola!

Chove! E o serão se transforma
No inverno a brusca mudança!
É feliz o lavrador,
Alegre brinca a criança

Chove! E o sertão se transforma
No inverno a brusca mudança!
É feliz o lavrador,
Alegre brinca a criança.

Chove! E por nós esperam
Riachos e cachoeiras,
No pátio – mansas ovelhas,
No curral – vacas leiteiras.

Chove! E esta chuva bendita
Quanta alegria nos traz!
Louvor a Nossa Senhora!
Louvores ao meu S. Braz!

Ai quanta saudade! Quanta!
Do meu longínquo sertão!
“Santo Antônio”, “Santo Antônio”.
Suave recordação!

Poema “Sursum Corda!” (Ana Nogueira Batista).

Oh! Musa, esquece olvida estas pequenas
 Ambições que tu vês em derredor!
 Afasta o olhar das coisas vis, terrenas
 Fecha os ouvidos a este vão rumor...

Tens asas como as aves e falenas;
 Podes, com elas a extensão transpor
 Em busca às regiões azuis, serenas,
 Onde mora o Ideal e vive o Amor...

Leva-me oh Musa, aos páramos risonhos,
 Onde se escute a música dos sonhos,
 Onde não cheguem ecos deste mundo!

Leva-me longe oh! Musa peregrina!
 Quero ir contigo na ascensão divina
 Por esse céu, por esse azul profundo!

Poema “Teu olhar” (Ana Nogueira Batista).

Ao divino fulgor das alvoradas,
 Às estrelas inquietas luminosas,
 Ao puro lírio, às delicadas rosas,
 À frescura das relvas perfumadas.

Às borboletas meigas e doiradas,
 Volitantes, alegres, caprichosas,
 Aos solfejos das aves maviosas,
 Da casta pomba as azas prateadas,

Ao céu azul, sereno e radiante,
 Ao claro sol de maio fulgurante,
 À branca luz virgínea do luar.

A tudo isto que o universo adora,
 Às rosas, lírios, aves e aurora,
 Prefiro a doce luz do teu olhar.

Poema “Últimos Versos” (Ana Nogueira Batista).

Chega a Morte...Sutilmente
 Ouço-lhe os passos soar...
 Ai! Antes de hora extrema
 Peço a Deus humildemente
 Que me queira perdoar!
 Perdão para as minhas culpas!
 Ai! foram tantas Senhor!
 Na hora da minha morte
 Sê comigo, oh Salvador!

Mas quanta vez te ofendi!...
 Tu bem o sabes, Senhor,
 Que nada de bom eu possa
 Te ofertar em meu favor.
 Bem conheces as misérias
 Do meu pobre coração...
 –Mas, não me esqueço, Senhor,
 – Perdoaste à Madalena,
 – Perdoaste ao bom ladrão.

Ai! Jesus! Perdoa os erros,
 Do meu pobre coração!

Ai! bem sabes quantas vezes
 Sucumbiu à tentação.
 Mas, também, sabes, Senhor,
 Que nesta vida tão longa
 Muito amei, muito sofri!
 Na hora da minha morte
 Não me falte o teu perdão!

Poema “Velhice” (Ana Nogueira Batista).

Risos alegres da Infância
 Anseios da Mocidade,
 Labor da Idade madura
 Ai! Tudo, tudo passou...

Velhice! Triste palavra!
 Como custas a passar....
 Como são longos teus dias!
 As noites custam a chegar...

Os dias custam a passar
 Se inda pudesse cozer!...
 Os livros cansam-me os olhos
 Quem me dera inda os reler!

Não fiques triste, Velhice!
 Minh'alma não se queixou...
 Tu me trazes a lembrança
 Do tempo que se passou.
 O tempo cuja lembrança
 Ai! nunca, nunca acabou.

Poema “Versos ao Luís” (Ana Nogueira Batista).

Dorme em meu colo o Luís;
 E ao vê-lo tão tenro e lindo
 Minha alma, num gozo infindo,
 Palpita alegre e feliz.

Tão tenro e tão pequenino
 Que mais parece uma flor.
 Na boca, um riso divino
 Cheio de graça e de amor.

Tem vinte dias apenas,
 Mas é tão belo e gentil
 Que me lembra as açucenas
 Abertas no mês de abril.

O corpo de leite e rosas
 É macio com o arminho;
 Rescende às relvas cheirosas,
 Tem a frescura do linho.

Os seus olhos indecisos
 Fazem-me afagos, carícias;
 Que intraduzíveis delícias
 Encontro nos seus sorrisos!

Mas ei-lo agora desperto...
 Abre os olhos mansamente...
 Recorda um lírio entreaberto

Aos raios do sol nascente.

Oh! Filho, quanta ventura!
Que de alegrias divinas,
Que novo encanto e doçura
Tu à minha alma propinas!

Junto a ti – pomba querida –
Esqueço o que vai lá fora...
Em ti completou-se agora
Minha ventura na vida.

Vieste o laço apertar
Do mais entranhado amor,
És o bendito penhor
Da paz tranquila do lar.

Por esse mar agitado
Da existência hei de ter fé
Vendo-te sempre ao meu lado,
Minha arca de Noé!

Que venham magoas, embora!
Hei de esquecê-la contigo.
Oh! Meu piedoso abrigo!
Oh! Minha esplendente aurora!

Dorme em meu colo o Luís;
E ao vê-lo tão tenro e lindo
Minha alma num gozo infindo,
Palpita alegre e feliz.

Poema “Visita ao passado” (Ana Nogueira Batista).

Quando eu releio o livro do passado
E que relembro os dias de ventura
Eu sinto sempre uns laivos de amargura
A torturar-me o seio angustiado.

E lanço então o olhar desalentado
Para a vida falaz e tão escura,
E minh'alma se inunda de tristura
E o coração de dor chora magoado

É que vejo desfeitos os meus sonhos,
Os meus projetos louros e risonhos,
As minhas esperanças perfumadas...

Eo que no escrínio azul aonde outrora
Guardava as ilusões só resta agora
Um punhado de flores desfolhadas....

Poema “Vita Nuova” (Ana Nogueira Batista).

Eis-me longe da cidade
Estou no campo, afinal
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal

Há muito já que eu queria
Fugir de lá, e a natura
Vir confiar a sombria
Tristeza que me tortura.

(...)

Vida nova! Eu quero agora
Fazer canções maviosas!
Há de inspirar mais a autora,
Ou as estrelas radiosas.

Quero rimas diamantinas
Como os clarões da manhã
Alegres e purpurinas
Como os bagos da romã.

Quero estrofes cintilantes
Como do sol os fulgores
Rescendendo os penetrantes,
Acre perfumes das flores

Quero canções aljofradas
Como as relvas matinais
Sonoras como as baladas
Dos passarinhos joviais...

Poema “7 de outubro” (Francisca Clotilde).

Hoje, ao romper da alvorada,
Ouvi gentil avezinha
Cantar na verde raminha
Em prazer inebriada

Há muito que não ouvia
Nestas manhãs estivesse
Uma tão doce harmonia,
Gorjeios tão festivos

Que festa tão splendente
Exclamei surpreendida
Toda a natura ridente
Fulgia meiga e garrida.

.....

É que tu, irmã das flores
Festejavas teu natal
Cantando toda os amores
Numa ventura ideal!

Poema “A Árvore” (Francisca Clotilde).

Ao contemplá-la, triste, emurhecida,
Os galhos nus de folhas despojados,
Sem a seiva que outrora tanta vida
Lhe trazia em renovos delicados;

Ao vê-la assim tão só, tão esquecida,
Tendo gozado dias tão folgados,
Ao som dos passarinhos namorados,
Que nela achavam sombra apetecida:

Ai! Sem querer encontro semelhanças
Entre meus sonhos, minhas esperanças
E a mirrada árvore dolente.

Ela perdeu as folhas verdejantes,
Bem como as ilusões fragrantas
Que outrora me embalavam docemente.

Poema “A Flor da Gratidão” (Francisca Clotilde).

Se eu pudesse voltar à quadra venturosa
De minha doce infância – quadra cor de rosa
Em que tudo sorri e nos traduz esperança,
Se eu pudesse... hoje tornava-me criança
E ia pressurosa vagar pelas campinas
Para colher punhado de rosas e boninas.

Depois faria um ramo perfumado e gentil
Que tivesse os encantos e o esplendor de abril
E que vos recordasse os dias tão suaves
Da alegre primavera..., e os gorjeios das aves,
Que falasse de amor, de crianças e de auroras
De coisas divinas, sutis, encantadoras.

.....

Mas ah! Não voltam mais aqueles belos dias
Em que as aves cantavam tão cheias de harmonias
Em que o prado se ornava de rosas e boninas;
A aureola que irradia da frente das meninas
Já não fulgura em mim, porém no coração
Guardo bem viva ainda – a flor da gratidão.

Poema “A Garça” (Francisca Clotilde).

Ei-la triste a mirar as águas irrequietas,
Parecendo evocar em visões luminosas
O passado de amor, as estâncias diletas,
Ouro céu bem distante, outras margens formosas!

Exilada talvez das paragens ditosas,
Onde outrora gozou de alegrias discretas,
Quer as asas de neve, essas asas plumosas,
Espalmar pelo azul e voar como as setas.

Mas coitada! Não pode atingir as alturas,
Pois alguém a privou de fruir as venturas
Do inocente viver, da feliz liberdade.

Como a garça, tristonha, eu me sinto finar,
E não posso fugir.. E não posso voar
Tenho aqui de carpir a tristeza, a saudade.

Poema “A Liberdade” (Francisca Clotilde).

Somem-se as trevas horríveis
Além desponta uma luz
É a liberdade que surge
Nos horizontes azuis.
Dos lábios puros de um mártir
Nasceu repleta de luz

Traz em seus lábios a paz
É santa...vem de Jesus!

Tem por preceitos sublimes
O amor, a caridade
É grande, imensa divina
Esta sublime deidade
A sua voz poderosa
Faz heróis na mocidade.
Todo aquele que a defende
Tem por templo a eternidade.

Ergue seu braço potente
Sua bandeira hasteou
Lutando com a tirania
Foi heroica e triunfou.
Aos vis, infames negreiros
Seus nobres filhos mostrou
E o cativo maldito
Sob seus pés baqueou.

Qual a Judith da história
Que a seus irmãos libertou
Com um heroísmo sublime
A Holofernes matou
Na pátria de Tiradentes
A liberdade raiou
E grande, heroica altaneira
O cativo esmagou.

No Brasil, pátria de heróis
Não deve haver mais escravos
Não deve esta mancha negra
Tingir a fronte de bravos.
Eia oh! moços cearenses
Avante, avante, marchai
De nossa pátria querida
O cativo expulsai.

Coragem! Marchai sem medo
Unidos, vos dando as mãos
É belo dizer sorrindo:
Todos nós somos irmãos.
Terei depois do combate
Os louros verdes da glória
Que os heróis sempre revivem
No grande livro da história.

Poema “A Mariposa” (Francisca Clotilde).

Incauta mariposa em torno da luz
Veja pela chama fascinada,
Até que enfim exânime, crestada
Cai em meio do fogo que a seduz.

A chama que dos olhos teus transluz
Tem minh'alma em desejos torturada
E se tento fugir mais abrasada
Me sinto neste amor que cresce a flux.

Oh! Fecha os negros olhos sedutores!

Não me queimes nos fervidos ardores
De uma louca paixão voraz e forte.

Receio que minh'alma caia exausta
Neste abismo de luz como a pirausta
Que buscando o prazer encontra a morte.

Poema “À Memória da Virtuosa Irmã Margarida Bazet” (Francisca Clotilde).

Seus lábios não provaram neste mundo
A taça do prazer que nos seduz,
Desprezou a grandeza... Uniu-se à cruz,
Aos que sofrem votou amor profundo.

Guiou-me a infância, terna e desvelada
No caminho do bem, tinha carinhos
Para os prantos dos tristes orfãozinhos,
Era tão boa, meiga e dedicada!

Descansa em paz, Oh! doce criatura,
O mundo não podia a formosura
De tua alma de santa compreender;

Ele que é não incosequente e rude
Ele ao vício e abate a sã virtude!
Só entre os anjos poderás viver...

Poema “À Minha Filha” (Francisca Clotilde).

Quando me sinto exaurida
Deste lutar incessante
E busco desfalecida
Alívio por um instante;

Achego-me ao teu bercinho,
Onde repousas de manso,
E ali desfruto carinho,
Ali encontro o descanso!

Nas trevas de meu Calvário,
O teu olhar inocente
Me guia no itinerário
Como uma estrela fulgente.
Bendigo o Deus adorável,
Cuja bondade infinita
Deu-me a delícia inefável
De teu sorriso, Angelita!

Poema “A Minha Mãe” (Francisca Clotilde).

Il ya dans la vie des jours qui passent mais dont le souvenir nous accompagne au tombeau.
Tradução: Há dias na vida que passam, mas cuja memória nos acompanha até o túmulo.

Quero hoje relembrar o meu passado
Este tempo feliz e tão amado
Que outrora frui:
Chorar inda uma vez santos amores
Regar com prantos as fanadas flores
Que em botão colhi.

Oh! Meu tempo de infância tão risonho
Qual lindo, perfumado e ameno sonho

Tu passaste subtil!
 Mas não posso olvidar-te um só momento
 A ti busca saudoso o pensamento
 Oh! Meu risonho abriu!

Quantas vezes, oh! mãe, em doce enleio
 Nessa quadra feliz junto ao teu seio
 Contente repousava,
 De teus lábios ouvia as falas puras
 Que me enchiam a infância de venturas
 E feliz me julgava.

E depois de sentir os teus desvelos
 De ouvir teus doces, maternais conselhos
 Que na alma recolhia
 Ia em busca das flores as mais finas
 Das brancas rosas, das gentis boninas
 Que para ti colhia.

E vivia feliz!... A sombra amante
 De teu carinho imenso e tão constante
 Achava um doce abrigo,
 Mas em breve trocou-se o riso em pranto
 Desfez-se de repente o ledó encanto
 Tu baixaste ao jazigo.

Fugiram-me as venturas que sonhava,
 O porvir de delicias que esperava
 Tornou-se uma ilusão:
 Desde que baixaste a campa sinto na alma
 Uma dor tão cruel que nada acalma
 Que punge o coração!

Mas sempre me acompanha tua imagem,
 Em horas de tristeza é a miragem
 Que alenta o eu sofrer;
 Foi ela que guiou-me a felicidade
 Que sempre pela senda da verdade
 Guiou o meu viver.

O que é nossa mãe? Bem sem igual
 Neste mar de ilusão é o farol
 Que nos guia o viver;
 É a estrela luzente, esplendorosa
 Que em noite escura, feia e borrascosa
 Deus fez aparecer!

E tu, oh! minha mãe, que lá nos céus
 Já habitas feliz aos pés de Deus
 Enquanto eu choro aqui
 Prepara para mim entre esses gozos
 À paz dos loiros querubins, formosos
 Um lugar junto a ti.

Poema “A palmeira” (Francisca Clotilde).

Sobre o vasto areal, na extensão do deserto,
 Erguia senhoril à luz, ao sol, ao vento,
 A palmeira sorri-se ao viajor sedento
 – Oásis verdejante – a se mostrar bem perto.

Em miragem tão bela... O seu leque entreaberto
 Parece-lhe indicar, no rumo poeirento,
 Das águas o frescor, a sombra, o aprazimento,
 O descanso sonhado... o conforto mais certo.

Palmeira abençoada! Ao coração que oprime
 A fadiga cruel, no itinerário rude,
 Esperança e consolo o teu perfil exprime.

Quantas vezes também o prazer nos ilude;
 Mas que a vista do céu a noss'alma reanime.
 Seguiremos o bem, o dever, a virtude!

Poema “Aos Libertadores” (Francisca Clotilde).

O fim é este! Ousados paladinos

Chegaste ao Tabor cheios de glória,
 E a fronte ides alçar ao som dos hinos
 Aos cânticos festivos da vitória!
 Ressoe o brado augusto da amplidão:
 Aqui hoje se estreita um povo irmão!

É livre o Ceará, reina a igualdade:

Livres somos! Triunfa a nobre ideia!
 Imensa se levanta a liberdade
 Vencendo aos belos cantos da epopeia!
 Rompe as brumas do céu loura alvorada
 E a aurora de Deus, surge abrasada!

Poema “Ave prisioneira” (Francisca Clotilde).

Outrora na campina perfumada,
 Ela voava alegre e descuidosa
 Em doce liberdade embriagada;

Soltava a voz festiva e maviosa,
 Quando a luz matutina despontando
 Tornava a terra límpida e formosa;

Nos floridos raminhos saltitando
 Vivia de caricias e de amores,
 Num enlevo feliz sempre cantando.

Amava o céu, as arvores, as flores,
 E Deus que os lírios veste de candura
 Poupava-lhe da fome os amargores.

Se tinha sede a fonte d'água pura
 Dava-lhe a gota fria, cristalina,
 E a meiga brisa maternal frescura.

Tecera o ninho à encosta da colina
 E lá adormecia, ao sol poente,
 Como em seio de mãe loura menina.

Um sonho doce, plácido, inocente
 Fazia-a suspirar... e num desejo
 O seio lhe pulsava ardentemente.

De um rouxinol vizinho por um beijo

Daria a própria vida, e o caro ninho
Só por ouvir-lhe a voz em terno harpejo.

Era ditosa assim!... A flor do linho,
Da cor do céu, da cor das ilusões
Por ela se entreabria no caminho;

Por ela confundiam-se em festões
Os galhos da baunilha perfumosa
E...tinha aromas, risos e canções!

Era rainha...impávida, alterosa
Bem alto erguia o voo pelo ar,
Buscando a nuvenzinha cor de rosa.

Mas ah! tudo no mundo ha de findar,
Desfaz-se o amor, acaba-se a ventura,
É lei fatal! Não há que duvidar.

Do ninho perfumado, mão impura
Foi arrancá-la, meio embriagada,
Num transporte de amor e de ventura.

Agora está cativa, é desgraçada.
E tem como prisão (oh! ironia!)
Uma gaiola esplendida, dourada.

Antes a morte, a rápida a agonia,
Que vale a vida em lagrimas passada,
No tredo horror de uma prisão sombria?

Que vale a longa vida amargurada,
Sem um raio de amor ou de esperança?
Antes a morte, o esquecimento, o nada!

A mísera cativa os olhos lança
Para o espaço azul – a luz do dia
Surge risonha. A terra inda descansa.

A sua bela irmã, a cotovia,
Um canto desprendeu enamorada
Da estrela d'alva que no céu fulgia.

E ela, coitadinha, encarcerada!
Lamenta os dias calmos, luminosos,
Os voos no vergel... a fonte amada!

O ninho onde fruía doces gozos,
Dum casto e puro amor a suavidade
Os sonhos que nutris, tão formosos!

Se pudesse fugir... e a liberdade
De novo recobrar... ah! voaria
Bem alto pelo azul da imensidade.

E que doces gorjeios soltaria!
O seu amor, o seu ardente amor,
Nunca mais, nunca mais se acabaria.

Que beijos no biquinho com ardor

Tremiam pipilando... quanto anseio
De sol, de luz, de laranjal em flor!

Tenta chamar o esposo junto ao seio
Quer vê-lo inda uma vez, e harmoniosa
Despende estranho e divinal gorjeio.

Nunca se ouvira voz tão maviosa
Dentre os ninhos partir...agente corre
Para escutar-lhea música saudosa;

E a avezinha que ninguém socorre,
Continua a cantar, louca de dor,
Até que seu alento cai e morre!

.....
Minh'alma como a ave prisioneira
No cárcere da dor, triste e gelado,
Onde tem de passar a vida inteira
Lamenta os belos dias do passado!

Poema “Beija-Flor” (Francisca Clotilde).

O perfume subtil, casto e mimoso
Da modesta florzinha, vicejante,
Seduziu o ardente e vario amante
Num anseio de beijos e de gozo.

Foi pensar junto dela, cobiçoso
De sorver-lhe o perfume, um só instante;
Em seu casto regaço inebriante
Proibiu o prazer mais deleitoso.

Mas, depressa soltando as lindas asas,
Procurou outra flor, sob outras gazas
Foi pousar, aspirando um novo amor;

Assim, tu inconstante a meus desvelos
Vais fitar em alguém teus olhos belos
Semelhantes ao volúvel beija-flor.

Poema “Canção” (Francisca Clotilde).

Ah! se eu fosse um colibri,
Num adejar incessante,
Beijava a flor que sorri
No teu lábio perfumante!

Depois sedento de gozo
la acolher-mesutil
No ninho quente e sedoso
Do teu regaço gentil.

E ali viveria de amor,
A delirar de carinho
Como vive o passarinho
Sobre as rosinhas em flor

Oh! consente que a teu lado
Eu antegozo a ventura
Do céu, libando a doçura

Do teu beijo apaixonado.

O colibri doudejante
Vivo de aromas e luz
Eu busco só delirante
O teu amor que seduz.

Poema “Cleópatra” (Francisca Clotilde).

Veste o traje real mais delicado,
Põe na fronte a coroa radiante,
E o seio nu, em ânsias estuantes,
Entrega ao frio áspide esfaimado

Tão bela como em noite de noivado
Sobre o leito deitada e provocante
Do Egito a soberana fascinante
Vai morrer num delíquio apaixonado.

Pouco a pouco o veneno capitoso
Se inocula em seu sangue, caprichoso
Lhe agita o corpo languído, tremente

E na agonia, plácida e risonha
Cerrando os olhos devaneia e sonha
Com Marco Antônio e... morre docemente.

Poema “Coração” (Francisca Clotilde).

Porque suspiras, coração dolorido?
Ermo de afetos, cheio de amargura!
Fugiu de ti a plácida ventura!
Eis-te sozinho, a suspirar descrido!

Não mais no mundo pérfido, iludido,
Serpas de afetos vãos da criatura
Brilho em teu céu uma esperança pura,
E Deus que atenta ao ser desiludido!

Busca o conforto místico, que vem
Trazer-te a luz, que dimanou do bem,
E que fulgiu nos braços de uma cruz;

Despreza os bens efêmeros da terra,
Busca o tesouro que somente encerra:
O amor perfeito que sonhou Jesus.

Poema “Deserto” (Francisca Clotilde).

Esta casa que vês arruinada,
Solitária e deserta no caminho,
Foi outrora de noivos casto ninho
De ilusões e de risos povoada.

E hoje, como fúnebre morada...
Já não conserva o traço de um carinho,

Nem se ouve o trinar do passarinho
Em seu muro ao romper da madrugada.

Assim meu coração d’antes repleto
De esperanças e cândidos amores

É hoje como um túmulo, deserto;

E o vergel onde outrora as lindas cores
Das rosas de um provir risonho e certo
Brilhavam, tem espinho em vez de flores!

Poema “Deus” (Francisca Clotilde)

Lembro-me que minha mãe
Um dia fitando os céus
Uniu-me as tenras mãozinhas
E mandou-me orar a Deus.

Eu era bem pequenina
Mas repeti a oração
E esta prece inocente
Guardei-a no coração.

Parece-me então que Deus
Sorrindo me abençoava
E a minha prece infantil
Com amor ele escutava.

Senti desde então a fé
No meu peito se abrigar
Via que louros anjinhos
Vinham meu leito embalar.

Oh! minha mãe, foste tu
Que num transporte dos céus
Me ensinaste a prece pura
Que fez-me conhecer – Deus.

Poema “Dor suprema” (Francisca Clotilde).

Olhou o caixãozinho cetinoso,
Enfeitado de rosas odorantes,
Onde o filho, o anjinho carinhoso,
Descansara de dores cruciantes.

Fitou aqueles olhos cintilantes
Inda há pouco, o rostinho gracioso,
E um grito convulso estertoroso,
Despenderam seus lábios hesitantes.

Depois, ardendo em febre, alucinada,
Uniu à sua face regelada
Da criança, beijou-lhe a fria boca;

E o filho vendo exânime, prostrado
Botão de flor tão cedo desfolhado
Soltou um riso histórico de louca!

Poema “Estrela Fatal” (Francisca Clotilde).

Maria a casta flor das alvoradas
O mimo de seus pais, loura criança,
Sentiu afeto rico de esperança
Por um cantor das noites estreladas.

E rendida às palavras namoradas
Do sedutor, com toda a confiança,

Em seus braços trocou a vida mansa
Pelo prazer das loucas transviadas

No deleite do vício embevecida
Nem pensou no epílogo da vida
Daquela que vendeu a honestidade;

Hoje, em vez dos adornos deslumbrantes
Veste uns trapos, coitada! Horripilantes
E estende a mão pedindo caridade.

Poema “Homenagem” (Francisca Clotilde).

Não te corre nas veias delicadas
O sangue azul da fátua realeza,
Nem te cerca o prestígio de grandeza
Que enaltece as cabeças coroadas;

Desconheces as regras variadas
De etiqueta – requinte de nobreza.
Nem preferes à doce singeleza
Um que vives as cortes decantadas.

A teus pés não se curva a multidão
Para beijar-te a pequenina mão,
Quando passas incógnita e sozinha;

Mas, sendo, como és formosa, e boa,
Tens uma bela e fulgida coroa,
E vales muito mais que uma rainha!

Poema “Hora Festiva” (Francisca Clotilde).

Brilha o sol no infinito! A natureza em festa
Mostra um raro primor, por toda parte exulta
A flor, a estremecer no galho em que se oculta,
E o pássaro, a cantar, doce prazer atesta.

Nem um traço sombrio no horizonte resta.
Tudo azul a sorrir.... pela devesa inculta
Brinca a luz, que entre as ramas trêmulas se enfresta,
Enquanto cresce o dia, enquanto o dia avulta.

Perfumes no ambiente... aves pipilam...canta
A linfa de cristal cujo murmúrio encanta
O espírito do poeta aureolado em dor.

Bendita sejas tu, oh! grande natureza,
Fonte eterna de paz, de graça, de beleza,
Que infiltras dentro em nós o bem, a luz, o amor!

Poema “Horas de Delírio” (Francisca Clotilde).

Sozinho não posso viver descuidado
Sem que minha lira não esteja a cantar,
Embora sozinho, nas horas noturnas
Sentado ao terreiro no branco luar.

Um dia dormindo acordei dum delírio,
Tristonho eu saía dum doce sonhar,
Pois via, era um anjo, sentado a meu lado,
Acordo em soluços, me ponho a pensar.

Dirijo-me à beira de um manso regato,
 A ver suas águas de leve a passar;
 E as águas murmuram ao sopro da brisa
 Que vem de repente minha alma agitar.

Procuro uma praia de brancas areias
 A ver se a tristeza me vem dissipar.
 Mas ouço o murmúrio das ondas queixosas
 Que vem suas queixas às praias lançar.

Meu Deus que desdita, que sorte, esta minha,
 Que louca saudade me faz delirar,
 Procuro esse anjo, no sonho que via,
 Mas ouço uma voz mirrada a falar.

Em que pensas, poeta, tristonho, encostado,
 A beira da praia a olhar pra amplidão;
 Serão os murmúrios das ondas queixosas
 Que vem pressurosas oferecer-te oblação?

Porém essas vozes mirradas que ouvia.
 Se enlaçam depressa nas asas do vento,
 E eu de repente fiquei enleado
 Em tênue cadeia sem ter movimento.

Soltei um gemido às vagas queixosas
 Que foi de repente à praia bater,
 E elas me dizem com voz maviosa:
 Que acerba saudade, que louco sofrer.

Mas eu de repente acordei de delírio,
 Que sonho tão forte me veio abalar!
 Procuro a mão que a mente me fere;
 Acho-me sentado ao branco luar.

Descrevendo o delírio que a mente me fere,
 Procuro este caso de leve narrar,
 Pra que outro ente não seja lesado

Nas asas do vento, às ondas do mar.

Sabei que o poeta cismando deleia
 Ao espaço infinito se vai arrojar;
 E sua lira de arcanjo com som mavioso.
 Procura aos viventes mistério abafar.

Poema “Horror” (Francisca Clotilde).

Não sei que estranha maldade
 Pode à mulher predispor
 A repelir sem piedade
 Um filho do seu amor!

Se aos filhos as próprias feras
 Por instinto natural
 Votam carícias sinceras
 De puro amor maternal!

Como pode um coração
 Humano? (Que negro horror!)

Trucidar sem compaixão
Mimoso lírio inda em flor!

Desprezar tão inclemente
Uma criança a sorrir,
Cessem nevada e olente
Que começava a florir!

Passar a mãos dos estranhos
A pequenina criatura
Que pede afagos tamanhos
De meiga e santa ternura!

Para furtar se a censura
Do mundo vário e traído:
Condenar à desventura
Um filho de seu amor!

Só a razão desvairada,
Perdendo o lúcido brilho
Leva uma mãe desgraçada
A enjeitar o próprio filho!

Poema “Idílio” (Francisca Clotilde).

A tua voz mimosa e tão suave
Como se fosse nota peregrina
Do gorjeio festivo de alguma ave,

Desprendeu-se melíflua, cristalina,
Enquanto o teu olhar meigo, fulgente
Se embebia na florida campina.

E, depois luminoso e transparente
Fitando-o no seu rosto com doçura,
Num anseio de amor terno e ardente,

Que vês além? disseste, oh! alma pura,
Os olhos teus se perdem no horizonte
Enlevados num sonho de ventura!

O que assim te seduz? Será da fonte
o doce murmúrio, da folhagem
a verdura macia?...tua fronte

Se queda embevecida ante esta imagem,
Num arroubo de artista extasiada
Contemplando uma límpida paisagem!

Ou das aves a alegre revoada
Te soletra a harmonia dum gorjeio,
Que tu ouves feliz e transportada?

Que desejo te agita o casto seio,
Onde eu quisera – ninho perfumado –
Agasalhar minh'alma, sem receio?

Desvia do horizonte iluminado
Os olhos teus, oh! flor de minha vida,
E crava-os no meu rosto apaixonado.

Depois, de manso...assim...meio rendida
 À minha voz, reclina a face tua
 No meu peito, de amor estremecida.

Cantemos um idílio à luz da lua,
 Bebamos pelo ar esta poesia,
 Que bem junto de nós, terna, flutua.

E quando a doce aureola que irradia
 Dos que votam-se amor, na nossa fronte
 Já não mais fulgurar...oh! nesse dia,

Deixa então que se embeba no horizonte
 O teu nítido olhar, triste saudoso,
 Quando vésper no céu azul desponte;

E vem do belo tempo venturoso,
 Que não mais voltará, te recordar.
 Repetindo este idílio mavioso.

Poema “Junto ao Berço” (Francisca Clotilde).

Enquanto o pai medita no futuro
 Do filho pequenino e gracioso,
 Que dorme no seu berço descuidoso,
 O sono da inocência calmo e puro,

E o caminho da vida mal seguro
 Pensa em tornar-lhe plano e deleitoso,
 O maternal olhar, terno e radioso
 Como estrela brilhando em céu escuro,

Vai pousar através do cortinado
 No rostinho mimoso e perfumado,
 Num transporte de amor e de carinho.

E nem se lembra a mãe nesse momento
 Que existe o mundo...inteiro o pensamento
 Se absorve no sonodo filhinho.

Poema “Lembro-me de ti” (Francisca Clotilde).

Quando em fresca manhã, passam as auras
 Pelos belos jardins, leves, sutis
 E a rola canta um hino de tristeza,
 Eu lembro-me de ti.

Quando o mar beija a praia delirante
 Desferindo um poema de desejos,
 No gemido noturno das vagas
 Eu lembro-me de ti.

Quando o sol tremulando na folhagem
 Manda um beijo de amor á flor gentil
 Que ergue ao céu o turíbulo perfumado.
 Eu lembro-me de ti.

Em noites encantadas da poesia
 Quando brinca no céu, a fada loira
 E a flor retrai a pétala mimosa,
 Eu lembro-me de ti.

Quando fito as estrelas cintilantes
 E teu ardente olhar, eu bebo nelas,
 Minha alma vibra um mundo de poesia
 Eu lembro-me de ti.

Quando as flores me dão os seus aromas
 E as auras perfumadas – mansos beijos –
 Quando as aves me dão alegres cantos,
 Eu lembro-me de ti.

Quando tarde da noite, a terra dorme
 Eu gosto de fitar o azul dos céus,
 E saudosa, teu nome murmurando,
 Eu lembro-me de ti.

Sim. Lembro-me de ti, a todo instante
 Tua imagem me segue a cada passo
 Nesta ausência cruel que me enlouquece,
 Oh! Lembra-te de mim!

Poema “Mãe” (Francisca Clotilde).

Nada possui. O riso da alvoreada
 Que lhe traz um bom dia prazenteiro,
 O cantar da avezinha tão fagueiro
 E o perfume da flordesabrochada.

Encontram-na de pé extasiada
 Junto ao berço do filho. O mundo inteiro
 Para ela não vale um feiticeiro
 Riso de sua boca perfumada.

Não almeja a riqueza, o anjo louro
 Que ali dorme sorrindo é o tesouro
 Que lhe enriquece a alma solitária;

E quando ao despertar ele a procura
 Para beijá-la, a pobre criatura
 Se julga muitas vezes milionária!

Poema “Mistérios” (Francisca Clotilde).

Há um encanto secreto, um mistério insondável
 No seio da floresta, e o seu recesso esconde
 Tanta coisa ideal, sob a rendada fronde,
 Na beleza sem par, selvática, admirável!

A ave que desata a voz límpida, inefável
 A voejar pelo azul exprime de onde em onde
 Um idílio de amor a que a brisa responde
 E o aroma a se espargir, num eflúvio adorável.

Nos sponsais da flor, oh! que ternura existe!
 Que pode compreender a força que persiste,
 A vibrar no mistério, a palpitar no arcano?

Quem pode do porvir traçar o itinerário,
 Investigar quem ousa o pensamento vário
 E o supremo mistério – o coração humano?

Poema “Ninho Desfeito” (Francisca Clotilde).

Inda há pouco cantava docemente
 Num transporte de cândidos amores
 O casal de avezinhas inocente,
 A tecer o seu ninho de entre as flores.

Embebidas num sonho transparente
 Eles iam saudando os esplendores
 Do sol que, despontando sorridente,
 Resplendia da serra entre verdores.

Mas ah! Um caçador despiado
 Perturbou os idílios do noivado
 Roubando ao par gentil a felicidade.

Hoje o ninho balouça-se deserto,
 Monumento gentil que lembra incerto
 Um mistério de amor e de saudade!

Poema “O Despertar da Criança” (Francisca Clotilde).

Abriu sorrindo a pálpebra rosada,
 Como um botão de lírio cetinoso
 Que desabrocha aos beijos da alvorada.

Do sol um morno raio, carinhoso
 Vinha dourar a tremula cortina
 De seu nevado berço perfumoso.

Dentre os ninhos a música divina
 Dos alados cantores se evolava
 De envolta com os perfumes da bonina.

Sorria-se a manhã...e festejava
 Com eflúvios de flores e harmonia
 O louro querubim que despertava.

O maternal olhar toda esplendia
 De puro e terno amor, ao contemplar
 O pequenino arcanjo que sorria.

Vem a meus braços, vem... quero beijar
 Os olhos teus, oh! luz de minha vida,
 E no regaço amante te afagar.

Velei o sono teu, oh! flor querida
 E junto deste berço a noite inteira
 Passei a contemplar-te embevecida.

Consente que te beije da maneira
 Mais terna e mais suave, assim, assim.
 A pequenina boca feiticeira.

Que delícia! Que mel eu libo enfim!
 Não há nada mais doce do que o beijo
 De teu lábio mais puro que o jasmim.

Oh! filho de minh'alma, vem, almejo
 Ouvir a tua voz preludiar
 De canção infantil o brando harpejo.

Ah! Se eu pudesse nunca me apartar
De ti um só momento, e teu semblante
De hora em hora, extática, beijar!

Meu Deus, das criancinhas terno amante
Protegei minha cândida açucena
Dos embates da sorte a todo instante.

Fazei que a vida lhe deslize amena
Como o correr da linfa cristalina
Em céspedes de flores, tão serena!

.....
Só uma mãe poderá deste quadro
Compreender a esplendida poesia:
Ela beijando o filho idolatrado
Que agitando as mãozinhas lhe sorria.

Poema “O Ninho” (Francisca Clotilde).

Acorda o grande estouvado
E o seu primeiro cuidado
É ir apanhar um ninho,
Entre as ramas do ingazeiro
Que cresce belo, altaneiro
Quase à borda do caminho.

Subiu valente e ousado,
O ninho tão desejado
Nas mãozinhas agarrou,
Depois, repleto de gozo,
Com ele, mui pressuroso
Pra casa se encaminhou.

– Vem ver, Neném, que coisinha,
Tão bela e engraçadinha
Esta manhã eu achei.
São dois lindos passarinhos,
Tão novos, tão bonitinhos,
Um deles eu dar-te-ei.

E à irmãzinha mostrava
O ninho que palpitava
Na sua mão impiedosa.
A Neném – toda carinhos
A mimava os pobrezinhos
Como uma mãe extremosa.

Mas, de repente, em seu rosto
Surge a nuvem de um desgosto,
Falando sério ao irmão
Ela diz: – Não fazes bem
Em roubar à uma mãe
Os filhos, é má ação!

Vai levar depressa o ninho
Onde o tiraste, irmãozinho,
Não conserves na orfandade
Estes pássaros implumes
Que estão soltando queixumes,
Cheios de dor e saudade.

Pensa bem: se nos roubassem
 À mamãe, e nos deixassem
 Privados de seu amor,
 De nós ambos que seria?
 Qualquer de nós sofreria
 Muitas angústias e dor.

Põe-te depressa a caminho,
 Leva com zelo este ninho
 À pobre mãe consternada.
 E nunca mais, meu irmão,
 Pratiques a má ação
 De roubar a prole amada

De uma mãe – toda ternura;
 Pois a qualquer criatura
 Nós devemos caridade.
 Leva as pobres avezinhas
 Que aqui piam sozinhas.
 Dói-me muito esta saudade.

O menino arrependido
 Tomou o ninho querido
 E pela estrada voou
 No mesmo ramo tremente
 O pôr o “par” inocente
 E alegre a casa tornou.

Desde então, quando brincava
 Pela estrada recordava
 As palavras de Neném
 – Não deves mais apanhar
 Avezinhas, nem roubar
 Os filhos à sua mãe.

Poema “O Oásis” (Francisca Clotilde).

Eis-me em pleno deserto! extenuada
 Aos ardores do sol, febril, sedenta,
 Minh'alma se acobarda e desalenta
 Pobre flor – sem orvalho, definhada.

Nem sequer com seu pranto a madrugada
 Ilude minha sede – Dor cruenta,
 A vida me tortura, atroz e lenta
 Sem deixar-me um momento aliviada.

No entanto – como um sonho benfazejo
 Que ao mísero consola, eu entrevejo
 Ao longe, do deserto pelo horror,

Aves, flores, palmeiras verdejantes,
 Regalos cristalinos, sussurrantes.
 O Oásis gentil do teu amor!

Poema “Paisagem Matinal” (Francisca Clotilde).

Vai despontando a luz irradiante
 Do rei do espaço...a terra se ilumina,
 A nevoa foge ao riso da matina,
 Rompe a rosa o invólucro fragrante,

Evola-se num perfume inebriante
Do meio dos jardins, e na campina
Escuta-se a harmonia peregrina
Das aves num concerto deslumbrante

E a gente ao ver a loura natureza
Inundada de luz e de beleza
De flores, de perfumes e gorjeio,

Sente um bem inefável que conforta
E a flor do prazer já quase morta
Desabrocha no íntimodo seio!

Poema “Pérfida” (Francisca Clotilde).

Tu tens a diabólica atração
Do fruto que se encontra no asfalita,
Cuja aparência cândida e bonita,
Esconde o vil horror da podridão.

Teu sorriso que a gente precipita
No fundo abismoda voraz paixão,
Disfarça as amarguras da traição,
Numa delícia pérfida e maldita.

De que te serve o encanto da beleza,
Se possuis a satânica crueza
De uma alma sem piedade trega e fera?

Tens no rosto as doçuras do ideal,
Mas no imo és protótipo do mal,
Riso de flor, entranhas de pantera!

Poema “Reminiscência” (Francisca Clotilde).

Era sempre ao sol pôr... Milhares de boninas
E rosas em botão, cravinas multicores,
Junquinhos delicados e outras muitas flores
Eu reunia feliz para as aras divinas

E que aroma sutil; nas horas vespertinas
A linda primavera – a quadra dos amores –
Espanhava a sorrir, enquanto as pequeninas
Nuvens d’ouro, no azul, refletiam fulgores.

Como eu relembro agora aqueles belos dias!
O sino a bimbalar...as doces litanias,
O trono envolto em luz, o incenso, a Mãe bendita...

Hoje o que se seduz? O mesmo céu é triste
E dentro de minha alma apenas subsiste
Da ventura fugaz a saudade infinita.

Poema “Saudades” (Francisca Clotilde).

A MINHA IRMÃ M.J.THAUMATURGO

Oh! minha irmã, não te lembras
Daquelas manhãs formosas,
Quando eu ia a sós contigo
No prado colher as rosas?
Quando tu me perseguias,

Para tomar-me as boninas
 Que brilhavam nas campinas
 Sorrindo aos beijos do sol?

Depois era a borboleta
 Tão alva como o jasmim,
 Que pousava no meu ombro
 Então chegavas-te a mim,
 E com um sorriso fagueiro
 Tomavas a coitadinha,
 Que segura pela asinha,
 Já não podia fugir.

E sempre a roubar-me as flores
 Passavas um dia inteiro,
 Em vão tentava ocultá-las
 Nas franças do jasmineiro;
 Quando ia pra juntá-las
 Em uma coroa formosa,
 Minhas flores, invejosa,
 Eu via nas tuas mãos.

Oh! como eu era feliz,
 Naquela idade de encantos,
 Quando, contigo à tardinha,
 Soltava meus débeis cantos!
 Quando no colo materno
 Adormecia contente,
 E num sonhar inocente
 Passava a noite a sorrir!

Mudou-se tudo depressa,
 Mirraram-se as minha flores,
 Foram pra longe de mim
 Meus inocentes amores,
 E, quando hoje à tardinha
 Ensaio meu triste canto.
 Já não sinto um doce encanto
 E em vez de cantar... soluço!

Oh! belos dias de outrora!
 Porque não voltas ainda,
 Como aquela luz de inocência
 Que em mim brilhava tão linda
 Oh! frescas manhãs de maio,
 Noites de amor encantadas,
 Meigas falenas rosadas
 Porque fugistes de mim?!

Já não tem pra mim encantos
 O despontar da alvorada,
 E as aves que em doces treinos
 Arrulham de madrugada;
 Aquelas brisas faceiras,
 As borboletas de neve.
 Já não me osculam de leve
 A triste fronte pendida!

Já não cintila nos céus
 Aquela estrela formosa,

Que as sombras de minha vida
 Dissipava esplendorosa,
 Tudo sumiu-se...e deixou
 Minha'alma em triste orfandade
 Somente a louca saudade
 Eu guardo sempre no peito.

Poema “Tédio” (Francisca Clotilde).

Busco abafar a cruciante dor
 Que me corrói a vida lentamente
 Mas não encontro um riso que acalente
 Meu coração repleto de tristor.

Tudo me engana! A própria vós do amor
 Cuja a harmonia vivida e potente
 Torna este mundo pântano de horror
 Mais belo do que o céu resplandecente,

É para mim mais falsa e sedutora
 Que o canto da sereia a traidora –
 Que iludeo pescador rude e sereno;

E em vez de mel, de mística ambrosia
 Dá-me no tédio lento que atrofia
 O saibo de um mortífero veneno

Poema “Uma História” (Francisca Clotilde).

A ALBA VALDEZ

Nunca ouviste em pequena,
 Minha casa feiticeira,
 Alguma história fagueira
 De princesa, ou peregrina?

Pois eu ouvi uma história
 Que agora te vou narrar.
 Guardei-a sempre em memória
 E nunca a pude olvidar.

Olha, Alba, bem pequena
 Ah! como a gente é feliz!
 Tem se a pureza do lis,
 Aberto em manhã serena.

Contaram que um rei havia
 Tão néscio, tão orgulhoso,
 Que a filha arcanjo mimoso
 Ao velo sorrir tremia.

E a todos os cortesãos
 Tratava de modo tal,
 Como se gênio do mal
 Agisse por suas mãos.

Um dia este rei cruel
 Viu a filha entristecida,
 Como florzinha pendida
 No canto de algum vergel.

E supondo que a criança,

Tivesse sede de amor,
Que é o Iris de bonança
Neste deserto de horror.

Quis logo brutal e vil
Saber qual era o segredo.
Que assim traia se a medo
Naquele rosto gentil.

E tendo obtido dela
Saber que fremente amava
Ao trovador que cantava
Bem junto a sua janela,

Mandou-a logo a prisão,
Como se fora o afeto.
Sirva um cárcere infecto,
Ou possa haver repressão!

Sabes que foi a donzela?
Fugiu ao pai vigilante,
Indo encontrar o amante
Por noite calmosa e bela.

O rei, ardendo em furor,
Mandou depressa matar
Todo aquele que ao luar
Cantasse trovas de amor.

Foi atroz a mortandade,
Por todo o reino potente
Houve um rugir de saudade,
Um choro enorme, plangente.

Mas breve por toda a corte
Ouviu-se estranha harmonia,
Que em pleno azul se perdia
Zombando da própria morte.

Eram pássaros a mil
Que cantavam seus amores
Em ramos cheios de flores,
Num bando alegre e subtil,

As almas dos menestréis,
A transbordar de carinhos,
Tiveram nos passarinhos,
Uns sucessores fiéis,

O rei assim castigado
Fugiu medonho e feroz
Guardando no peito atroz
Um ódio reconcentrado.

.....

Procura a moralidade
Desta inocente historinha.
Que tem talvez a verdade
De um conto de carochinha.